ESCOLHA CERTA
Editora

DINAMARA PEREIRA MACHADO
RENATA BURGO
ORG.

# O que NÃO está no Lattes

## RELATOS DE AMOR E TRABALHO



ESCOLHA CERTA
Editora

Dinamara Pereira Machado
Renata Burgo
Organizadoras

# O QUE NÃO ESTÁ NO LATTES:
## RELATOS DE AMOR E TRABALHO



# Ficha Catalográfica

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

O que não está no Lattes [livro eletrônico] : relatos de amor e trabalho / organização Dinamara Pereira Machado, Renata Burgo. -- Curitiba, PR : Escolha Certa Editora, 2026.
PDF

Várias autoras.
ISBN 978-65-85446-32-7

1. Identidade feminina 2. Memórias 3. Mulheres - Biografia 4. Narrativas pessoais 5. Relatos de experiências 6. Transformação pessoal I. Machado, Dinamara Pereira. II. Burgo, Renata.

26-396740.0 CDD-920.72

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Mulheres : Biografia 920.72

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

A Editora Escolha Certa informa aos leitores que:
Todos os autores e organizadores assinaram cartas de concordância com esta publicação, guardados em arquivos do sistema. Esta obra se desenvolve a partir do formato Creative Commons licenciada de acordo com os seguintes termos cc by+nc 4.0. Esta indicação permite que a obra seja utilizada de forma livre, referenciando o autor, não utilizando o material com finalidades comerciais.

Este trabalho utilizou a ferramenta Microsoft Copilot (M365 Copilot) como recurso de apoio à organização textual, à revisão linguística e à geração preliminar de sugestões de estrutura. Todas as contribuições geradas pela ferramenta foram analisadas criticamente, revisadas e validadas pelos autores e organizadores, que assumem integral responsabilidade pelo conteúdo final do texto.

ESCOLHA CERTA
Editora

# Sumário

*O que não está no Lattes*

Relatos de amor e trabalho


**01** **Aprender, ensinar e continuar aprendendo** **11**
*Katia Cristina Dambiski Soares*

**02** **Onde a força encontra a leveza** **14**
*Francieli Paes de Carvalho Castro*

**03** **Florinda, filha do rádio** **21**
*Florinda Cerdeira Pimentel*

**04** **Educar como travessia: memória, docência e compromisso histórico** **23**
*Waldirene Bellardo*

**05** **Quando o amor chega pelo caminho que escolhe** **27**
*Fabiana Kadota Pereira*

**06** **A vida começa aos 40** **29**
*Izabel Cristina de Freitas Prado*

**07** **Entre o chão de origem e os horizontes do mundo** **32**
*Cleci Elisa Albiero*

**08** **A memória como abrigo: um ensaio autobiográfico sobre trabalho, afetos e travessias** **35**
*Simone Zampier*

**09** **Entre línguas e silêncios: travessia de uma professora** **38**
*Danielle Fracaro da Cruz*

**10** **A menina que nasceu sorrindo** **47**
*Debora Gomes de Oliveira Klassen*

**11** **Entre o Habitus e a Exceção** **49**
*Gisele do Rocio Cordeiro*

**12** **Vinte anos depois** **51**
*Marcelly Mesquita*

**13** **O silêncio nunca me coube** **54**
*Graziele Aparecida Correa Ribeiro*

# Sumário

*O que não está no Lattes*

Relatos de amor e trabalho


14 **A menina que voltou professora: uma história de educação, gratidão e transformação** 57
*Renata Adriana Garbossa*

15 **Entre raízes e caminhos: uma história de herança, luta e transformação** 59
*Maristela R. S. Gripp*

16 **A vida que não pediu permissão** 61
*Edna Marta Oliveira da Silva*

17 **Sensibilidade que ensina: a docência como caminho de vida** 64
*Rita de Cássia Turmann Tuchinski*

18 **Mãe mulher** 67
*Deisily de Quadros*

19 **Entre o cuidar e o aprender: uma história de vida, educação e resiliência** 69
*Lisandra Babireski Barcia da Silva*

20 **Quem sou quando sou uma mulher em deslocamento** 74
*Larissa Priscila Bredow Hilgemberg*

21 **Entre caminhos e chamados** 77
*Ana Paula de Andrade Janz Elias*

22 **Ensinar como presença: quando a educação toca o que somos** 79
*Sandra Morais Ribeiro dos Santos*

23 **Quando os sonhos encontram caminho: a docência que amadureceu** 82
*Daiane Martins Batista*

24 **A mulher que aprendeu a não se adiar** 85
*Beatriz Maria Zoppo*

25 **As mulheres que habitei: todas ainda moram em mim** 88
*Kellin Cristina Melchior Inocencio*

26 **A história que aprendi a construir** 93
*Dinamara Pereira Machado*

27 **Permanência e superação** 99
*Renata Burgo Fedato*

# PREFÁCIO

Há uma cena que não consigo esquecer. Uma professora — mãos marcadas pelo tempo, voz firme, olhos que já viram muita coisa — entra numa sala de aula pela milionésima vez. Não porque seja obrigada. Não porque o salário justifique. Mas porque, lá dentro, existe uma razão que nenhum currículo lattes consegue descrever com precisão: ela acredita. Acredita no ser humano que está sentado à sua frente. Acredita que o que vai acontecer naquelas horas importa, mesmo que o mundo lá fora insista em dizer o contrário.

Esta cena se repetiu, com variações, na vida de cada uma das mulheres que assina as páginas deste livro. E o que me tocou profundamente, ao ler cada um desses relatos, foi perceber o quanto essa crença custou. Custou noites mal dormidas, diagnósticos assustadores encarados em silêncio, lutos atravessados sem pausa, corpos que adoeceram enquanto a agenda não dava trégua. Custou ser a única mulher numa sala cheia de homens e continuar. Custou nascer onde os sonhos ainda não tinham nome, e inventar um nome para eles mesmo assim.

Não se engane com o formato. Este não é um livro de memórias profissionais. É um livro de verdade — e a verdade, como sabemos, tem peso. Cada texto aqui reunido é um gesto de coragem: o gesto de uma mulher que decide contar o que de fato aconteceu, sem dourar, sem minimizar, sem pedir desculpas por ter sofrido, por ter errado, por ter mudado de ideia, por ter se reconstruído. Há quem tenha enfrentado câncer. Há quem tenha adotado uma filha. Há quem tenha atravessado a depressão ensinando, porque parar não era uma opção que a vida oferecia. Há quem tenha descoberto, já adulta, que o silêncio que aprendeu na infância era uma forma de sobrevivência — e que precisava, agora, aprender a falar.

O que mais me impressiona nesta obra é a sua recusa em ser uma só coisa. Aqui há mulheres pretas e brancas, mulheres com deficiência, mulheres que escolheram não casar, mulheres que adoeceram e se refizeram, mulheres que saíram do interior sem nada e chegaram ao doutorado, mulheres que

encontraram na fé o chão que a vida tirou de baixo dos pés. Nenhuma dessas histórias se anula. Todas elas, juntas, formam aquilo que a ciência às vezes chama de diversidade — mas que a vida chama, simplesmente, de realidade.

Como professora titular de uma universidade pública, passei décadas observando o que acontece quando o conhecimento encontra uma vida inteira disposta a carregá-lo. Aprendi que o que transforma uma estudante num ser pensante não é a transferência de conteúdo — é o encontro com alguém que ensina com o corpo inteiro, com a história toda, com as cicatrizes inclusive. É exatamente isso que cada autora deste livro faz: ensina com a vida. E isso, quero dizer com clareza, é o ato pedagógico mais honesto e mais poderoso que existe.

Tenho acompanhado, com admiração crescente, o trabalho desenvolvido pela equipe da Escola Superior de Educação, Humanidades e Línguas da UNINTER. Não é comum encontrar um grupo de educadoras que, além de ensinar, se permite ser ensinado pelas próprias experiências — e que transforma essa disposição em obra coletiva. É uma postura rara e necessária. Neste projeto, o que mais me comoveu foi reconhecer nas páginas a marca daquelas que o conduziram: a generosidade intelectual, o respeito profundo pela singularidade de cada voz, e a convicção de que a educação só é completa quando toca o que há de mais humano em cada pessoa.

A você que abre este livro — seja você professora ou estudante, mãe ou filha, pesquisadora ou leitora de fim de semana — aviso: você vai se reconhecer aqui. Não importa em qual história. Não importa em qual trecho. Em algum momento, uma frase vai parar exatamente no lugar certo, naquele cantinho que você achava que era só seu. E vai doer um pouco. E vai aliviar muito. Porque é assim que as histórias verdadeiras funcionam: elas não nos contam sobre outras pessoas. Elas nos contam sobre nós mesmas.

Há uma pergunta que este livro faz sem nunca pronunciar em voz alta, e que vai ficando mais alta à medida que as páginas passam: o que você faria se soubesse que a sua história também vale ser contada? A resposta começa aqui. Nestas páginas. Nessas vozes que tiveram a coragem de dizer: eu estive



aqui, eu atravessei isso, eu segui — mesmo sem aplausos, mesmo sem garantias, mesmo sem saber direito para onde.

**Profa. Dra. Célia Regina Cavichiolo Franco**
Professora Titular do Departamento de Biologia Celular
Universidade Federal do Paraná



# Apresentação

Há livros que se leem à distância. Este, não. Desde as primeiras páginas, somos convidadas e convidados a entrar em histórias que não se oferecem como exemplos perfeitos, mas como experiências humanas inteiras: atravessadas por alegrias, perdas, escolhas, cansaços, medos, afetos, trabalho, estudo e recomeços. São mulheres que escrevem a partir do que viveram e que, ao fazê-lo, transformam a memória pessoal em espaço de encontro. Cada narrativa possui sua própria voz, seu tempo e sua maneira de nomear o mundo; reunidas, elas formam uma comunidade de palavras na qual nenhuma mulher precisa explicar sua existência antes de ser escutada.

A empatia é, por isso, uma das chaves de leitura desta obra. Não a empatia apressada, que acredita compreender a dor alheia porque reconhece nela alguma semelhança com a própria, mas aquela que se aproxima com respeito, suspende julgamentos e aceita que a vida da outra não cabe em nossas medidas. Algumas autoras narram o corpo feminino como território de vulnerabilidade, adoecimento, transformação e reconciliação. Outras escrevem sobre luto, depressão, maternidade, ausência, solidão, fé, migração e pertencimento. Há quem retorne à infância para compreender a mulher que se tornou; quem reconheça nas figuras maternas a origem de sua força; quem encontre na docência uma forma de presença; e quem precise reaprender a não se adiar. Em todas essas experiências, o texto pede uma leitura desarmada.

Essa disposição para escutar conduz à sororidade, entendida aqui não como uma concordância automática entre mulheres, nem como uma palavra decorativa, mas como prática ética. Sororidade é recusar a lógica que nos coloca em permanente comparação e disputa. É reconhecer que as desigualdades não atingem todas do mesmo modo e que idade, raça, condição social, saúde, território, maternidade, trabalho e acesso à educação atravessam cada percurso de maneira singular. É também perceber que a conquista de uma mulher raramente é apenas individual: por trás dela existem mães, avós, filhas, professoras, colegas, amigas e tantas outras presenças que sustentaram caminhos, abriram portas ou simplesmente permaneceram ao lado quando seguir parecia impossível.

As narrativas deste livro tornam visíveis essas redes. O cuidado aparece em gestos familiares, na mão que acolhe, na profissional que doa conhecimento, na professora que identifica a insegurança de uma estudante, na colega que reconhece uma potência ainda não percebida. Mas a obra também não romantiza o cuidado. Suas páginas mostram mulheres que cuidaram de todos e precisaram aprender a cuidar de si; que enfrentaram o adoecimento sem se reduzir ao diagnóstico; que viveram a maternidade com amor, sem apagar suas identidades; que escolheram a solitude sem aceitá-la como sinônimo de abandono; e que ocuparam espaços profissionais nos quais sua voz nem sempre foi recebida com a mesma legitimidade concedida aos homens.

A educação atravessa grande parte desses relatos não apenas como profissão, mas como possibilidade de existência. A escola, a universidade e a sala de aula surgem como lugares de passagem, luta e transformação. Para essas mulheres, ensinar é mais do que transmitir conteúdos: é perceber quem chegou cansada, quem se sente estrangeira diante da linguagem acadêmica, quem carrega uma história que os formulários institucionais não alcançam. A docência torna-se presença quando combina conhecimento e sensibilidade, rigor e acolhimento, autoridade e escuta. Ao mesmo tempo, as autoras lembram que professoras também adoecem, duvidam, enfrentam perdas, sustentam famílias e precisam ser cuidadas. A humanização da educação começa quando reconhecemos a humanidade de quem aprende e de quem ensina.

Também merece atenção a forma como estas mulheres narram suas conquistas. Títulos, cargos, viagens, concursos, projetos e responsabilidades de liderança aparecem, mas não como uma enumeração destinada a provar valor. Eles são apresentados dentro das condições concretas em que foram alcançados: jornadas múltiplas, limitações financeiras, preconceitos, interrupções, mudanças de rota e decisões difíceis. Assim, o mérito deixa de ser uma explicação solitária e passa a conviver com a consciência das oportunidades recebidas, das renúncias realizadas e das mãos que ajudaram a tornar cada avanço possível. Essa compreensão não diminui nenhuma conquista; ao contrário, devolve-lhe densidade humana e sentido coletivo.

Não há, nestas páginas, um único modelo de mulher. Há quem tenha encontrado plenitude na maternidade e quem tenha precisado defender outras formas de viver. Há mulheres de diferentes gerações, origens, corpos, crenças e trajetórias. Algumas escrevem em primeira pessoa; outras criam personagens ou observam a própria história como quem conversa com as muitas mulheres que já habitou. Há textos marcados pela delicadeza, pelo humor, pela indignação, pela espiritualidade, pela saudade e pela coragem. Essa pluralidade é uma das maiores forças da obra, porque impede que a experiência feminina seja aprisionada em uma narrativa única.

Ao compartilhar memórias íntimas, as autoras realizam um gesto de confiança. Elas não pedem piedade, tampouco oferecem fórmulas de felicidade ou heroísmo. Convidam-nos a reconhecer que permanecer também é uma forma de coragem; que recomeçar não apaga o que foi vivido; que a força não exclui a fragilidade; e que pedir ajuda pode ser um ato de lucidez. Suas histórias mostram que superar nem sempre significa deixar algo para trás. Muitas vezes, significa aprender a caminhar com as marcas, atribuindo-lhes novos sentidos e recusando que elas definam, sozinhas, quem somos.

Ler este livro é aproximar-se de um círculo de mulheres que decidiram dizer: eu vivi, eu senti, eu escolhi, eu temi, eu resisti, eu mudei. Quando uma mulher encontra palavras para contar a própria vida, ela recupera a autoria de sua história. Quando outras mulheres a leem sem julgamento, essa autoria ganha companhia. É nesse ponto que empatia e sororidade deixam de ser conceitos e se tornam experiência: uma voz alcança outra voz; uma trajetória ajuda a iluminar outra trajetória; uma mulher descobre que sua dor não é motivo de vergonha e que sua potência não precisa ser diminuída para caber no mundo.

Que esta obra seja recebida com o mesmo cuidado com que foi escrita. Que cada capítulo seja lido como uma confidência e, ao mesmo tempo, como parte de uma memória coletiva que ainda precisa ser conhecida, valorizada e preservada. Que as diferenças entre essas mulheres não sejam apagadas, mas acolhidas como expressão da complexidade da vida. E que, ao final, permaneça em nós a disposição de olhar com mais ternura para nossas próprias histórias e com mais responsabilidade para as histórias das outras.

Estas páginas não encerram trajetórias. Elas as colocam em circulação. Ao fazê-lo, criam vínculos, interrompem silêncios e abrem espaço para que outras mulheres também contem quem foram, quem são e quem ainda desejam ser. Talvez seja essa a forma mais profunda de sororidade que um livro pode oferecer: nenhuma voz fala por todas, mas cada voz pronunciada torna menos solitário o caminho das demais.

Dinamara Pereira Machado
Renata Burgo



## “APRENDER, ENSINAR E CONTINUAR APRENDENDO”

*Katia Cristina Dambiski Soares*

Inicio este texto agradecendo a você, leitor(a), que dedica alguns momentos da sua vida — seu tempo, sempre tão precioso — para acompanhar esta reflexão. Vamos lá?
Algumas questões que nortearam este texto:
Quem sou eu?
Qual é a minha trajetória de vida e de profissão, como mulher e como ser humano?
De que maneira essa trajetória pode inspirar ou apoiar outras mulheres?
Como todos nós, seres humanos, sou constituída histórica e socialmente por múltiplas relações. Sou uma síntese complexa e, por vezes, contraditória de muitas experiências que me formaram: pela família — meus pais, irmãos, marido, filho; por todos aqueles que vieram antes de mim e possibilitaram as bases do meu desenvolvimento, meus ancestrais, que respeito, valorizo e sobre os quais gosto de pesquisar, descobrindo histórias que atravessaram gerações da minha família; pela formação cristã, católica, que também deixou marcas em mim; e pelas inúmeras pessoas que passaram pela minha vida e nela interferiram de alguma forma — amigos, vizinhos, professores e até aqueles com quem tive dificuldades de relacionamento. Quem não tem?
Sou fruto da escola pública, com muito orgulho! Essa é, sem dúvida, a bandeira que carrego sempre à minha frente: a defesa da educação pública, de qualidade, para todos e todas. Estudei desde o primeiro ano do ensino fundamental — que, nos anos 1970, chamava-se primário ou primeiro grau — até a pós-graduação, sempre em instituições públicas. Na escola pública fiz o ensino médio (curso de Magistério), o ensino superior (graduação em Pedagogia) e a pós-graduação: especializações em Filosofia Política e em Organização do Trabalho Pedagógico, além do Mestrado e do Doutorado em Educação.
Sempre quis ser professora. Nunca me passou outra ideia pela cabeça. Sou filha de trabalhadores. Meu pai, já falecido, era alfaiate — profissão que aprendeu com meu avô — e trabalhou por muitos anos no comércio. Minha mãe, com ensino médio completo, trabalhou como secretária em uma indústria. Hoje, com mais de oitenta anos, está aposentada, mas continua extremamente ativa: faz tricô, frequenta a igreja, pratica Pilates, cozinha, cuida da casa com autonomia. É um exemplo da nova terceira idade — aposentada, sim; inativa, nunca. Ela sempre trabalhou e, ao mesmo tempo, cuidou dos filhos (somos três irmãos), com o apoio da minha avó materna, que morava conosco. Mulheres fortes que me educaram.

Meus pais sempre foram exemplos de vida e de incentivo aos estudos, ao trabalho e à firmeza de caráter. Com eles aprendi que o maior bem que alguém pode ter é o conhecimento.
Sempre fizeram questão de que os estudos estivessem em primeiro lugar. Tínhamos livros em casa, adquiridos com muito esforço e trabalho. Havia até a famosa Enciclopédia Barsa, certamente paga em muitas prestações — quem viveu os anos 1980 sabe que, sem Google, a Barsa era a solução. As coisas não eram fáceis, mas nunca nos faltou o essencial, graças ao trabalho assalariado dos meus pais.
Se minha mãe fazia questão de que houvesse livros e discos de vinil com histórias infantis em casa, meu pai era apaixonado por cinema e música. Com ele, assisti a muitos filmes. Ele gostava de colocar música — geralmente orquestrada — bem alta quando estava feliz, e dançava conosco. Em família, íamos juntos à missa aos domingos, passeávamos de bicicleta, frequentávamos parques, soltávamos pipa, jogávamos futebol de botão, bolinha de gude... tempos bons!

Voltando à escolha profissional e ao caminho para ser professora: tive a oportunidade de cursar o Magistério em nível médio em uma instituição de referência no estado do Paraná, o Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto (IEPEP), uma escola centenária e marco na história da formação de professores da educação básica no sul do país. Foi também nesse período que iniciei formalmente meu trabalho na área da educação. Antes, já atuava como catequista na igreja, mas passei a trabalhar em uma pré-escola particular. Eu tinha, então, 16 ou 17 anos.

Segui estudando e fui aprovada no vestibular para o curso de Pedagogia na Universidade Federal do Paraná — uma grande conquista, especialmente considerando a dificuldade de ingresso nas universidades públicas, ainda maior no final dos anos 1980 para quem não havia feito cursinho preparatório particular. A entrada na universidade abriu um novo mundo de estudos e, concomitantemente, aos 18 anos, fui aprovada no meu primeiro concurso público para professora da rede municipal de ensino.

De lá para cá, são quase 40 anos de dedicação à educação, sendo mais de 30 anos na escola pública de educação básica. Atualmente, sou aposentada como pedagoga da rede pública de um município da região metropolitana de Curitiba, mas continuo atuando no ensino superior.

Minha trajetória sempre articulou prática profissional e estudos. Nunca parei de trabalhar apenas para estudar, com exceção dos dois últimos anos do doutorado em Educação, período em que fui bolsista da CAPES/CNPq. A graduação, as especializações, o mestrado e boa parte do doutorado foram realizados simultaneamente ao trabalho, aos cuidados com a família, com a casa e com o filho. Gosto de compartilhar isso com meus alunos como forma de incentivo àqueles que, assim como eu, precisam trabalhar e estudar ao mesmo tempo. No caso das mulheres, somam-se ainda, muitas vezes, as responsabilidades com a casa e os filhos. Não é fácil — não foi fácil —, mas é possível.

Compartilho, assim, da ideia de António Nóvoa de que o desenvolvimento profissional docente envolve a formação inicial, a formação continuada e a experiência profissional. Cada pessoa tem sua própria trajetória, mas esse tripé constitui a base que sustenta o desenvolvimento na profissão.

Para mim, o maior aprendizado é compreender que estamos sempre aprendendo e que aprendemos na relação com o outro. Gosto tanto de aprender que minhas grandes paixões são a leitura — adoro livros — e as viagens. Se pudesse, e quem sabe ainda possa, gostaria de conhecer muitos outros lugares deste mundo. Amo a praia, o mar e sua imensidão.

O mundo é imenso, os conhecimentos são infinitos, e isso às vezes provoca uma certa angústia: o tempo é finito, nós somos finitos, e nossas possibilidades são frequentemente limitadas pelas condições reais de vida. Ao mesmo tempo, essa consciência nos convida a valorizar o tempo, a aproveitá-lo com mais intensidade. Cada minuto, cada segundo de vida importa.

**A você que escolheu gastar um pouco do seu tempo lendo estas linhas, deixo uma referência que traduz bem o que tentei expressar aqui: o filme Sociedade dos Poetas Mortos. Carpe Diem, do latim — aproveite o dia!**






## ONDE A FORÇA ENCONTRA A LEVEZA

*Francieli Paes de Carvalho Castro*

Nasci em Ribeirão Branco, no interior de São Paulo, em uma família na qual as mulheres sempre souberam conduzir o caminhar.
Foram elas que me ensinaram a seguir. Mulheres que talvez nem sempre tenham reconhecido a grandeza que carregavam, mas que sustentaram famílias, enfrentaram desafios e abriram caminhos com uma coragem silenciosa. Mulheres que transformavam o pouco em suficiente, o cansaço em cuidado e as dificuldades em razões para continuar.

Cresci observando essa força. Não aquela que se impõe ou precisa anunciar a própria presença, mas a que se revela nos gestos cotidianos: no alimento repartido, na palavra oferecida no momento certo e na mão estendida sem esperar reconhecimento. Era uma força discreta, quase invisível, mas capaz de sustentar vidas inteiras.
Foi nesse universo de afetos, lutas e aprendizados que cresci. Talvez por isso eu tenha sido uma menina tão disponível para a vida. Na escola, queria participar de tudo. Dançava, fazia teatro, jogava, corria nas provas de atletismo e me entregava com entusiasmo a cada nova experiência. Gostava do movimento, dos encontros e da alegria de descobrir aquilo que ainda não conhecia.
Havia em mim uma curiosidade inquieta e, ao mesmo tempo, uma confiança quase natural de que sempre seria possível encontrar uma saída. Eu ainda não sabia, mas essa maneira de olhar para o mundo já guardava muito das mulheres que vieram antes de mim.
Foi também na infância que aprendi uma das lições mais importantes de minha história: devemos estender a mão porque esse é o gesto certo a fazer.
Minha mãe foi a expressão mais profunda dessa verdade.
Ela estudou somente até o quarto ano do ensino básico. Quando eu tinha seis anos, separou-se de meu pai. Era mãe de sete filhos, e eu, a caçula. Poderia ter permitido que as dificuldades determinassem os limites de nosso futuro, mas escolheu fazer o contrário. Com os recursos que possuía e uma coragem que parecia não se esgotar, conduziu cada um de nós para que estudássemos, tivéssemos uma profissão e, acima de qualquer conquista, nos tornássemos pessoas de bem.

Minha mãe talvez não tenha permanecido nos bancos escolares pelo tempo que desejava, mas possuía uma sabedoria que não cabia nos livros. Sabia que o estudo podia abrir portas, que o trabalho deveria ser realizado com dignidade e que nenhuma profissão teria verdadeiro valor se não fosse acompanhada de caráter, respeito e humanidade.

Sua forma de ensinar não dependia de longos discursos. Ela ensinava vivendo.

Foi observando sua vida que compreendi que a generosidade não nasce da abundância. Nasce da disposição de repartir o que se tem, mesmo quando parece pouco.

Certo dia, minha mãe chegou em casa acompanhada de um menino chamado João. Ele enfrentava problemas de saúde e precisava de cuidados e de consultas frequentes em um hospital próximo de nossa residência.

Naquela época, eu ainda era criança e não compreendia por que ele precisava ficar conosco. Nossa família já era numerosa, e sua chegada modificava uma rotina que, aos meus olhos, parecia completa. Eu não entendia o que havia levado minha mãe a abrir a porta de nossa casa para alguém que conhecíamos tão pouco.

Aos poucos, porém, fui conhecendo sua história.

João vinha de uma família que atravessava muitas dificuldades. Sua mãe não tinha condições de lhe oferecer os cuidados necessários nem de acompanhá-lo com frequência às consultas médicas. Diante daquela realidade, minha mãe fez o que, para ela, parecia ser a única resposta possível: estendeu a mão.

Não fez promessas grandiosas. Não possuía recursos extraordinários. Não esperava reconhecimento. Apenas disse que cuidaria dele por algum tempo e que ele poderia permanecer em nossa casa enquanto precisasse.

**E cuidou.**

Os dias transformaram-se em meses, e os meses, em anos. Aos poucos, fui me acostumando com sua presença. João começou a frequentar a escola, passou a colaborar com os afazeres da casa, fez amizades e encontrou seu lugar em nossa rotina. Compartilhou nossas refeições, nossas dificuldades, nossas alegrias e os pequenos acontecimentos que constroem a vida de uma família.

Quase sem percebermos, deixou de ser o menino que ficaria conosco por algum tempo. Tornou-se parte de nós.

João cresceu em nossa casa e permaneceu conosco até a vida adulta. Hoje é casado e pai de uma menina linda. Construiu sua própria família, mas nunca deixou de pertencer à nossa.

**Ele também tem a mesma mãe que eu.**

O gesto de minha mãe ensinou-me mais do que muitas palavras poderiam ensinar. Mostrou-me que uma família não é constituída apenas por laços de sangue. Ela também pode nascer de uma porta aberta, de um lugar à mesa, da convivência diária e da decisão de cuidar.

Ensinou-me que acolher alguém é reconhecer sua humanidade antes de qualquer diferença. Mostrou-me, ainda, que algumas pessoas transformam vidas não pelos discursos que fazem, mas pelos espaços que abrem dentro de casa e no próprio coração.

Naquela época, não existiam redes sociais, curtidas ou seguidores. A bondade não precisava ser fotografada, registrada ou compartilhada. Ela simplesmente acontecia.

Estava no copo de leite oferecido, na visita inesperada, na escuta paciente e no olhar de compaixão dirigido a quem precisava ser visto. Estava também na coragem de acolher uma criança e permitir que ela encontrasse um lugar seguro para crescer.

Compreendi, então, que bondade não é sinônimo de caridade. Nem sempre temos muito para oferecer, mas podemos repartir aquilo que somos.

Às vezes, uma presença verdadeira alimenta mais do que qualquer bem material. Uma palavra acolhedora pode devolver a esperança. Um olhar sem julgamento pode lembrar alguém de que ainda existe um lugar para ela no mundo.

Foi assim, entre exemplos, experiências e afetos, que comecei a desenhar a mulher que sou.

A menina curiosa do interior cresceu, mas não perdeu o desejo de participar, aprender e transformar. Aos poucos, encontrei na educação um espaço em que tudo aquilo em que eu acreditava se encontrava: o conhecimento, o cuidado com o outro e a possibilidade de contribuir para que cada pessoa reconhecesse o próprio potencial.

Minha trajetória acadêmica foi construída passo a passo e nasceu desse desejo permanente de aprender. Formei-me em Letras, Pedagogia e Comércio Exterior. Busquei novos conhecimentos por meio de especializações e, mais tarde, concluí o mestrado em Educação e Novas Tecnologias, ampliando meu olhar sobre as relações entre educação, inclusão, inovação e desenvolvimento humano.

Cada formação representou muito mais do que um diploma. Por trás de cada conquista havia noites de estudo, escolhas difíceis, renúncias silenciosas, responsabilidades e sonhos que se recusavam a adormecer, mesmo quando o cansaço dizia o contrário.

Em cada novo passo, eu sentia a presença das mulheres de minha família. Era como se cada realização carregasse um pouco da força daquelas que vieram antes de mim. Como se, por meio de minhas conquistas, eu também pudesse continuar uma história que elas começaram a escrever muito antes de minha chegada.

Talvez por isso a educação tenha se tornado tão significativa em minha vida.

Minha mãe, embora tenha estudado por poucos anos, compreendia o poder transformador do conhecimento. Foi ela quem conduziu os sete filhos para que tivéssemos acesso às oportunidades que não estiveram ao seu alcance. Foi ela quem nos ensinou que aprender era também uma forma de conquistar liberdade, dignidade e autonomia.

Cada vez que entro em uma sala de aula, participo da formação de professores ou contribuo para que alguém prossiga em seus estudos, reconheço um pouco desse legado. Em cada pessoa que ajudo a avançar, existe algo daquela mulher que, mesmo diante de tantas limitações, jamais permitiu que seus filhos deixassem de sonhar.

Ao longo de mais de vinte anos de atuação profissional, fiz da educação não apenas uma carreira, mas um propósito. Atuei na formação de professores, na gestão acadêmica, no desenvolvimento de projetos institucionais e na criação de iniciativas voltadas à formação e à transformação de pessoas.

Nesse percurso, compreendi que ensinar é uma forma permanente de aprender. Descobri que liderar é, ao mesmo tempo, gratificante e desafiador. Liderança não significa caminhar à frente de todos, mas saber caminhar ao lado. Significa ouvir, acolher, apoiar e ajudar cada pessoa a reconhecer as possibilidades que, muitas vezes, ainda não consegue enxergar em si mesma.

Aprendi também que o conhecimento só alcança seu verdadeiro valor quando é compartilhado.

Minha história profissional foi construída com trabalho, estudo e, principalmente, pessoas. Nenhuma conquista aconteceu sozinha. Em cada porta que se abriu, encontrei alguém disposto a apoiar, orientar ou incentivar. E, sempre que pude, procurei também estender as mãos, repetindo, à minha maneira, o gesto que tantas vezes testemunhei dentro de casa.

A vida, generosa em desafios e possibilidades, conduziu-me a um novo capítulo: a aprovação no doutorado em Educação.

Esse sonho representa a continuidade de uma jornada construída com dedicação e perseverança, mas também marca o início de um tempo de descobertas. Sei que encontrarei novos conhecimentos, outras culturas, diferentes formas de pensar e perguntas para as quais talvez ainda não existam respostas.

E isso me encanta.

Existe em mim uma mulher que deseja aprender, pesquisar, compartilhar saberes e ampliar horizontes. Mas existe também outra, mais silenciosa, que compreende que essa experiência não transformará apenas minha trajetória acadêmica. Ela modificará a maneira como compreendo a mim mesma, as outras pessoas e o mundo ao meu redor.

Diante desse novo horizonte, renasce em mim a curiosidade daquela menina de Ribeirão Branco.

A menina que aceitava desafios com os olhos cheios de entusiasmo agora se prepara para atravessar fronteiras, fazer novas descobertas e reconhecer outras possibilidades de existência. Levo comigo tudo o que vivi, mas abro espaço para aquilo que ainda posso me tornar.

Existe expectativa, é claro. Existem sonhos, planos e as inseguranças próprias de quem se aproxima do desconhecido. No entanto, não desejo chegar a essa nova etapa carregando todas as respostas.

Quero chegar aberta às perguntas.

Aos encontros.

Às experiências capazes de ensinar aquilo que os livros, sozinhos, não conseguem explicar.

A mulher que estou me tornando não abandona aquela que fui. Ao contrário, acolhe cada uma de minhas versões: a menina alegre, a estudante dedicada, a educadora apaixonada, a profissional perseverante, a mãe, a esposa, a amiga e a mulher que continua sonhando.

Cada uma delas vive em mim.

Essa mulher reconhece suas raízes e honra sua história, mas também se permite florescer em outros lugares. Sabe de onde veio, reconhece o que precisou atravessar e compreende que seguir adiante não significa abandonar o passado. Significa carregá-lo de outra forma, transformado em memória, aprendizado e força.

Talvez essa seja uma das descobertas mais preciosas da maturidade: compreender que não existe uma versão final de nós mesmas.

Estamos sempre nos tornando.

A cada escolha, encontro, perda ou recomeço, algo em nós se transforma. Algumas partes permanecem. Outras se renovam. E novas possibilidades encontram espaço para nascer.

Crescer não é alcançar um destino definitivo. É aceitar o movimento da vida e permitir que cada experiência revele uma nova dimensão de quem somos.

Quando volto o olhar para o início de minha história, ainda consigo ver aquela menina entrando no palco da escola, correndo em uma pista de atletismo ou aceitando mais um desafio com entusiasmo. Ela permanece viva em mim.

É ela quem me convida a continuar curiosa.

É ela quem me faz acreditar nos recomeços.

É ela quem me lembra de não perder a alegria durante o percurso.

Foi a perseverança que me trouxe até aqui.

Mas foi a leveza que me permitiu continuar.

Perseverar não significa avançar sem medo. Significa caminhar mesmo quando a insegurança nos acompanha. É respeitar o próprio tempo sem abandonar os próprios sonhos. É respirar fundo, reconhecer o cansaço e, ainda assim, encontrar dentro de si uma razão para dar mais um passo.

**A leveza, por sua vez, não é a ausência de dificuldades. É a escolha de não permitir que elas ocupem todos os espaços dentro de nós.**

**Leveza é preservar a capacidade de sorrir depois dos dias difíceis.**

**É reconhecer a dor sem entregar a ela toda a paisagem.**

**É compreender que ser forte não exige endurecer.**

**Hoje escolho seguir com ambas: a perseverança que sustenta meus passos e a leveza que protege meu coração.**



Quando observo minha trajetória, vejo diplomas, projetos, desafios e conquistas. Mas vejo, sobretudo, pessoas.

Vejo as mulheres de minha família, que me ensinaram a conduzir o caminhar.

Vejo minha mãe, que, mesmo tendo estudado somente até o quarto ano do ensino básico, conduziu os sete filhos pelo caminho do conhecimento, do trabalho e da dignidade.

Vejo João, cuja presença ampliou para sempre minha compreensão sobre família, acolhimento e pertencimento.

Vejo a menina que acreditava na vida, a educadora que encontrou propósito no conhecimento e a mulher que aprendeu a transformar sonhos em escolhas.

Minha história não foi escrita apenas nos momentos em que venci. Ela também foi escrita nas pausas, nas dúvidas, nos caminhos refeitos e nas inúmeras vezes em que precisei respirar fundo e começar novamente.

Por isso, já não busco uma caminhada perfeita.

Quero uma caminhada verdadeira.

Uma caminhada que honre minhas raízes, acolha minhas fragilidades e me permita seguir adiante sem perder a ternura.

Ainda tenho muitos caminhos a percorrer. E seguirei levando comigo a coragem das mulheres que me antecederam, a sabedoria de minha mãe, a alegria daquela menina que queria participar de tudo e a esperança da mulher que continuo me tornando.

Porque vencer, para mim, nunca significou chegar primeiro ou caminhar sem tropeços.

**Vencer é não desistir de si mesma.**

**É permanecer fiel à própria essência, mesmo quando a vida exige recomeços.**

**É seguir com firmeza sem abandonar a sensibilidade.**

**É compreender que força e ternura não são opostas.**

**Ao contrário, é justamente quando se encontram que revelam quem verdadeiramente somos.**

**É reconhecer que os desvios, as pausas e até as quedas também ajudaram a desenhar o percurso.**

**É ter coragem suficiente para continuar e leveza suficiente para não se perder de si mesma.**

**E, se hoje sei para onde desejo ir, é porque aprendi a honrar o lugar de onde vim.**



# Florinda, filha do rádio

*Florinda Cerdeira Pimentel*

Há histórias que começam com um encontro casual. Outras, com um gesto simples. A de Florinda Cerdeira Pimentel começa com um som — não qualquer som, mas aquele que atravessa paredes, casas e décadas: o som do rádio.

Antes mesmo de existir como nome escrito em certidão, Florinda já estava em suspenso no ar, dissolvida entre as ondas radiofônicas que uniram seus pais. o Maestro Mauro Cerdeira e a cantora "Cidica" se encontraram não apenas fisicamente nos corredores da Rádio Record, em São Paulo, mas simbolicamente no lugar onde a música deixa de ser apenas arte e passa a ser destino. Ele, copista, habituado ao rigor das partituras e à disciplina silenciosa dos bastidores; ela, cantora, voz que ecoava sonhos e canções, especialmente as de Dalva de Oliveira, como se cada interpretação fosse um pedaço de si entregue ao mundo.

A história, contada inúmeras vezes em família, já ganhou contornos de cena cinematográfica: pacotes que caem, um pedido de ajuda, um homem gentil, alto, de olhos claros, e uma mulher que, mesmo sem saber o resultado do teste na rádio, sairia dali com algo muito maior do que um contrato — sairia com um futuro. O endereço deixado como promessa virou visita, a visita virou namoro, e o namoro virou uma vida inteira construída com música, fé, cumplicidade e perseverança.

A carreira de Apparecida nos palcos do rádio foi breve, interrompida pela fragilidade do corpo e pelas exigências da maternidade. Mas a música nunca saiu dela. Ela continuou cantando em casa, entre paredes que acolhiam não apenas a voz, mas uma forma de ensinar sem didatizar: viver cantando. Mauro, por sua vez, fez da música um compromisso prolongado, à frente da Banda Sinfônica Henrique Marques de Limeira por cinquenta anos. Meio século regendo não apenas músicos, mas gerações, formando caráter, ouvido e pertencimento.

Florinda cresceu nesse mundo onde a música não era exceção — era regra. Numa casa onde todos os quatro irmãos se tornaram músicos, o silêncio nunca foi ausência; era apenas intervalo. As histórias do rádio, dos palcos, dos ensaios intermináveis e das viagens se misturavam ao cotidiano. Aprendeu-se cedo que música não é só talento, é disciplina; não é só dom, é ofício; não é só arte, é herança.



Talvez por isso Florinda nunca tenha conseguido separar completamente vida e música. O que para muitos é escolha profissional, para ela sempre foi continuidade. Ao seguir a carreira acadêmica, não se afastou do afeto: aprofundou-o. Sua formação em Música, História e Artes Visuais, culminando no mestrado em Música pela Unespar, não representa um rompimento com o passado, mas um diálogo respeitoso com ele.

Ao pesquisar a trajetória de Stellinha Egg, cantora que também teve no rádio o início de uma vida compartilhada com a música e com o amor, Florinda não estava apenas investigando um objeto acadêmico. Estava se olhando num espelho histórico. Stellinha e seu esposo, Lindolfo Gaya, assim como Mauro e Apparecida, haviam se encontrado no rádio e feito da música um projeto comum de vida. Reconhecer-se nessa história foi reconhecer que certas trajetórias não são individuais — são linhas que se repetem, se transformam, mas não se rompem.

Hoje, como professora efetiva do Centro Universitário Internacional Uninter, Florinda ocupa outro lugar da mesma partitura. Atua na educação musical com a maturidade de quem viveu a música antes de estudá-la, de quem reconhece nos alunos não apenas aprendizes, mas continuadores possíveis de uma tradição sensível e humana. Sua experiência como flautista e clarinetista em bandas e orquestras do Paraná e de São Paulo reforça aquilo que sua trajetória sempre demonstrou: teoria e prática não se separam quando a música é vivida por inteiro.

Florinda segue, assim, como filha do rádio, da música e da memória. Carrega no nome, no gesto e na escolha profissional uma linhagem que entende a arte como modo de existir. E, como disse seu pai em uma entrevista a um jornal, se um dia lhe perguntarem o que fez com o dom que recebeu, talvez a resposta venha simples, como quem sabe exatamente de onde vem e para onde vai:



**Aproveitou nota por nota.**

# EDUCAR COMO TRAVESSIA:
# MEMÓRIA, DOCÊNCIA E COMPROMISSO HISTÓRICO

*Waldirene Bellardo*

Minha história pessoal e minha trajetória profissional nunca caminharam em linhas paralelas. Elas se cruzaram, se tensionaram e, muitas vezes, se sustentaram mutuamente. Antes mesmo de me reconhecer como professora, eu já carregava marcas de experiências que moldariam meu modo de ensinar, de aprender e de existir. Escrever este memorial é um exercício de memória e autoria: olhar para trás não apenas para lembrar, mas para compreender como me tornei a mulher e a docente que sou hoje.
Iniciei minha trajetória profissional aos quatorze anos, quando ingressei no Instituto de Educação do Paraná. Àquele tempo, mais do que uma escolha consciente de profissão, tratava-se de uma escolha simbólica: pela instituição, por aquilo que ela representava historicamente e, também, por um sonho que não era apenas meu, mas de meu pai. Havia ali um pacto silencioso entre pertencimento, expectativa e futuro.

Minha formação se deu integralmente na escola pública — da pré-escola ao doutorado — percurso que não apenas me educou, mas me constituiu. No Instituto, cursei o antigo magistério e foi, sobretudo, por meio dos estágios, que a escola deixou de ser apenas cenário familiar para se tornar objeto de estranhamento e reflexão. A sala de aula, antes lugar de estudante, passou a ser vista desde dentro, com suas tensões, silêncios e possibilidades. Os desafios me assustavam, mas também me encorajavam. Nesse movimento ambíguo, a docência começou a ganhar corpo em mim.

Aos dezessete anos, concluí o magistério e prestei concurso público para professora da pré-escola e do antigo primário. Fui aprovada e iniciei minha atuação profissional na pré-escola, espaço em que a infância se manifesta em sua inteireza: corpo, linguagem, imaginação e cuidado. Nesse mesmo período, fui aprovada no curso de Pedagogia da Universidade Federal do Paraná e, ainda naquele ano, cursei o Adicional de Pré-escola no Instituto de Educação do Paraná. Minha rotina passou a ser marcada por jornadas extensas: trabalho pela manhã, universidade à tarde e Instituto à noite, todos os dias.

Já intuía, ainda que de forma não totalmente elaborada, que ser professora exigia mais do que disposição ou técnica. Começava a compreender a imensa responsabilidade ética que acompanha essa profissão. O estudo nunca foi, para mim, um adereço ou uma exigência externa, mas uma necessidade constitutiva. Desde então, nunca mais parei de estudar. Aprender tornou-se parte indissociável do meu modo de ser professora e de estar no mundo.

Na Rede Municipal de Ensino de Curitiba, onde ingressei aos dezoito anos, permaneci por trinta anos, até a aposentadoria. Ali vivi a docência em suas múltiplas formas: fui professora da pré-escola, alfabetizadora, professora de turmas de 3º e 4º anos, professora de contraturno e de classes de aceleração. Cada experiência reafirmava que ensinar não é repetir métodos, mas ler contextos, escutar sujeitos e reinventar caminhos.

Após anos em sala de aula, realizei concurso interno e passei a atuar como pedagoga na rede municipal. Novos horizontes se abriram, acompanhados de responsabilidades ampliadas. Já não se tratava apenas de uma turma, mas de um projeto de escola. O olhar precisou se expandir: do cotidiano imediato para o coletivo, do gesto individual para a ação institucional. Ao longo desse percurso, trabalhei em dez escolas e em um CMEI, experiências que aprofundaram minha compreensão da escola pública como espaço de complexidade, resistência e possibilidade.

Concomitantemente, ao concluir o curso de Pedagogia, realizei um dos meus grandes sonhos profissionais: tornei-me professora do Instituto de Educação do Paraná, o mesmo espaço em que havia me formado no magistério. Retornar ao Instituto, agora como formadora, teve um significado profundamente simbólico. Eu passava a participar da formação de novos docentes, devolvendo à instituição parte do que nela havia recebido. Esse ciclo foi interrompido em 2001, quando uma política educacional estadual extinguiu os cursos profissionalizantes e, com eles, o magistério. Foi um período de profunda tristeza. O fechamento desses cursos representou não apenas uma mudança administrativa, mas a perda de uma tradição formativa e o rompimento de vínculos pedagógicos e afetivos construídos ao longo do tempo. Diante dessa ruptura, foi preciso reinventar caminhos.

Ingressei, então, no Mestrado em Educação pela Universidade Federal do Paraná e passei a atuar no Ensino Superior como docente do curso de Pedagogia. Essa transição marcou uma nova etapa da minha trajetória, vivida com intensa alegria. A docência universitária ampliou minhas possibilidades de reflexão, pesquisa e formação, permitindo articular experiência prática e produção de conhecimento.
Em 2004, ingressei na UNINTER, então denominada Facinter. Fui professora da primeira turma de Pedagogia da instituição e acompanhei, ao longo dos anos, seu crescimento e consolidação. Ao mesmo tempo em que atuava no Ensino Superior, mantive minha inserção na educação básica, construindo uma trajetória concomitante que se estendeu por mais de três décadas e que se tornaria uma das marcas mais singulares da minha formação profissional.
Entre março de 2011 e março de 2015, realizei o Doutorado em Educação na Universidade Federal do Paraná, na linha de Políticas Educacionais. Esse período foi especialmente intenso e formativo, pois, entre os anos de 2013 e 2014, assumi o cargo de Diretora do Departamento de Ensino Fundamental da Rede Municipal de Ensino de Curitiba. Trata-se de uma experiência ímpar em minha trajetória, que me permitiu compreender, desde dentro, o funcionamento da política educacional e os complexos processos que atravessam a gestão pública da educação.

O exercício dessa função revelou desafios, tensões e obstáculos próprios do campo da gestão educacional. Contudo, foi também um tempo de aprendizagens profundas e de construção coletiva. Em diálogo permanente com a equipe do departamento e com os profissionais das escolas da rede, foi possível conceber e implementar ações inéditas, orientadas pela defesa do direito à educação, pela valorização do trabalho docente e pela centralidade do projeto pedagógico.

Dentre essas ações, destaco a ampliação da carga horária destinada à hora atividade, alcançando 33% da carga horária de trabalho docente, vinculada a um projeto pedagógico de trabalho coletivo entre professores regentes e de fomento à ciência. Outra iniciativa fundamental foi a elaboração de um plano de formação continuada fundamentado nas necessidades concretas das escolas, entregue com antecedência no início do ano letivo, de modo a garantir a organização institucional e o planejamento anual da formação numa perspectiva coletiva, e não apenas individual.

Nesse mesmo contexto, a criação do Projeto CEREJA, voltado à Educação de Jovens e Adultos, constituiu um marco importante. Destinado a enfrentar a evasão escolar nessa modalidade e a garantir o direito à educação àqueles que foram historicamente excluídos desse direito, o projeto representou um avanço significativo e foi reconhecido com o Prêmio Paulo Freire, reafirmando a potência das políticas educacionais construídas com escuta, compromisso social e responsabilidade pública.

No âmbito da docência universitária, minha atuação nos cursos de Pedagogia da UNINTER foi marcada por um intenso vínculo com os estudantes e pelo reconhecimento coletivo do trabalho desenvolvido. Enquanto atuei nas turmas presenciais, fui professora homenageada oito vezes, paraninfa em seis ocasiões e nome de turma por três vezes. Em 2017, recebi o Prêmio Professora Inclusiva da UNINTER, distinção que muito me honra, por reconhecer o empenho na construção de uma cultura de inclusão no ambiente acadêmico.

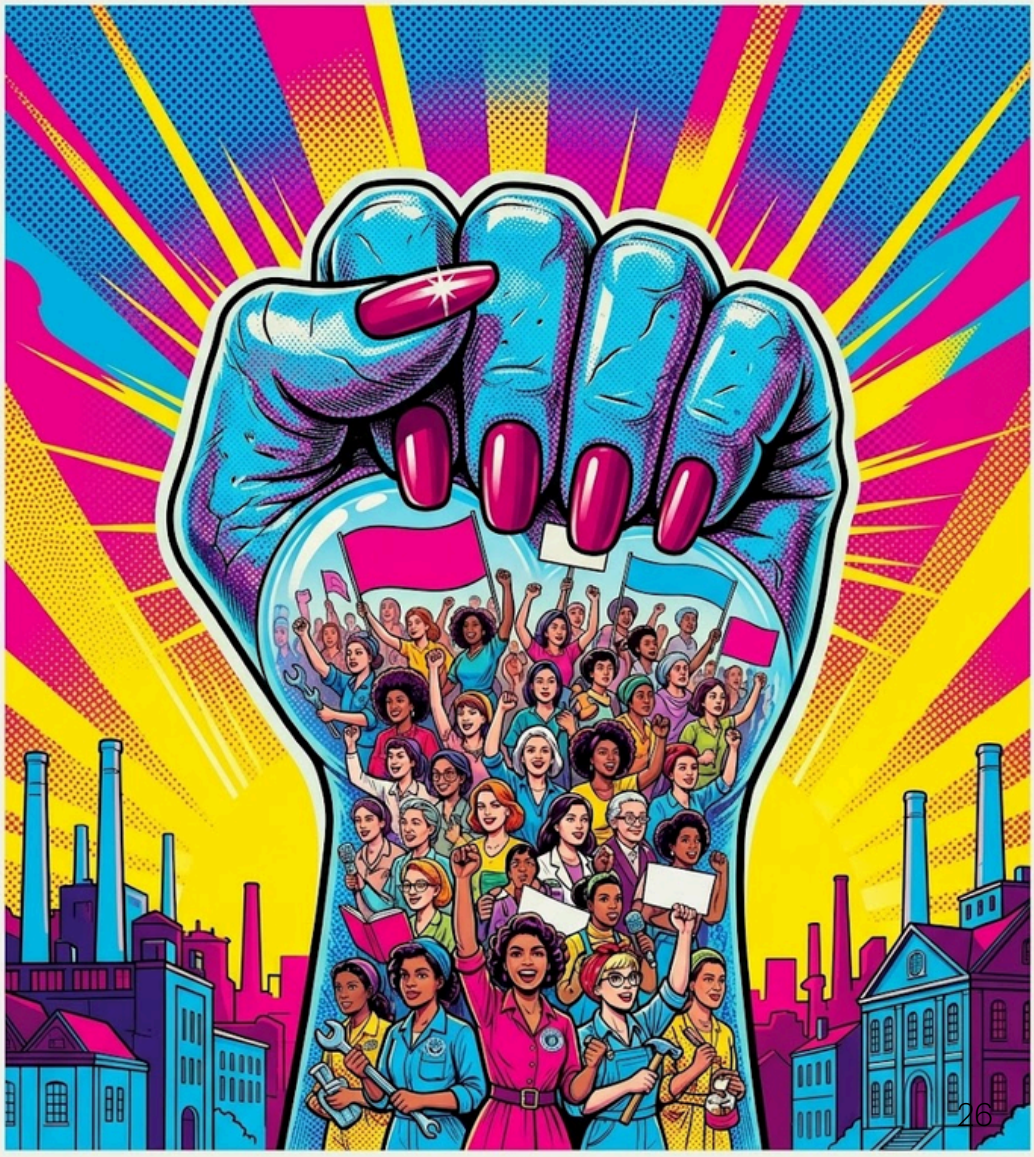
Essa trajetória concomitante entre educação básica e ensino superior possibilitou uma construção profissional singular. Ao mesmo tempo em que atuava na formação de novos docentes e na pesquisa em educação, vivenciava cotidianamente as demandas, os desafios e as urgências da escola básica. Essa dupla inserção permitiu que minha prática acadêmica permanecesse enraizada na realidade concreta da educação, e que minha atuação na gestão e na escola fosse constantemente alimentada pelo estudo, pela reflexão teórica e pela pesquisa.

Atualmente, atuo no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação e Novas Tecnologias (PPGENT), espaço no qual sigo exercendo a docência, a pesquisa e a orientação, reafirmando a formação permanente como princípio ético, político e existencial.

**Considerações finais — uma escrita que segue**

Ao revisitar minha trajetória, compreendo que minha história é feita mais de travessias do que de chegadas. Caminhei pela escola como quem caminha por um território vivo, às vezes árido, às vezes fértil, mas sempre humano. Aprendi que educar é um verbo que se conjuga no plural e no tempo presente, exigindo rigor, sensibilidade e compromisso histórico.

**Se hoje posso narrar minha história, é porque muitas vozes caminharam comigo: crianças, estudantes, colegas, mestres e instituições. Sou fruto desse encontro entre vida e docência, entre estudo e trabalho, entre sonho e responsabilidade. E sigo acreditando que ensinar — como escrever — é um modo de esperançar: um gesto cotidiano de resistência, de cuidado e de aposta no humano.**



# QUANDO O AMOR CHEGA PELO CAMINHO QUE ESCOLHE

*Fabiana Kadota Pereira*

Hoje acordei com uma saudade antiga — dessas que chegam devagarinho, puxando pela mão as lembranças mais doces da infância. Me vi menina outra vez, naquela época em que o tempo parecia elástico, o mundo era largo e a felicidade cabia inteira nas traquinagens do quintal. Havia aventuras inventadas, sonhos sem limites e uma liberdade que só a inocência conhece.

Depois veio a adolescência, essa grande ilusão coletiva em que todo coração acredita em príncipes, castelos e finais de cinema. Eu também acreditei. E não foi pouco: sonhei com vestidos longos, juras eternas e até com filhos de olhos brilhantes. Mas a vida, sempre tão sincera, tratou de me mostrar que os príncipes, às vezes, não são tão gentis, tão amáveis nem tão lindos quanto pareciam nos livros. Expectativa e realidade raramente são irmãs.

Entre uma decepção e outra, passei a caminhar por conta própria. A vida solo não me assustou; ao contrário, abriu horizontes. Vieram viagens, amigos que se tornaram família e um trabalho que escolhi amar — ou que me escolheu, ainda não sei. Hoje digo sem hesitar: eu amo o que faço. Amo ensinar, aprender, partilhar. Sou professora por decisão, por vocação e por convicção.

E foi assim que comecei a montar meu próprio conjunto de regras para viver:

Vou ser a melhor professora que eu conseguir.

Vou ter muitos amigos.

Vou cuidar dos meus pais.

Vou ficar solteira.

Uma mulher resolvida, dona do seu caminho... até que, aos 39 anos, a vida fez aquilo que ela sempre faz quando quer nos ensinar algo novo: surpreendeu.

Decidi maternar.

Não por acidente, não por pressa, não por convenção. Mas por desejo — aquele que nasce fundo, silencioso e constante. Escolhi a adoção como via de amor. Entreguei meus documentos na Vara da Infância no dia 20 de janeiro de 2006 e, a partir dali, passei dois anos pedindo a Nossa Senhora uma filha saudável, amável, calma, divertida. Nada extravagante. Apenas um encontro.

E foi então que o milagre se apresentou com detalhes matemáticos que só a fé sabe explicar:

Minha filha nasceu no dia 10 de janeiro de 2006, dez dias antes do meu pedido de adoção.

Coincidência? Não para quem acredita que o destino é pontual.

Ficamos separadas por dois anos inteiros — dois anos em que eu a procurava sem saber seu rosto, e ela existia sem saber meu nome. Até que, em fevereiro de 2008, ela chegou. Entrou na minha vida pela porta da frente, cheia de luz, e desde esse momento nada foi como antes.

Meu maior aprendizado emergiu ali, simples e profundo:
nenhum amor se compara ao de uma mãe ou um pai por seus filhos.
Quando dizemos "por você eu dou a minha vida", não é figura de linguagem. É verdade. Pura e inteira.

Hoje já são 22 anos juntas — amigas, parceiras, unidas como se fôssemos desenhadas uma para a outra. Ser mãe não me tornou perfeita; tornou-me melhor. Ela é, sem dúvida, a minha melhor versão.



**E quanto ao casamento? Ficou no passado.**
**E, sinceramente, foi uma das melhores escolhas que fiz.**



**PORQUE ALGUMAS HISTÓRIAS DE AMOR NÃO VÊM DE FORA — NASCEM DENTRO DA GENTE E CRESCEM NO COLO!**





# “A VIDA COMEÇA AOS 40”

*Izabel Cristina de Freitas Prado*

Embora pareça um clichê de aniversário, essa frase carrega um significado profundo. Aprendi que a vida pode começar na gestação, quando se nasce herdeiro.
Pode começar depois de muitos tombos.

**Pode ser aos 20, aos 30, aos 50...**
**ou...**
**simplesmente quando você decide que é hora de recomeçar.**

Carl Gustav Jung dizia que, até certa idade, estamos ocupados demais construindo o mundo externo: "carreira, família, identidade social, expectativas."
Em algum momento, começamos a olhar para dentro.
Talvez não seja sobre a idade.
Talvez seja sobre coragem.

Aos 45 anos, eu vivia com certa leveza. Para poucos, eu ainda era a Bel. Para o mundo, acumulava títulos: mãe, avó, tia, namorada, divorciada, ex-nora, ex-cunhada. Pintei os cabelos de loiro para disfarçar os fios brancos, ganhei alguns quilos e estava caminhando. Caminhando no sentido literal e também no simbólico — seguindo em frente como dava.

**SE A VIDA FOSSE UMA SÉRIE DA NETFLIX,**
**A MINHA TERIA MUITAS TEMPORADAS E POUCOS FINAIS.**

E eu já havia perdido a conta de qual estava vivendo. Talvez a terceira. Ou a quarta. Não sei ao certo.
Muitos se espantam com a minha capacidade de enxergar humor mesmo nos piores momentos. Quem não me conhece, às vezes, me julga de forma negativa. Aprendi que não posso controlar isso. O que posso é seguir a minha trajetória, porque sei quem sou — e, principalmente, do que não preciso.

Foi exatamente no dia em que completei 45 anos. Depois de um abraço forte, vindo de um coração amoroso, senti algo estranho no seio direito. Não era pequeno. Não parecia um grão de feijão nem uma ervilha. Era irregular, maior. Hoje, tentando descrever, penso em duas ou três balas 7Belo deformadas.

Fiquei em silêncio. Em segredo, recorri ao Google, que rapidamente confirmou o que eu temia. Era sério. Naquele instante, tive a sensação de que meus dias estavam no fim.

Contei ao meu companheiro. Ele me ouviu em silêncio, sem me contradizer, como sempre fazia. Concordou que eu deveria procurar um médico — o quanto antes. Consegui atendimento rapidamente. Não lembro o nome do doutor, mas lembro do cuidado. Ele se espantou ao sentir o caroço e foi direto: precisava de exames com urgência.
As palavras dele ecoam até hoje:

— Se puder fazer particular, recomendo. Não pode esperar pelo SUS.
Eu já sabia. O Google já tinha me dito tudo.

Eu não era de ir a médicos. Fui nas três gestações e em poucas outras ocasiões. Exames preventivos nunca foram prioridade. Eu tinha coisas demais para fazer. Trabalhar. Sustentar a casa. Criar filhos. Sonhar com uma faculdade. Ser mãe, avó, exemplo. Viver.
Escolhi um lugar onde o exame coubesse no bolso. Não escolhi o melhor. Escolhi o possível. Era janeiro, eu ainda me recuperava financeiramente das contas de fim de ano. Fevereiro se aproximava, junto com os 18 anos do meu filho — o mesmo do abraço.

Dois dias depois, estava diante de outro médico, com a bexiga cheia e o coração apertado. Ele não foi delicado. Parou o exame no meio, olhou para a tela e disse, seco:

— Senhora, isso é um câncer de mama. A senhora deve procurar tratamento urgente.
Eu já sabia. O que eu não sabia era que ouvir daquele jeito doeria tanto.

Ano de 2013.
Diagnóstico: câncer de mama invasivo.

O mundo não caiu.
O meu simplesmente parou.
A frase “vou morrer” se repetia na minha cabeça. Comecei a observar o cotidiano como se cada detalhe fosse o último. Tudo parecia definitivo. Tudo parecia despedida.

Sempre me vi muito sozinha. Cresci aprendendo a contar apenas comigo mesma — como quem atravessa a vida segurando a própria mão.
Com o exame na bolsa, pensei: não vou contar para ninguém. Era quase divertido repetir isso em pensamento. Minha vida. Meu câncer. Minha informação. Eu não era obrigada a dividir.
Mas o meu "eu" sofreu. Chorei muito. Senti um vazio profundo. Pensei nos meus filhos. E o pensamento mais óbvio se impôs: estou morrendo.

Ainda assim, foi ali que algo começou a mudar.
Depois do câncer, nasceu uma nova vida. Uma vida que eu jamais teria imaginado construir daquela dor. Essa foi, sem dúvida, a virada mais inesperada da minha história.

A primeira temporada foi difícil.
***Um spoiler:***
teve tristeza, medo e perda.
Essa parte fica para outro momento.

Hoje, quando olho para trás, percebo que talvez a vida não comece aos 40. Talvez ela comece quando sobrevivemos ao que achamos que não sobreviveríamos.
Talvez ela comece quando a gente se olha, se admira...
E lembra:

**VOCÊ VENCEU !**



## *ENTRE O CHÃO DE ORIGEM E OS HORIZONTES DO MUNDO*

***"Minha vida é andar por esse país..."***
**Luiz Gonzaga**

*Cleci Elisa Albiero*

Entre o chão de origem e os horizontes do mundo, aprendi que viver é deslocar-se. Nem sempre por escolha, quase nunca em linha reta. A vida, como um rio, segue seu fluxo entre margens firmes e curvas inesperadas, carregando memórias, perdas, encontros e permanências. É nesse movimento — entre raízes profundas e o desejo constante de voo — que esta trajetória se escreve.

Entre altos e baixos, a vida segue seu fluxo, mesmo quando não sabemos o rumo da corrente. A minha começou no interior de Concórdia, em Santa Catarina, na comunidade de Alto Suruvi: terra vermelha, trabalho cotidiano e silêncios longos. Um lugar onde os sonhos ainda não tinham nome, mas já aprendiam a resistir. Nasci em 1970, terceira filha entre cinco irmãos, em uma família onde o saber e o cuidado existiam antes mesmo de serem reconhecidos como valores.

Filha de professores, cresci entre a roça e a escola multisseriada, aprendendo cedo que há ensinamentos que não cabem nos livros. Eles se escrevem na rotina, na ética silenciosa, na responsabilidade com o coletivo. O mundo chegava até nós em fragmentos — pelas ondas instáveis de um rádio a pilha, por uma televisão que quase nunca funcionava — mas nunca nos faltaram histórias, debates e perguntas sobre o que existia para além das cercas do sítio.

Meu pai, professor por vocação e político por convicção, ensinou-me que a vida pública se constrói com escolhas éticas e compromisso com o outro. Minha mãe, mulher do campo, forte e discreta, ensinou-me que cuidar também é uma forma profunda de educar. Entre eles, compreendi que educação não é apenas profissão: é postura diante da vida.

Foi na igreja, nos grupos de jovens e na catequese que encontrei meus primeiros espaços de pertencimento e voz. Ali, quase sem perceber, exercitei a escuta, o diálogo e a mediação — gestos que mais tarde reconheceriam meu lugar no mundo da educação. A juventude, simples e comunitária, também foi atravessada por incertezas. A saúde impôs pausas, desviou caminhos, exigiu outras formas de seguir. E assim aprendi que avançar nem sempre é caminhar em linha reta. Mesmo nos tropeços, a vida seguia seu fluxo.

Sair de casa aos dezenove anos foi meu primeiro grande salto no vazio.

Levei comigo o medo, a expectativa e o desejo profundo de descobrir outros mundos, sem romper com o chão de onde vim. O ingresso na Universidade Federal de Santa Catarina não representava apenas o acesso ao ensino superior, mas a materialização concreta da possibilidade de transformação.

A Pedagogia surgiu como primeiro caminho, talvez por herança, talvez por afinidade afetiva. Mas a vida, em seu movimento indomável, apontou outras direções. O Serviço Social não foi escolha aleatória; foi reconhecimento. Reconhecimento de que ali estavam reunidas as perguntas que sempre me habitaram: sobre política, desigualdade, direitos, trabalho e vida cotidiana. Encontrei, enfim, palavras para aquilo que eu já sentia antes mesmo de saber nomear. A universidade tornou-se espaço de intensidade.



**Militância, pesquisa, extensão, participação coletiva.**

Aprendi que o conhecimento não nasce isolado: constrói-se no encontro com a realidade viva das comunidades. Ouvir histórias, caminhar pelos territórios, sistematizar experiências e devolvê-las aos sujeitos como instrumento de luta foi um dos aprendizados mais profundos desse tempo.
As experiências em projetos sociais, os estágios em organizações populares e o trabalho na área da saúde forjaram uma identidade profissional comprometida com a transformação social.

Ao acompanhar famílias, processos de adoecimento e cuidado, compreendi, na prática, como as políticas sociais atravessam — e muitas vezes falham — no cotidiano da vida.
Entre gestão, projetos sociais e atuação profissional, a docência nunca se afastou de mim. O mestrado não foi ponto final, mas aprofundamento. Ensinar, aprender e pesquisar tornaram-se movimentos inseparáveis. Mesmo quando a vida exigiu mudanças, deslocamentos e recomeços — como a mudança para Curitiba, movida pelo amor — a universidade permaneceu como território de pertencimento.

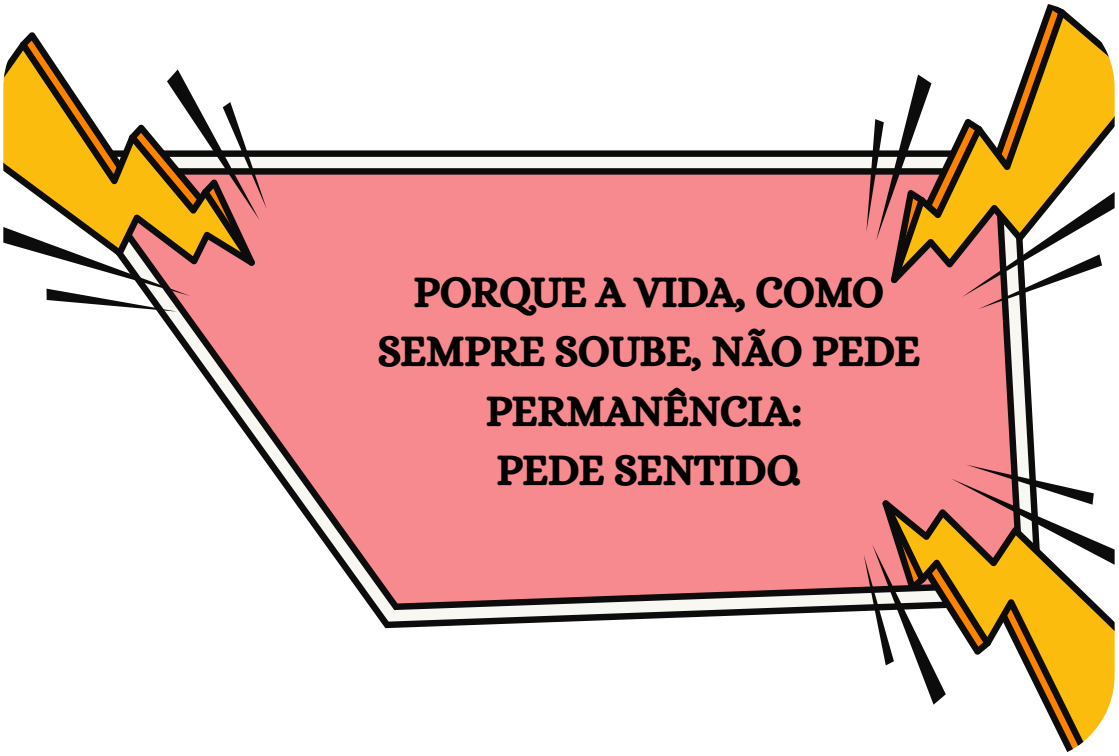
Assumir o doutorado foi mais do que uma decisão acadêmica: foi a consolidação de um projeto de vida, tecido lentamente entre tentativas, pausas e persistência. O estágio de pesquisa do doutorado, na Itália abriu horizontes e possibilitou um reencontro com minha ancestralidade.

Minha trajetória pessoal e profissional converge, quase inevitavelmente, para a formação profissional — tema que me atravessa, me constitui e me compromete. Falar de formação é falar de mim, dos caminhos trilhados, dos encontros que deixaram marcas.

Hoje, ao olhar o percurso vivido, compreendo que minha história não se resume a títulos ou lugares ocupados. Ela é feita de travessias. De silêncios que ensinaram, de encontros que transformaram, de perguntas que permaneceram abertas.
Entre o chão que me formou e os horizontes que sigo buscando, contínuo em movimento. Porque a vida, mesmo quando exige rupturas, insiste em oferecer sentido. E enquanto houver caminhos a percorrer, seguirei — aprendendo, ensinando e me refazendo — no fluxo contínuo de ser e tornar-me.

E o que dizer para a Cleci, de hoje?

Que ela honre o chão que a ensinou a resistir, sem permitir que ele limite seus voos. Que reconheça, com ternura, a menina que caminhou entre a terra vermelha e os silêncios longos, pois foi ela quem aprendeu a escutar o mundo antes de explicá-lo.
Que celebre a mulher que se fez nos deslocamentos, nas pausas impostas, nas escolhas corajosas e nos recomeços necessários. Que saiba que não chegou pronta — chegou inteira. E que, entre o que foi e o que ainda será, siga em movimento, fiel às suas raízes, aberta aos horizontes, sustentando com ética, sensibilidade e coragem o compromisso de transformar, aprender e ensinar.



# A memória como abrigo:
# Um ensaio autobiográfico sobre trabalho, afetos e travessias

*Simone Zampier*

*"Quando a ausência pesa, a memória se torna abrigo;*
*e, mesmo entre limitações e assimetrias,*
*a vida encontra um jeito de florescer em nós."*

Há momentos em que escrever deixa de ser apenas um gesto narrativo e passa a ser uma forma de habitar o tempo. Voltar à própria história não significa regressar ao que foi vivido, mas tocar o que permanece, mesmo quando tudo parece ter mudado. É nesse movimento — entre lembrança e reinvenção — que este texto se constrói.

Escrever a própria história é avançar alguns passos para além da memória. É buscar no tempo fatos e lembranças que já não são mais os mesmos: foram redimensionados e, por que não dizer, reconstruídos em nossa memória poética.

Revisitar a própria trajetória exige reconhecer que lembrar não é retornar intacta ao passado, mas olhá-lo com os olhos de quem foi atravessada pela vida. Ao escrever, compreendo que aquilo que recordo já carrega marcas do tempo, do trabalho e das escolhas que me constituíram como mulher. A menina, a mulher e a trabalhadora que me habitam dialogam entre si — nem sempre em harmonia, mas sempre em movimento.

O mundo do trabalho se constrói em suas ambiguidades, oscilando entre a promessa de liberdade e autonomia e a experiência de limitações e assimetrias. É nesse território ambivalente que as trajetórias se delineiam, marcadas por escolhas que nem sempre se revelam plenamente no instante em que são feitas.

Nesse cenário, ao optar pela carreira docente aos quatorze anos, no Curso Normal (Magistério), debrucei-me sobre saberes e experiências que, paulatinamente, foram constituindo minha profissão — e, junto a ela, minha forma de estar no mundo. A escolha pelo Magistério, nessa fase da vida, mostrou-se especialmente exigente, pois coincidiu com um período atravessado por ideias, sonhos e desejos que nem sempre dialogavam com as essencialidades de um curso profissionalizante.

O exercício constante de ajustes e renúncias ocupou a juventude e, muitas vezes, só se tornou plenamente compreensível na vida adulta, quando o tempo permite nomear aquilo que antes era vivido apenas como obrigação, adaptação ou silêncio. Trabalhar, desde cedo, significou aprender a adequar expectativas, conter impulsos e assumir responsabilidades que ultrapassavam a dimensão técnica da formação, incidindo diretamente sobre a construção de minha identidade como mulher.

Contudo, ao mesmo tempo em que a identidade profissional se constituía — e ainda se constitui —, a memória sempre trouxe elementos da infância. Como filha de professora primária, minhas brincadeiras e representações passavam pela “escolinha”, pelos alunos e pelos cadernos corrigidos, repletos de lições imaginárias. Ainda sem plena consciência, o universo do trabalho docente já se inscrevia no cotidiano infantil, anunciando, de forma lúdica, uma escolha que mais tarde se tornaria profissão.

Ao revisitar minha trajetória, emergem também memórias de amizades, amores, viagens e mudanças que me acompanharam ao longo da vida. Experiências que, entrelaçadas, formaram uma amálgama e me deram a sustentação que tenho hoje, trazendo maturidade sem me afastar dos sonhos que ainda me habitam.

A sensibilidade do amor, das amizades e das viagens se constituiu como um contrapeso às exigências do trabalho e às responsabilidades da vida adulta. Foram esses encontros, deslocamentos e afetos que ensinaram a pausa, o riso e o pertencimento, lembrando-me de que existir não se resume à produtividade ou ao cumprimento de papéis. Nos amores, aprendi a vulnerabilidade; nas amizades, a permanência; nas viagens, a abertura ao novo e ao inesperado. Essas experiências trouxeram leveza ao caminho e preservaram, mesmo diante da maturidade, a capacidade de sonhar.



A sensibilidade do amor, das amizades e das viagens se constituiu como um contrapeso às exigências do trabalho e às responsabilidades da vida adulta. Foram esses encontros, deslocamentos e afetos que ensinaram a pausa, o riso e o pertencimento, lembrando-me de que existir não se resume à produtividade ou ao cumprimento de papéis. Nos amores, aprendi a vulnerabilidade; nas amizades, a permanência; nas viagens, a abertura ao novo e ao inesperado. Essas experiências trouxeram leveza ao caminho e preservaram, mesmo diante da maturidade, a capacidade de sonhar.

No presente, minha vida se constitui entre possibilidades que se ampliam e perdas afetivas. Viver o luto é uma experiência profundamente complexa, que acrescenta à existência elementos para os quais não nos preparamos suficientemente ao longo de toda uma vida. O luto é como um precipício: sabemos que ele está lá. As exigências do cotidiano, as amizades e a família nos chamam a dele se afastar, mas, de repente, uma fotografia, uma música ou um poema nos reconduzem à beira, lembrando-nos daquilo que permanece, mesmo na ausência.

Ainda assim, é no próprio movimento da vida que se anunciam novos tempos. O presente, com suas marcas e aprendizados, abre espaço para outros olhares, outras possibilidades de estar no mundo e de reinventar sentidos. A experiência acumulada — no trabalho, nos afetos, nas perdas e nas travessias — não encerra caminhos; ao contrário, amplia horizontes. **Há um dia que ainda vai chegar, não como negação do que foi vivido, mas como continuidade possível: feita de esperança lúcida, de escolhas mais conscientes e da disposição de seguir, com coragem e sensibilidade, habitando o tempo que se apresenta.**



# ENTRE LÍNGUAS E SILÊNCIOS: TRAVESSIA DE UMA PROFESSORA

*Danielle Fracaro da Cruz*

Há uma imagem que me acompanha desde os primeiros anos de docência e que ainda hoje recuso abandonar: a página em branco. Não a página prestes a ser preenchida com competência e método, mas aquela que permanece aberta sobre a mesa antes de a turma chegar, simultaneamente promessa e ameaça, território sem contorno, espaço que exige de quem escreve uma decisão sobre quem se é antes de decidir o que se diz. Tinha quatorze anos quando entrei pela primeira vez numa sala de aula pelo lado de quem ensina, e já havia ali algo dessa mesma vertigem: não era uma sala grande, nem solene. Era o espaço de uma escola de idiomas, com cartazes coloridos nas paredes e crianças que ainda não sabiam que aprender uma língua estrangeira é também aprender que o mundo é maior do que o nome que se tem para as coisas. Eu também não sabia. Sabia apenas que algo naquilo me cabia, não como roupa escolhida, mas como uma segunda pele que já estava lá, esperando ser reconhecida. Ensinar língua e literatura no ensino superior me colocaria, anos depois, diante dessa mesma sensação: a de que a sala de aula não era o lugar aonde eu chegava com respostas, mas o lugar onde eu aprendia, a cada entrada, o que ainda não sabia sobre mim mesma, sobre o saber que carregava e sobre as forças que esse saber tanto podia liberar quanto aprisionar.

O inglês que eu levava para aquelas crianças não era só gramática e vocabulário. Era um jeito de olhar para a linguagem como território de possibilidades, um lugar onde as palavras podiam ser outras sem deixar de ser verdadeiras. E foi nesse exercício cotidiano, de traduzir mundos, de encontrar o gesto certo para que uma ideia atravessasse de uma língua à outra, de uma experiência a uma compreensão, que a professora em mim foi tomando forma antes mesmo que eu soubesse nomeá-la.
O magistério veio como um passo que o corpo já conhecia antes da decisão.

Não houve deliberação longa, nem crise de escolha. Havia uma direção que se revelava com a naturalidade das coisas que já foram escolhidas por dentro, muito antes de serem assumidas por fora. O curso de formação docente me deu vocabulário para o que eu já vivia na prática e me ensinou que ensinar é também uma forma de aprender a aprender, um movimento que não tem fim e que, se tiver, já não é mais ensino. Da escola de idiomas para a educação infantil, das crianças pequenas que aprendiam inglês com o corpo inteiro, com os olhos, com as mãos, com a risada, para as perguntas que o magistério ia depositando em mim como sementes sem pressa: tudo parecia apontar para o mesmo lugar. Foi então que a Licenciatura em Letras se apresentou não como uma virada, mas como o desdobramento natural de uma trajetória que já tinha raízes mais fundas do que eu imaginava.

Olhando para esse percurso de dentro, percebo que a docência nunca foi vocação no sentido sagrado da palavra, aquele chamado que chega pronto, com contornos definidos e propósito declarado. Foi, antes, uma construção gradual, feita de encontros, de línguas, de corpos em sala de aula, de perguntas que as crianças faziam e que eu não sabia responder até que a resposta chegava de dentro do próprio ato de tentar. Foi uma travessia que começou muito antes de eu ter nome para ela.

Então veio o que eu não havia planejado, ou talvez o que eu havia evitado planejar, com o cuidado de quem teme o que pode surpreender. Fui contratada como professora de língua portuguesa para o ensino médio. O inglês, língua que eu havia tomado como território próprio desde os quatorze anos, passou a dividir espaço com o português, não mais como língua materna que se fala por dentro, mas como objeto de ensino que se precisa habitar de outro jeito, por fora, com distância e método e, ao mesmo tempo, com uma intimidade que nenhum método alcança sozinho.

Havia um frio nisso.
O tipo de frio que não paralisa, mas que acorda.

Os alunos do ensino médio me ensinaram que ensinar é também uma questão de resistência, não a deles contra mim, mas a que ambos, professora e estudantes, exercemos diante do que nos é cobrado. Eles não pediam gentileza antes de rigor: pediam presença. Pediam que eu soubesse do que estava falando não apenas no sentido técnico, mas no sentido de ter tocado aquilo com as mãos, de conhecer a língua por dentro, de não tratar a gramática como um código isolado da vida que se vive fora da escola. Eram adolescentes e os adolescentes têm um radar preciso para a falsidade, para o saber decorado, para a palavra que não acredita em si mesma. Comigo não seria diferente. Aprendi a honrar essa exigência.

Lecionei português e inglês no ensino médio durante o tempo que me formou de maneiras que nenhuma disciplina de licenciatura havia antecipado. A língua portuguesa, que eu pensava conhecer pela intimidade de quem a carrega desde o berço, revelou-se um continente com regiões que eu ainda não havia mapeado. A cada texto que precisava ensinar, havia perguntas que me faziam recuar ao próprio começo, não por insegurança, mas pelo tipo de humildade que só o ensino produz: a consciência de que saber uma coisa e saber ensiná-la são dois saberes distintos, que pedem percursos distintos e que se encontram, quando se encontram, num ponto que não é fixo nem garantido.

A maturidade foi chegando sem aviso, como chega quase tudo que importa. Não houve um dia em que eu acordei e decidi que queria o ensino superior. Houve, ao longo do tempo, uma acumulação de perguntas que a sala de aula já não conseguia conter. Perguntas sobre literatura, sobre os modos como os textos funcionam, sobre o que a língua faz quando ultrapassa a comunicação e se torna forma, memória, resistência. Havia um desejo crescente de ir mais fundo, não de deixar para trás o que havia construído, mas de aprofundar o chão, de entender as fundações daquilo que eu ensinava todos os dias sem ter explorado até as últimas consequências. A vida acadêmica, com seus tempos próprios, com sua exigência de rigor e sua promessa de investigação, foi se desenhando como o próximo território a atravessar. E eu, que já havia aprendido a não resistir às travessias, deixei-me atravessar.



Entrei no espaço acadêmico carregando a formação que tive, rigorosa, apaixonada pelas palavras, convicta de que a literatura era uma das formas mais sofisticadas de habitar o humano. E era. Mas aprendi, à custa de desconcertos que não estavam previstos em nenhum plano de ensino, que o humano que a literatura costumava habitar não era o único possível. Nas primeiras turmas, ensinei como quem decifra um mapa certo: havia um ponto de partida, um trajeto, uma chegada. Havia autores que importavam, formas que resistiam ao tempo, cânones que organizavam o caos da produção literária em narrativa coerente. Acreditei nisso por um tempo. Precisei acreditar, pois a crença me dava sustentação antes que eu soubesse como me sustentar de outro modo.

Foi no ensino superior, porém, que aprendi a ver a vida com outros olhos. Não porque as teorias tivessem ficado mais sofisticadas ou os textos mais densos, mas porque os sujeitos diante de mim trouxeram consigo uma dimensão da existência que nenhum currículo havia me preparado para receber. Havia estudantes que cruzavam cidades, que abriam mão de horas de sono e de convívio familiar e pertencer, ainda que provisoriamente, a um mundo que nem sempre lhes estendia a mão. Havia os que trabalhavam durante o dia e estudavam à noite, que carregavam nos olhos o cansaço acumulado de semanas inteiras, porque o diploma era mais do que um papel: era a prova concreta de que o esforço havia valido, de que o sonho tinha endereço. Ver isso de perto transformou o modo como eu compreendia o ato de ensinar.
A sala de aula deixou de ser apenas o lugar onde se transmite um saber e tornou-se o lugar onde vidas se reorientam, onde horizontes se alargam, onde o futuro começa a ter uma forma que antes não existia.

Havia ainda uma dimensão que demorei a nomear, talvez porque fosse grande demais para caber em palavras simples: o privilégio de formar futuros colegas de profissão. Muitos dos estudantes que passaram pelas minhas turmas tornaram-se professores. Carregaram para suas próprias salas de aula algo do que construímos juntos, reelaboraram à sua maneira os textos que lemos, os debates que travamos, as perguntas que ficaram em aberto. Perceber isso foi entender que a docência tem uma temporalidade que ultrapassa o ano letivo, a carreira. O que se planta numa sala de aula não se colhe ali. Germina em outros lugares, em outros tempos, nas vozes de pessoas que um dia foram estudantes e que agora ensinam com as marcas, visíveis ou invisíveis, daquilo que viveram. É uma forma de continuidade que não pertence a ninguém em particular, mas que passa por cada um de nós.

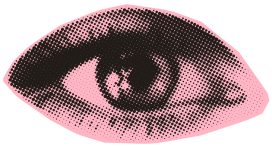
Foi justamente nesse período que a literatura deixou de ser, para mim, um objeto a ser transmitido e se tornou um bosque, no sentido mais preciso e mais inquietante da palavra. Um bosque não se explica de fora: precisa ser entrado. Tem atalhos que só se revelam a quem aceita perder o rumo por um momento, clareiras que surpreendem quem não esperava luz, e espessuras que resistem a quem chega com pressa demais. Compreendi, ao longo dos anos, que o texto literário opera dessa mesma forma: não entrega seu sentido a quem bate à porta com a resposta pronta. Exige que o leitor aceite a desorientação provisória, que suporte não saber ainda, que confie que o percurso tem direção mesmo quando o destino não está visível.

Essa compreensão transformou radicalmente o modo como passei a conduzir a leitura em sala de aula. Durante muito tempo, ensinei os textos como se houvesse uma entrada correta, um caminho privilegiado que cabia a mim indicar e aos estudantes percorrer. Mas fui percebendo, nas reações das turmas diante de um poema, de um conto, de um romance, que cada leitor entrava no bosque por uma abertura diferente. E que essa diferença não era erro: era o sinal de que o texto estava vivo, de que havia cumprido algo essencial ao provocar percursos distintos a partir de um mesmo ponto de partida. O texto literário, aprendi, pressupõe um leitor, não qualquer leitor, mas aquele que o próprio texto convoca, aquele para quem as suas imagens, referências e silêncios fazem apelo. E parte do trabalho docente, descobri com o tempo, é justamente ajudar os estudantes a perceberem que podem ser esse leitor. Que já são, muitas vezes, sem o saber.

O momento em que essa percepção se tornava mais viva era sempre o mesmo: quando o texto resistia. Quando um estudante olhava para a página e dizia, com os olhos antes mesmo de dizer com a boca, que aquilo não era para ele. Que aquela linguagem era de outro mundo, que aquelas referências pertenciam a outro repertório, que aquelas imagens não encontravam eco em nenhuma experiência conhecida. Era exatamente nesses momentos que eu precisava de mais cuidado, não para simplificar o texto, não para traduzi-lo em informações digeríveis, mas para mostrar que a resistência era parte da leitura, que o estranhamento era o primeiro gesto do encontro. Que entrar num bosque desconhecido não começa com familiaridade, mas com disposição.

A intertextualidade, que a teoria literária trata como conceito, manifestava-se ali como experiência corporal: o momento em que um estudante reconhecia, dentro de um texto novo, o eco de algo que já havia lido, ouvido, vivido. Uma imagem que chamava outra imagem. Uma voz que convocava outra voz. Um silêncio que ressoava num silêncio anterior. Era nesse instante que o repertório de cada um, feito de leituras, de músicas, de histórias de família, de provérbios, de filmes, de letras de canção, entrava em diálogo com o texto, tornando a leitura não uma recepção passiva, mas uma negociação ativa entre mundos. Compreendi que ensinar literatura é, em larga medida, ensinar a reconhecer essas ressonâncias: ampliar o repertório não para tornar o leitor mais erudito, mas para torná-lo mais capaz de habitar textos que, à primeira vista, pareciam inabitáveis.

Nesse sentido, a sala de aula revelou-se um espaço de interlocução permanente, não apenas entre professor e estudante, mas entre os próprios textos, entre os repertórios que cada presença trazia, entre as imagens que circulavam e se multiplicavam no ato de ler em conjunto. Cada leitura compartilhada era, ao mesmo tempo, singular e coletiva: singular porque cada leitor percorria o bosque com os seus próprios passos, coletiva porque o percurso era feito em voz alta, com os outros, e a voz de um alterava inevitavelmente o que os outros eram capazes de ver. Aprendi que a literatura não se ensina: se frequenta, se habita, se pratica, como se pratica uma língua, uma escuta, uma forma de estar no mundo.



O que veio depois foi lento. Não houve ruptura dramática, não houve o momento em que tudo desmoronou de uma vez. Houve, em vez disso, uma série de presenças. Mario Quintana dizia que os poemas são como pássaros e fui entendendo, ao longo dos anos, que as pessoas também o são: chegam sem anunciar de onde vêm, pousam por um tempo que não escolhemos, e partem deixando algo que não tem nome preciso, mas que muda a inclinação do olhar.

Nas minhas turmas, aprendi isso da forma mais concreta possível. Havia os que pousavam de passagem, um semestre, uma aula, uma pergunta, e havia os que ficavam de um modo que não se mede em presença física: ficam na forma como passei a ler um texto, na forma como passei a escutar um silêncio, no modo como aprendi que o brilho que cada pessoa derrama sobre quem a encontra não é ornamento, é conhecimento. São esses pássaros, passageiros ou permanentes, que foram desfazendo, à sua maneira silenciosa, a arquitetura do que eu supunha certo.

Eram estudantes que chegavam às aulas carregando mundos que nenhum dos textos que eu ensinava tinha pensado em nomear. Vinham de cidades do interior cujos sotaques pareciam pedir desculpas por existir. Vinham de famílias em que a universidade era um território ainda sem pronome, sem o "nosso" que torna um lugar habitável. Muitos deles se sentavam nas fileiras do fundo não por desinteresse, mas por um cálculo antigo e silencioso: a distância protegia. Se não estava no centro da atenção, não poderia ser exposta. Se não falava, não errava. Se não errava, permanecia.

Aprendi a reconhecer esse silêncio. Não o silêncio da indiferença ou do tédio, mas o silêncio de quem nunca aprendeu que tinha o direito de falar, ou que aprendeu, por vias tortuosas e persistentes, que sua fala seria julgada antes de ser escutada. Era um silêncio com textura, com peso, com uma espécie de gramática própria. Ele não pedia para ser preenchido com mais conteúdo. Pedia uma escuta que eu, a princípio, não sabia oferecer, porque a minha formação me havia ensinado a falar com precisão, mas não necessariamente a ouvir o que não estava sendo dito.

Esse deslocamento foi o mais custoso e o mais necessário de toda a minha trajetória até aqui. Não se aprende a escutar dessa maneira nos manuais de metodologia. Aprende-se no atrito. Aprende-se quando uma estudante, ao final de um semestre inteiro de silêncio, entrega um texto escrito na margem de um caderno, não porque não soubesse escrever, mas porque ninguém havia ainda lhe mostrado que o centro da página também lhe pertencia. Aprende-se quando se percebe que a própria ideia de "centro da página" não é neutra: é uma herança, uma escolha histórica disfarçada de evidência.

Mas havia outra dimensão desse aprendizado que eu precisei atravessar sozinha, sem o amparo de nenhum texto teórico que o antecipasse com exatidão suficiente: a dimensão de ser mulher nesse espaço. Não uma mulher qualquer, mas uma professora, que por algum desvio incompreensível, chegou ao mesmo nível dos homens que a rodeiam. Durante anos, recebi afeto onde esperava respeito intelectual. Meus argumentos eram recebidos com sorrisos antes de serem escutados com atenção. Minha firmeza era lida como rispidez; minha precisão, como inflexibilidade. Havia uma expectativa, não declarada mas constante, de que eu fosse generosa antes de ser rigorosa, acolhedora antes de ser exigente, como se o rigor fosse uma qualidade que se tornasse suspeita no corpo de uma mulher.

Aprendi a negociar esse território de formas que me envergonharam, por um tempo, confessá-las a mim mesma. Modulei a voz em certas reuniões. Escolhi com cuidado o momento de discordar.

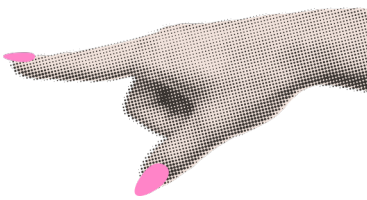
Construí estratégias de autoridade que não pareciam autoridade, porque a autoridade evidente, quando habitada por uma mulher, costuma ser recebida como arrogância ou agressividade. Não me orgulho dessas negociações, mas me recuso a apagá-las da memória: elas também fazem parte do que me formou. São parte do que me ensinou que o espaço acadêmico não é neutro, que ele tem cheiro, tem temperatura, tem uma disposição de móveis que favorece certas vozes e constrange outras.

Foi nesse mesmo espaço, já como professora universitária, que me tornei mãe. Mãe de gêmeos. Mãe de primeira viagem e de dois ao mesmo tempo, o que é uma forma de o mundo anunciar que certas experiências não admitem ensaio. Não há manual para isso, assim como não há manual para a docência verdadeira: aprende-se no corpo, no cansaço, no amor que chega antes mesmo de ter nome. E o cansaço era real. O de gerir duas crianças pequenas, duas vidas que demandavam presença total e simultânea, e ao mesmo tempo honrar os compromissos de uma carreira que também pedia inteireza. Havia noites em que a exaustão se instalava como uma língua estrangeira que eu não havia escolhido aprender. E havia manhãs que eu carregava nos olhos o peso delas, mas também algo que só quem passou por isso reconhece: uma clareza nova, uma espécie de nitidez sobre o que realmente importa.



O mundo tem uma expectativa silenciosa, e às vezes nem tão silenciosa assim, de que a maternidade seja o ponto em que a mulher para. De que filhos sejam uma pausa, uma razão legítima para o recuo, para o adiamento, para a suavização das ambições. Ouvi, de formas diversas e em registros distintos, a sugestão de que eu poderia desacelerar, de que era compreensível reduzir, de que ninguém me julgaria por escolher ficar. E havia, nisso, uma generosidade envenenada: a de quem oferece uma saída que, no fundo, é uma subtração. Não me reconheci nessa oferta. Não porque fosse insensível ao que a maternidade exigia, mas porque sabia, com a clareza de quem conhece o próprio chão, que continuar também era um ato de amor. Amor pelos filhos, que cresceriam vendo a mãe firme no seu lugar. Amor pela profissão, que me havia formado antes deles e que não deixaria de ser parte de mim por causa deles. Amor por mim mesma, que havia construído essa trajetória tijolo a tijolo e não estava disposta a desfazê-la por uma expectativa que nunca foi minha.

Porque filho não é sinônimo de renúncia. Essa frase levei tempo para dizer em voz alta, mas ela morava em mim desde o início. Os meus filhos não me pediram para parar: pediram para me ver inteira. E eu aprendi, nos anos que se seguiram, que uma mãe que permanece, que insiste, que não abre mão do que é, oferece aos filhos algo que nenhum sacrifício silencioso consegue dar: o modelo vivo de que é possível ser mais de uma coisa ao mesmo tempo, que amor e ambição não se excluem, que a vida não precisa ser escolhida em pedaços. Criar filhos para o mundo é também mostrar-lhes que o mundo pertence a quem se mantém presente nele. Foi com eles que aprendi isso de forma definitiva. E foi por eles, também, que segui.



A maternidade mudou minha forma de ensinar de maneiras que só fui compreendendo com o tempo. Algo se abriu em mim que antes estava apenas entreaberto: uma paciência mais encarnada, uma atenção ao ritmo do outro que não era mais só metodologia, mas experiência vivida. Aprendi com os meus filhos que cada pessoa aprende no seu tempo, que a mesma palavra pode chegar de formas radicalmente diferentes em corpos diferentes, que forçar o passo não adianta quando o que falta não é esforço, mas amadurecimento. Levei isso para sala de aula. Passei a habitar a espera de outro modo, a reconhecer nos estudantes algo que eu havia aprendido a reconhecer em casa: que o processo não é linear, que o silêncio às vezes precede a fala mais importante, que presença não significa pressa.

Ser mãe me tornou, a seu modo particular e insubstituível, uma professora melhor.
Ao mesmo tempo, foi justamente esse atrito que foi transformando minha relação com a linguagem enquanto objeto de ensino.

Se antes eu ensinava a língua como sistema, belo, complexo, historicamente sedimentado, comecei a ensiná-la como campo de forças.

A língua que eu levava para a sala de aula não era apenas o português de Camões ou de Clarice; era também a língua que os meus estudantes falavam em casa e que aprenderam a esconder ao cruzar a porta da universidade. Era a língua que hierarquiza, que distribui prestígio de forma desigual, que decide quem pode ser ouvido como inteligente e quem será escutado apenas como exótico. Ensinar literatura passou a significar, inevitavelmente, ensinar a ler os silêncios que a literatura oficial produziu e a perguntar por que vozes ficaram de fora do cânone e por qual razão essa ausência nunca pareceu precisar de explicação.

Esse movimento gerou desconfortos que não fui convidada a sentir. Há uma expectativa, nas instituições de ensino superior, de que o professor seja um transmissor eficiente de um saber consensuado, que chegue, deposite o conteúdo e saia sem deixar demasiada perturbação. Quando a aula começa a fazer perguntas que o currículo não havia previsto, quando os textos começam a ser lidos a contrapelo de sua recepção canônica, quando os estudantes percebem que têm não apenas permissão, mas convite para trazer o que sabem de dentro das suas próprias vidas, algo se desloca. Esse deslocamento incomoda. E o incômodo, muitas vezes, é dirigido à professora que o provocou.
Aprendi a habitar esse incômodo sem me confundir com ele. Aprendi que tensionar uma estrutura por dentro não significa destruí-la de forma imediata: significa introduzir, pacientemente, uma rachadura. Significa fazer perguntas que não se fecham ao fim do semestre. Significa devolver aos estudantes aquilo que a instituição frequentemente lhes retira: a convicção de que o que eles viveram também é matéria de pensamento, que a sua experiência tem estatuto epistêmico, que o saber não começa onde a universidade diz que começa.
E é aqui que a imagem da página em branco retorna, agora de outra forma.

Ao longo dos anos, fui aprendendo a entrar na sala de aula como quem abre uma página, não para preenchê-la com o que já sei, mas para descobrir, junto com aquelas e aqueles que ali estão, o que ainda pode ser escrito. Não se trata de renunciar ao saber que carrego, nem de fingir uma horizontalidade que apaga as assimetrias reais da relação pedagógica. Trata-se de reconhecer que o saber é sempre inacabado, que a página nunca se fecha completamente, que a melhor coisa que uma professora pode oferecer, ao fim, é a disposição de continuar lendo, o texto, o mundo, a si mesma.

A docência me ensinou que existir no espaço da linguagem é sempre uma forma de posicionamento. Cada escolha, o texto que se seleciona, o autor que se apresenta, a voz que se convida a falar, o silêncio que se decide nomear, é um ato que carrega consequências. Não há inocência possível no ensino da língua e da literatura.

Há, contudo, a possibilidade de uma prática que assuma suas escolhas, que as examine com honestidade e que esteja disposta a ser transformada pelo que encontra, nas margens dos cadernos, nos fundos das salas, nas vozes que ainda não aprenderam que o centro da página lhes pertence tanto quanto a qualquer outra pessoa. É por isso que escrevo. Não para fixar uma trajetória ou celebrar chegadas, mas para manter aberto o movimento. Para que a travessia não se torne monumento. Para que a página continue em branco, não como vazio, mas como possibilidade que ainda não se fechou.



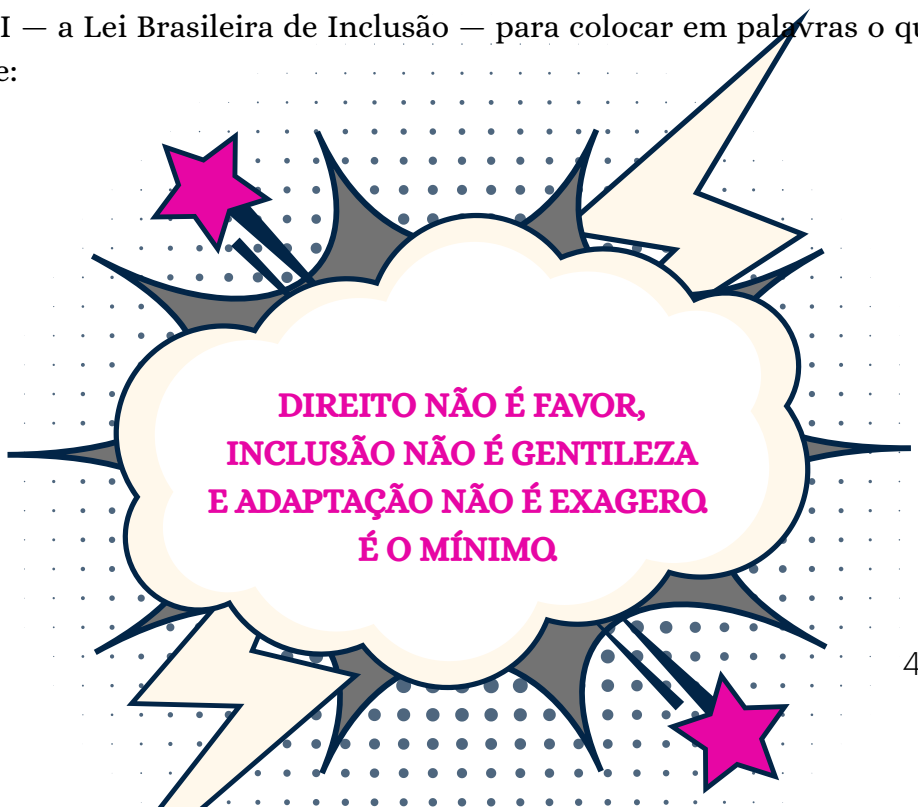
## *A MENINA QUE NASCEU SORRINDO*

*Debora Gomes de Oliveira Klassen*

Dizem que a gente já nasce com um jeito próprio.

Eu nasci sorrindo. Não porque a vida fosse fácil, mas porque, convenhamos, chorar não ia resolver muita coisa.
Nasci na periferia de São Paulo, onde o sonho acorda cedo, pega ônibus lotado e aprende rápido a se segurar. No meio de quatro irmãos — o que significa barulho, disputa por espaço e um treinamento intensivo para a vida adulta — cresci numa casa onde silêncio nunca foi prioridade, mas afeto sempre foi.
Menina preta, pessoa com deficiência, pés tortinhos e uma mão direita meio independente demais.
Enquanto o mundo insistia em normalidade, meu corpo respondia com criatividade. E com botas ortopédicas.
Não eram bonitas.
Não eram modernas. Mas me levavam adiante — o que já é mais do que muita tendência por aí.
Salto alto nunca foi uma possibilidade concreta.

Levantar todo dia, sim.
Isso eu pratiquei tanto que virou hábito.
Cresci entre consultas, aparelhos e cicatrizes. Durante um tempo, achei que aquilo tudo era defeito de fábrica. Depois entendi: não era meu corpo que tinha problema — era o mundo que não vinha com acessibilidade.
O nome disso eu só aprendi depois: capacitismo.
Antes, eu só chamava de "mais um dia".
Aí veio a LBI — a Lei Brasileira de Inclusão — para colocar em palavras o que a gente já sabia na pele:



E, olha, quando a lei diz que eu existo com direitos, dá até vontade de sorrir mais largo.
No meio disso tudo, eu cantava. Cantava muito. Às vezes sem ninguém pedir. E contava histórias — talvez para organizar o mundo, talvez porque minha própria vida já era uma boa crônica em construção.
Teve uma fase em que achei que não teria família. Eu não cabia no modelo, no padrão, na expectativa alheia. Até que entendi uma coisa simples e libertadora:

**se o molde não serve,**
**o problema não é o corpo — é o molde.**

Estudei. Insisti. Tropecei — no corpo e na vida (meu equilíbrio sempre foi um projeto em andamento). Levantei.
Fui de telefonista a professora.
De quem ouviu muitos **"não"**, virei lugar de **acolhimento**.
De quem achou que **não teria família**, virei **mãos que cuidam**, **educam** e **criam filhos.**

**Hoje sigo sorrindo.**
**Porque existir como pessoa com deficiência, ocupar espaços, rir do capacitismo e insistir na inclusão também é um ato político.**

***E, sinceramente?***
***Eu faço isso com gosto!***



## Entre o Habitus e a Exceção

*Gisele do Rocio Cordeiro*

**Se Pierre Bourdieu lesse hoje a minha trajetória, talvez dissesse que sou uma exceção estatística.**




Sou professora, doutora em Educação, filha de um serralheiro e de uma dona de casa que mal sabiam escrever o próprio nome. Fui a primeira da família a conquistar um **diploma universitário**.

Filha única — condição que muitos interpretam como privilégio, mimo ou facilidade. Enganam-se. Não sabem de nada. A vida nunca foi simples e tratou de me ensinar cedo.

Aos vinte anos, perdi minha mãe, antes mesmo que ela completasse cinquenta. Pouco depois, cuidei do meu pai até seus últimos dias. A maturidade não me foi oferecida como escolha; ela se impôs como necessidade.

Sempre estudei. Não porque alguém me exigiu ou disse que era preciso, mas porque, ao longo do caminho, anjos surgiram — pessoas que me orientaram, acreditaram, abriram pequenas frestas por onde pude passar. Entrei cedo na universidade porque compreendi, ainda muito jovem, que aquele era o único caminho possível.

Não sonhava com cursos disputados ou socialmente prestigiados. Medicina, Direito, Psicologia nunca estiveram no horizonte. Meu sonho era mais simples — e mais radical: entrar na universidade pública. Eu vinha de escolas públicas e sabia que aquela era minha única chance.

A Filosofia foi o caminho possível, uma porta de entrada. Depois, as Artes. A Pedagogia só fez sentido mais tarde, já no Mestrado em Educação. Ainda assim, fiz o curso presencialmente, em aulas diárias às 7h30 da manhã, numa fase em que eu já era professora do Ensino Superior.

Comecei muito jovem na docência. Desbravei salas de aula, estradas e regiões deste Brasil imenso. Viajava, conhecia alunos das mais diversas realidades. Que menina destemida — talvez inconsequente — eu era. Sem medo. Ou, quem sabe, com medo, mas indo mesmo assim.

**Hoje, já são 25 anos de docência.**

A menina já não existe mais.
Existe a mulher que sofreu, viveu e sobreviveu.
Que casou, descasou, que enfim encontrou seu par.
Que realizou um grande sonho — ou melhor, dois. Dois filhos que me dão trabalho todos os dias. Porque quase ninguém fala das dificuldades de ser mãe. Menos ainda de ser mãe de dois adolescentes.

**E, ainda assim, sigo.**
**Na docência.**
**Na vida.**
**Inteira.**



## Vinte anos depois

*Marcelly Mesquita*

Ser mãe de uma pessoa superdotada é descobrir, muitas vezes, que aquilo que parece um presente também pode vir acompanhado de perguntas para as quais ninguém nos preparou.

Há vinte anos, eu não sabia disso.
Eu apenas sabia que tinha uma filha diferente.
Diferente no jeito de perceber as coisas, de perguntar, de observar, de aprender. Havia uma intensidade que nem sempre era fácil compreender. Enquanto eu procurava respostas, muitas vezes encontrava mais dúvidas.



E vieram os anos.
Vieram as comparações, as expectativas, os desencontros e também aqueles momentos em que a gente se pergunta se está fazendo alguma coisa errada. Vieram situações que exigiram de mim mais escuta, mais paciência, mais pesquisa e, principalmente, a capacidade de compreender que nem sempre aquilo que é diferente precisa ser corrigido.
Nem sempre foi fácil.
Houve momentos em que precisei lutar para que ela fosse compreendida. Outros em que precisei aprender a não transformar suas dificuldades em fracassos. E tantos outros em que precisei simplesmente estar ali — mesmo sem saber exatamente o que fazer.

Ser mãe de uma pessoa superdotada também é aprender que inteligência não protege ninguém das dores da vida.

Uma criança pode aprender muito rapidamente e, ao mesmo tempo, precisar de colo.

Pode compreender assuntos complexos e ainda não saber lidar com determinadas emoções.

Pode surpreender os adultos com sua capacidade e, ainda assim, precisar que alguém diga: **“Está tudo bem. Você não precisa dar conta de tudo.”**

Talvez essa tenha sido uma das maiores aprendizagens desses vinte anos.

Eu precisei deixar de olhar apenas para aquilo que ela era capaz de fazer e começar a enxergar quem ela era.

Porque, antes de qualquer habilidade, desempenho ou capacidade extraordinária, existe uma pessoa.

**Minha filha.**



E foi acompanhando sua trajetória que eu também fui me transformando.
Aprendi a questionar expectativas. Aprendi que cada pessoa tem seu próprio tempo. Aprendi que uma trajetória não precisa ser linear para ser bonita. Aprendi que algumas batalhas são travadas silenciosamente e que, muitas vezes, aquilo que parece simples para os outros custou muito para chegar até nós.
Hoje, vinte anos depois, olho para trás e percebo quantas coisas atravessamos para chegar até aqui.
Não foi um caminho perfeito.
Foi um caminho real.
Com medo, dúvidas, descobertas, orgulho, cansaço, lágrimas, risos e muitas conquistas que talvez só nós duas saibamos dimensionar.
E hoje eu não quero olhar apenas para tudo aquilo que ela conquistou.
Quero olhar para tudo aquilo que ela precisou atravessar para chegar até aqui.
E, principalmente, quero reconhecer a mulher que ela se tornou.

**Talvez ser mãe seja isso: acompanhar alguém desde o começo sem saber exatamente onde a estrada vai terminar.**

E, vinte anos depois, perceber que a maior conquista não foi ter respostas para todas as perguntas.



**F**oi ter permanecido ao lado dela enquanto, juntas, encontrávamos algumas respostas. Hoje, se eu pudesse dizer alguma coisa para aquela mãe de vinte anos atrás, diria:

**“Tenha calma. Você ainda vai descobrir que aquilo que hoje parece tão difícil também fará parte da história mais bonita que você vai contar.”**

E aqui estamos. Vinte anos depois.

Ela, sendo exatamente quem é.
E eu, ainda aprendendo a ser sua mãe.

## *O SILÊNCIO NUNCA ME COUBE*

*Graziele Aparecida Correa Ribeiro*

Há mulheres que aprendem cedo a ocupar espaços. Não por serem ensinadas a isso, mas porque o silêncio nunca lhes coube por completo. Eu demorei para perceber que o meu jeito de ocupar espaço não era barulhento. Era insistente. Era aquele tipo de presença que chega devagar e, quando vê, já ficou.

Cresci entendendo que caminhar adiante exigia atenção, estudo e um certo cuidado com o mundo, não aquele cuidado que paralisa, mas o que observa, acolhe e insiste. Fiz da educação o meu território não por acaso. Ensinar sempre foi, para mim, uma forma de permanecer em diálogo com a vida.

A minha vida começou num lugar pequeno. Pequeno mesmo, não tinha nem mil habitantes. Daqueles em que a rua sabe o seu nome antes de você aprender a assinar. Uma cidade silenciosa e estranha, porque as pessoas ali viviam em um monte que não é real, como se o chão fosse uma ideia e não um lugar.

Eu morava com minha mãe e meus irmãos. A casa era fria. E não era metáfora. Era fria de verdade. Chão batido. E quando chovia, o mundo mudava de cheiro. Cheiro de terra molhada, subindo do chão como se a casa respirasse. Eu lembro disso com uma precisão que me assusta.

Tem memórias que a gente não guarda. Elas é que guardam a gente.
E, naquela fase, a vida já era grande demais para caber em sonho.
Eu não me sentia boa em nada. E talvez isso tenha sido o começo de tudo.

Porque, quando você não se sente boa em nada, ou você se apaga, ou você procura um lugar onde consiga existir. **Eu encontrei esse lugar na escola.** Eu era boa na escola. Boa de um jeito silencioso também. Boa porque estudar me dava contorno. Me dava chão. Eu me encontrava ali.

**E, sem perceber, eu estava fazendo uma coisa perigosa para uma menina de cidade pequena.**
**Eu estava me dando futuro.**

Ao longo do caminho, descobri que ser mulher nos espaços acadêmicos é aprender a equilibrar firmeza e escuta. É sustentar a própria voz sem perder a sensibilidade. É compreender que o conhecimento não se constrói sozinho, mas na troca nos corredores, nas conversas apressadas, nas dúvidas compartilhadas, nos olhares que dizem “eu também já passei por isso”. Foi ali, nesses encontros cotidianos, que entendi que apoiar outras mulheres não é um gesto grandioso. É um exercício diário, quase silencioso, de presença.

**Quando cheguei na graduação, eu me senti um peixe fora d'água**.

Eu entrei e pensei, com uma sinceridade que só a gente tem quando está com medo: o que eu estou fazendo aqui? E aí eu vi. Não de uma vez. Aos poucos. Como a gente vê certas coisas que doem. Eu vi que o espaço era machista. Eu vi o peso da prova constante, a cobrança que ninguém chamava de cobrança, o olhar que pergunta sem perguntar se você pertence. E eu entendi uma frase que eu nunca tinha estudado em livro nenhum.

**Ser mulher dentro da Física sempre foi um ato de resistência.**
**Eu resisti.**
**Eu fiquei.**
**Eu terminei.**
**No meu ano, eu fui a única mulher a me formar.**
**E isso não é um troféu. É um retrato.**

A docência me ensinou que ninguém ensina sem aprender. Cada sala, cada estudante, cada desafio trouxe a consciência de que crescer não é um movimento individual. Avançamos quando alguém segura a porta aberta, quando uma palavra chega no momento certo, quando uma escuta verdadeira interrompe o cansaço. Em muitos momentos, precisei dessas mãos estendidas. Em outros tantos, pude ser eu a oferecê-las.

Teve dia em que eu precisei de mão. Teve dia em que eu fui a mão. E eu aprendi que apoiar outra mulher não precisa de cerimônia. Às vezes é só sentar do lado. Às vezes é só dizer, com o olhar, eu te vejo.



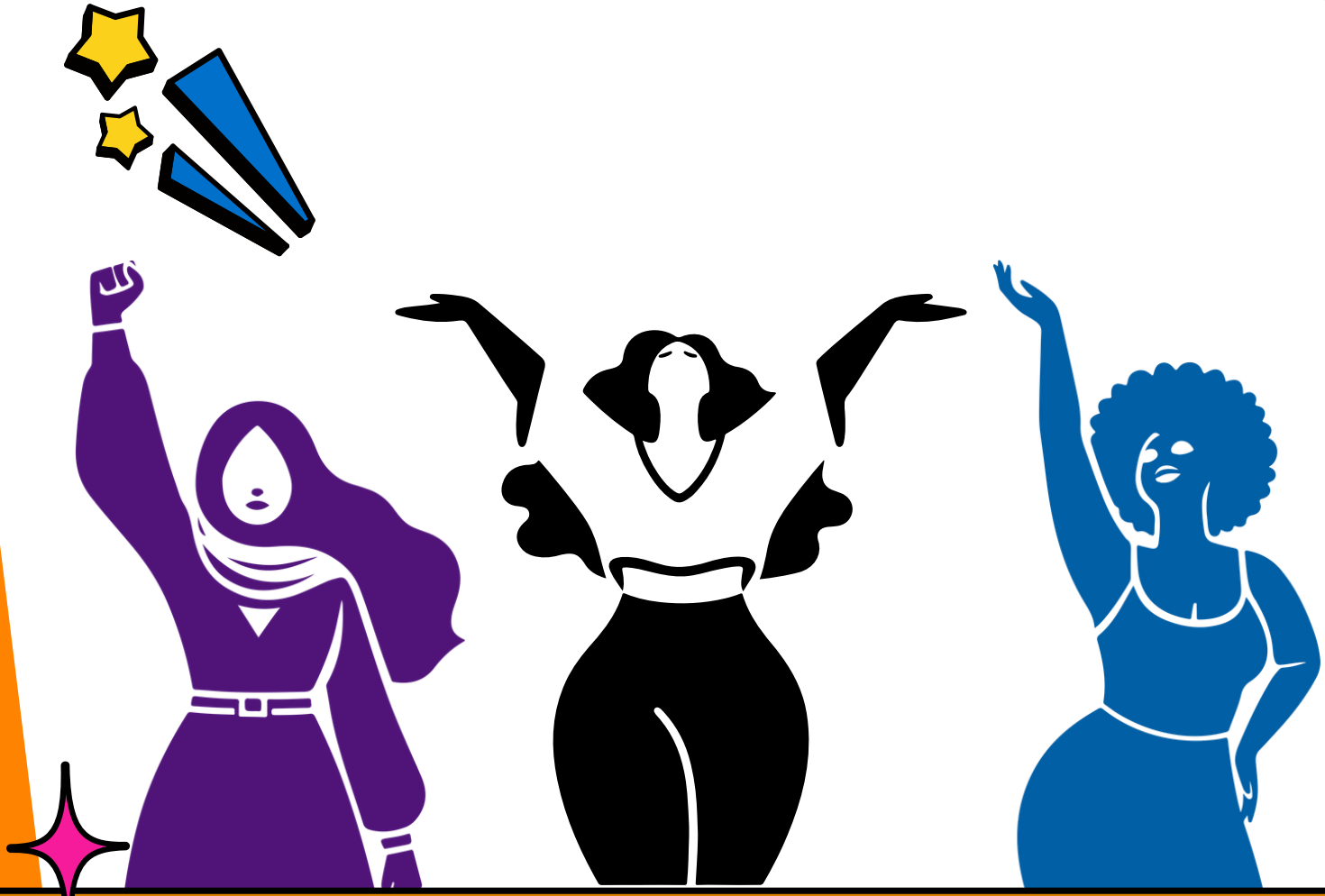
**Às vezes é só não competir onde**
**o mundo já competiu por nós.**

Hoje, ao olhar para a minha trajetória, não vejo uma linha reta. Vejo desvios, pausas, recomeços e escolhas feitas com medo e coragem ao mesmo tempo. Vejo uma mulher que aprendeu a confiar na construção coletiva, que entende a força do afeto como estratégia de permanência e que acredita profundamente que mulheres crescem mais quando crescem juntas.

Eu olho para trás e não vejo uma história lisa. Eu vejo a casa fria. O cheiro de terra molhada. A menina que não se achava boa em nada. E vejo a mulher que decidiu ser boa em continuar.
Se esta história encontra outras, é porque nenhuma de nós caminha só. Que ela sirva como espelho, como abrigo ou como impulso.

Que outras mulheres, ao lê-la, reconheçam suas próprias marcas, suas dúvidas e suas potências. Porque quando uma mulher conta sua história, ela não fala apenas de si. Ela abre espaço para muitas outras continuarem.

**E se você estiver no meio do caminho agora, pensando que não vai dar, pensando que é tarde, pensando que o mundo é grande demais para você, eu só queria te contar uma coisa, bem baixinho.**



***A cidade onde eu nasci era pequena.***
***Mas eu não precisei caber nela para existir.***

# *A MENINA QUE VOLTOU PROFESSORA: UMA HISTÓRIA DE EDUCAÇÃO, GRATIDÃO E TRANSFORMAÇÃO*

*Renata Adriana Garbossa*

Ela cresceu aprendendo com a mãe que o estudo era um bem precioso, algo que ninguém poderia lhe tirar. Desde muito pequena, ouviu histórias sobre a importância da educação e foi incentivada a valorizar cada oportunidade de aprendizagem. Esses ensinamentos se tornaram uma bússola que guiou seus passos ao longo da vida.
Enquanto muitas crianças passavam os finais de semana passeando pela vizinhança ou brincando com as amigas, ela reservava parte do seu tempo para a leitura.

Os livros eram companheiros constantes e, por meio deles, descobria mundos que iam muito além das paisagens que cercavam sua casa. Cada página lida alimentava sonhos, despertava curiosidade e fortalecia sua vontade de aprender.
A escola onde estudou os primeiros anos era uma escola multisseriada localizada na zona rural. Simples e acolhedora, reunia em uma mesma sala alunos de diferentes idades e séries, todos compartilhando os mesmos ensinamentos, desafios e descobertas. Para muitas crianças, o caminho até a escola exigia esforço e perseverança. As estradas de chão, as condições climáticas e a distância até a cidade faziam parte da rotina. Ainda assim, nenhum desses obstáculos diminuía seu entusiasmo em frequentar as aulas.

A educação representava muito mais do que um compromisso diário: era uma possibilidade de construção de futuro. Por isso, mesmo diante das dificuldades, manteve-se firme em seu propósito. O desejo de aprender falava mais alto do que qualquer desafio encontrado pelo caminho.
Foi nesse ambiente rural, marcado pela simplicidade e pelo espírito comunitário, que nasceu sua admiração pelos professores. Observava com atenção o trabalho daqueles educadores que, com dedicação e sensibilidade, conseguiam ensinar diferentes turmas ao mesmo tempo, transformando uma pequena sala de aula em um espaço de conhecimento e esperança.

Ainda durante o curso de Magistério, teve a oportunidade de iniciar sua trajetória na docência. O destino reservou-lhe um momento especial: sua estreia como professora aconteceu justamente na mesma escola multisseriada da zona rural onde havia estudado na infância. Ao assumir a turma em substituição à sua antiga professora, viu-se diante de uma experiência carregada de significado.
Aquela era a professora que lhe ensinara as primeiras letras, a leitura, a escrita e os traços iniciais que abriram as portas para o universo do conhecimento. Anos depois, ocupando o mesmo espaço e desempenhando o mesmo papel, ela percebia o quanto a educação tinha transformado sua vida. A criança que um dia se sentou nos bancos daquela pequena escola retornava como educadora, pronta para inspirar outras crianças da mesma forma que havia sido inspirada.

Mais do que o início de uma carreira, aquele momento representava a continuidade de uma história construída por muitas mãos: pela mãe que lhe ensinou o valor dos estudos, pelos professores que acreditaram em seu potencial e pela própria determinação que a acompanhou desde a infância. Naquela escola rural, entre memórias, desafios e aprendizados, começava uma trajetória dedicada a transformar vidas por meio da educação.

Hoje, ao revisitar sua história, percebe que muitos dos caminhos percorridos começaram dentro de casa.

Sem o incentivo dos pais, seu futuro poderia ter sido outro. Foram eles que lhe ensinaram a persistir, a acreditar na força transformadora da educação e a compreender que o conhecimento poderia levá-la além dos limites geográficos da comunidade rural onde cresceu.

**Cada conquista alcançada carrega, de alguma forma, as marcas desse apoio silencioso e constante.**



# *ENTRE RAÍZES E CAMINHOS:*
# *UMA HISTÓRIA DE HERANÇA, LUTA E TRANSFORMAÇÃO*

*Maristela R. S. Gripp*

Nasci em maio de 1963, mulher preta, filha de uma mulher extraordinária: Aristolina Maria de Jesus. Minha mãe foi muitas coisas ao longo da vida — ex-empregada doméstica, feirante, mulher do interior de Minas Gerais —, mas, acima de tudo, foi força. Semianalfabeta, descendente de negros e indígenas, ela carregava no corpo e na história as marcas de um Brasil profundo, desigual e, ao mesmo tempo, resistente.

Ela nunca pôde estudar. A vida não lhe deu essa oportunidade. Ainda assim, acreditava profundamente na educação. E foi essa crença que mudou o rumo da nossa história.

Cresci vendo minha mãe enfrentar o mundo com dignidade e coragem. Foi ela quem decidiu que a filha teria um destino diferente. Fez tudo o que estava ao seu alcance — e até o que não estava — para garantir que eu pudesse estudar. E eu estudei. Comecei no Jardim de Infância Campos Sales, depois segui para a Escola Guatemala. Morei no Bairro de Fátima e, mais tarde, no Flamengo, lugares que também fazem parte da minha formação afetiva e social.
Aos 17 anos, já formada no curso normal, comecei a trabalhar como professora. A educação, que para minha mãe era um sonho interrompido, para mim se tornou caminho, profissão e propósito. Mais tarde, fiz o curso de Letras, consolidando uma trajetória que sempre esteve ligada ao saber, à linguagem e à transformação por meio do ensino.

Minha formação não foi apenas acadêmica. Cresci em um ambiente protegido pela igreja e pela escola. Minha formação religiosa, no protestantismo presbiteriano, ajudou a construir valores que carrego até hoje: disciplina, fé, ética e senso de comunidade.
Tenho amizades que atravessam mais de 40 anos — vínculos que testemunham a importância das relações construídas com afeto e permanência.
Acredito, com a força de quem viveu essa verdade, que a educação é a ferramenta mais poderosa para transformar a vida de uma pessoa pobre e preta. Não como discurso abstrato, mas como experiência concreta, vivida na pele.

Casei-me com meu primeiro namorado, o único homem da minha vida, com quem construí uma família. Temos dois filhos adultos, formados, que são, também, expressão dessa herança de luta e conquista. Olho para eles e vejo não apenas o presente, mas a continuidade de um projeto iniciado por minha mãe.

Minha mãe não teve acesso às letras, mas foi autora de uma revolução silenciosa: acreditou que era possível romper o ciclo da pobreza e da ignorância. E rompeu. Por meio de mim, por meio dos meus filhos, por meio daquilo que ela plantou sem nunca ter frequentado uma sala de aula como aluna.

Quando concluí meu doutorado, dediquei minha tese à minha mãe, in memoriam, como gesto de gratidão. Foi a forma mais profunda que encontrei de devolver, em palavras e reconhecimento, tudo aquilo que ela me deu sem nunca ter podido nomear academicamente.
Aquela dedicatória não era apenas um agradecimento — era o encontro simbólico entre duas trajetórias: a dela, interrompida pela ausência de oportunidades, e a minha, construída sobre o alicerce da sua coragem.



Carrego comigo a certeza de que existe uma força feminina ancestral que nos guia. Uma força que vem das mulheres que vieram antes de nós, que resistiram, que sonharam mesmo quando tudo parecia impossível.

**Essa força não apenas sustenta — ela transforma.**
**Muda trajetórias.**
**Reescreve destinos.**



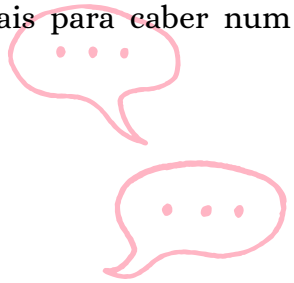
A minha história é, antes de tudo,
a continuidade da história de minha mãe.
E, como ela, sigo acreditando:

**é pela educação que abrimos caminhos.**
**É pela força das mulheres que seguimos adiante.**

# *A VIDA QUE NÃO PEDIU PERMISSÃO*

*Edna Marta Oliveira da Silva*

Durante muito tempo, houve um roteiro silencioso sobre o que seria a minha vida. Não era algo declarado, mas insinuado em perguntas, comentários laterais, expectativas que nunca precisei assinar para que fossem cobradas. Estudar, trabalhar, construir autonomia — tudo isso parecia apenas um caminho provisório até o ponto considerado definitivo: o casamento. E, logo depois, quase como consequência natural, os filhos.
Não me lembro de ter decidido não casar. O que houve foi outra coisa: uma vida que foi se organizando por conta própria. Trabalhei, escolhi, errei, recomecei. Quando percebi, minha existência já estava inteira demais para caber num molde que eu nunca me empenhei em vestir.
Foi então que começaram as perguntas.



"Mas por que você nunca se casou?"
"E quem vai cuidar de você na velhice?"

Sempre achei curioso que essas perguntas incomodassem mais aos outros do que a mim. Como se a minha vida precisasse de uma justificativa formal, uma explicação suplementar, um aval. Mesmo depois de tantas conquistas femininas, ainda parece fundamental, para a sociedade, que a mulher tenha um parceiro — um porto seguro, um salvo-conduto que autoriza sua circulação social.

Salvo-conduto mesmo. Já fui excluída de eventos porque eram "apenas para casais". E sempre me perguntei quando foi que se decidiu que mulheres solteiras não sabem conviver, compartilhar mesas, conversas e afetos. Como se a ausência de um par me colocasse automaticamente à margem desse grupo.
Nunca desmereci o casamento. O que sempre questionei foi a obrigatoriedade disfarçada de escolha. Ser mulher nunca deveria significar cumprir um ritual para validar a própria existência. Isso vale para a maternidade.
Filhos nunca foram um desejo para mim. E não é porque não os tive que não gosto de crianças. Ao contrário: celebro com alegria a felicidade das minhas amigas quando seus bebês chegam. Reconheço a beleza, o amor, a transformação que a maternidade traz para quem a deseja de verdade. Mas, em mim, sempre houve uma clareza silenciosa: a maternidade não é um chamado.
Não houve trauma, rejeição ou negação. Houve escuta. Escuta de mim mesma. Assim como algumas mulheres sempre souberam que queriam ser mães, eu sempre soube — mesmo sem saber explicar — que esse caminho não era o meu.

E aprender a sustentar essa certeza, num mundo que insiste em tratá-la como falta, também foi um exercício de **autonomia**.

O que realmente me intrigava — e ainda intriga — é a dependência, muitas vezes emocional, que se constrói em torno desses papéis. Não falo de dinheiro, mas da dificuldade de sustentar o próprio tempo, de habitar o próprio silêncio, de existir sem fusão. Como se amar, casar ou maternar precisassem anular a pessoa que se é.
Talvez essa tranquilidade diante da vida tenha raízes antigas. Cresci ouvindo da minha mãe que a pior coisa que pode acontecer a um ser humano é depender do outro para tudo. Ela dizia isso sem dureza, sem ressentimento. Dizia como quem entrega uma bússola.

**Autonomia, aprendi cedo, não é solidão — é dignidade.**

Com o passar dos anos, as perguntas mudaram de forma. O casamento e os filhos deram lugar ao envelhecimento. Como se o tempo, de repente, passasse a ser ameaça. Especialmente para mulheres. E mais ainda para mulheres que envelhecem fora dos roteiros convencionais.

Mas não foi o tempo que me assustou.
Foram sempre as pessoas.

O corpo muda — e isso é inegociável. Ele perde fôlego, pede pausas, denuncia excessos que antes passavam impunes. O espelho se torna mais sincero do que gostaríamos. Demorei a entender que cuidar do corpo não era resistir a ele, mas escutá-lo. Esse corpo não me traiu. Ao contrário: me sustentou. Cada marca é um registro de permanência.

Talvez não seja por acaso que, em 2019, eu tenha me aproximado do tarô. O estudo desse oráculo não entrou na minha vida como adivinhação, mas como linguagem simbólica — uma forma de escutar o tempo, os ciclos, as pausas. Entre tantas cartas, uma sempre me chama de volta: o Eremita.

A carta IX fala do velho sábio. Daquele que caminha com passos lentos, não por cansaço, mas por discernimento. O Eremita não foge do mundo; ele se afasta o suficiente para compreendê-lo. Carrega uma lanterna não para iluminar grandes multidões, mas para clarear o próximo passo. Sua luz é interna, e talvez por isso não dependa de aplausos.

Reconheci ali algo de mim. Envelhecer, não foi encolher. Foi depurar. Caiu o que era excesso, o que era ruído, o que era expectativa alheia. Permaneceram as perguntas certas. O tempo não me afastou de quem eu era — me aproximou. Como o Eremita, aprendi que há sabedoria em caminhar só, desde que esse caminho seja habitado.
Na maturidade, as relações mudam de textura. As amizades deixam de ser urgentes e passam a ser escolhidas. Não precisam ser constantes para serem profundas. Sobrevivem a longos silêncios, a vidas que seguem ritmos diferentes. Quando retomadas, continuam do ponto exato onde pararam.
Tenho amigas. Poucas, verdadeiras. Cada uma com sua própria vida, seus limites, seus cansaços — muitas delas mães. Quando nos encontramos, não precisamos justificar nossas escolhas nem comparar trajetórias. Basta nos reconhecermos.

Chamam de solidão aquilo que muitas vezes é apenas ausência de ruído. Confundem estar só com estar desamparada. Mas existe uma solidão que não dói — aquela que nasce da suficiência, não da falta. Aquela que, como ensina o Eremita, é espaço de escuta e não de carência.

O mesmo aprendi sobre os amores.

Não penso nos amores que não vivi com amargura. Penso neles como penso em cidades que nunca visitei: sei que existem, imagino como seriam, mas não sinto que minha vida tenha sido menor por não tê-las conhecido. Alguns não aconteceram porque não cabiam. Outros porque exigiriam concessões que eu não quis fazer.

E, apesar de tudo — do tempo, do corpo que muda, das perguntas insistentes, das ausências escolhidas — há uma sensação profunda de liberdade. Como se eu pudesse ter o mundo nas mãos. Não no sentido de posse, mas de abertura. Como se os caminhos não estivessem mais vigiados por expectativas externas. Como se eu pudesse escolher **quando ir, quando ficar, quando silenciar.**

Talvez essa seja uma das grandes dádivas de envelhecer fora do roteiro: a vida deixa de ser um projeto a ser validado e passa a ser um território disponível. Como no tarô, não se trata de prever o futuro, mas de compreender o presente e caminhar com consciência.

Hoje, quando me perguntam quem vai cuidar de mim no futuro, penso que talvez a pergunta correta fosse outra:

**Que vida construí para chegar até aqui com essa serenidade?**
**Que luz aprendi a carregar?**
**Que liberdade sustentei ao longo do tempo?**

Não sei exatamente como será o amanhã. Mas sei que caminho como o Eremita: com passos firmes, luz própria e a tranquilidade de quem nunca desistiu de ser fiel a si mesma.

E isso, para mim, sempre foi uma forma profunda de cuidado.



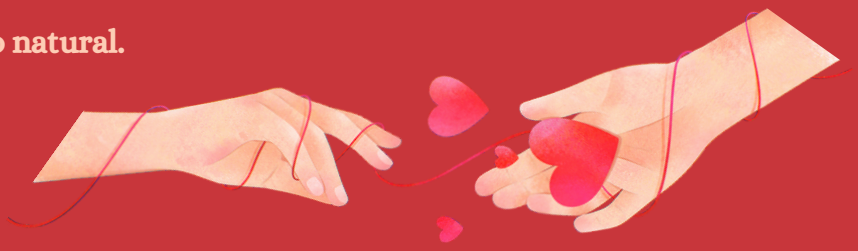
## *SENSIBILIDADE QUE ENSINA:*
## *A DOCÊNCIA COMO CAMINHO DE VIDA*

*Rita de Cássia Turmann Tuchinski*

Minha história nasce da sensibilidade que aprendeu a ensinar, fazendo da docência não apenas uma profissão, mas um caminho de vida.
Desde muito cedo, aprendi que o tempo pode ser exigente — e, ainda assim, generoso com quem escolhe seguir com cuidado e atenção ao outro. A vida me atravessou com silêncios, com aprendizados precoces, com desafios que não cabem em palavras diretas. Ainda assim, nunca perdi o sorriso. Talvez porque, mesmo quando o mundo parecia estreito, eu tenha aprendido a olhar para o outro antes de olhar para mim.

**Cuidar sempre foi um gesto natural.**

**Ferir, jamais foi opção.**



Foi no incentivo firme e amoroso do meu avô que a educação se revelou como caminho. Ele acreditava nos livros, no estudo, no futuro que se constrói com persistência. E fazia questão de dizer, com orgulho nos olhos, que eu era professora. Mas, na verdade, eu já sabia. Desde pequena, minhas brincadeiras tinham sala de aula, alunos imaginários e quadros desenhados no ar. Ser professora nunca foi acaso, foi anúncio. A docência me habitava antes mesmo de ter nome.

Ainda no interior, assim que concluí o magistério, comecei a ensinar. A **docência não foi escolha tardia — foi encontro.** Por muitos anos, caminhei pela Educação Infantil e pelos Anos Iniciais. Ali, aprendi que ensinar é estar inteira no vínculo. Fui uma professora próxima, acolhedora, profundamente implicada com a comunidade. Ensinar, naquele contexto, era cuidar. E cuidar sempre fez sentido para mim.
Houve também um tempo em que estudar exigiu silêncio, estratégia e coragem. Nem sempre o desejo de aprender era compreendido, mas, ainda assim, segui. Levei comigo livros, sonhos e uma certeza íntima de que o conhecimento não era apenas um objetivo — era um gesto de fidelidade a quem eu sempre fui. Aprendi, nesse percurso, que crescer também pode ser um movimento discreto, feito por dentro, mas nem por isso menos potente.

Sou mulher, professora e aprendente do mundo. Não cheguei a essa consciência por atalhos, mas pelos caminhos — alguns cuidadosamente planejados, outros absolutamente inesperados — que a vida foi abrindo enquanto eu ensinava, escutava e me desafiava a ir além do que eu mesma imaginava ser capaz. A docência nunca foi, para mim, apenas um exercício técnico. Ela sempre carregou a marca do encontro. O encontro com o estudante, com o território e, sobretudo, comigo mesma.

Ser mulher na educação é, muitas vezes, sustentar a competência em ambientes que cobram desempenho, mas nem sempre acolhem sensibilidades. Ao longo da minha trajetória, presencial ou a distância, compreendi que ocupar espaços, experimentar novas linguagens e não recuar diante do novo sempre exigiu coragem — uma coragem delicada, construída na escuta e na confiança.
Foi também na experiência da solitude que essa compreensão se fez mais clara. É neste momento da minha vida que reconheço, com mais consciência, a mulher que sou — ainda tímida, mas inteira. Nesse encontro comigo mesma, compreendi que ser mulher não é um ponto de chegada, mas um processo de escuta, cuidado e permanência. A docência que exerço nasce, também, desse lugar interno, onde sentir, refletir e seguir com delicadeza tornam-se atos de coragem.

Nem todos os encontros foram marcados pelo acolhimento, e houve momentos em que precisei seguir em silêncio, fortalecendo, aos poucos, a escuta de mim mesma. Foi nessa travessia que compreendi que a minha permanência não dependia do reconhecimento imediato, mas da fidelidade àquilo que sou. A docência que exerço hoje também nasce dessa experiência interior, que me ensinou a cuidar sem endurecer.

Em um novo momento da vida, o ensino superior se apresentou como possibilidade. Cheguei passo a passo, observando, aprendendo e me permitindo habitar esse novo espaço formativo. Até que, em um dia inesperado, entrei em sala para substituir uma docente. O coração acelerou, o silêncio interno foi grande, mas o corpo seguiu. E ali compreendi, com clareza: eu estava exatamente onde precisava estar.

Um desses deslocamentos marcou profundamente minha história profissional: o início da minha trajetória na educação a distância. Nunca imaginei que conseguiria estar à frente de uma câmera. A exposição, o medo de errar, a sensação de falar para um público invisível me atravessavam. Mas, aos poucos, compreendi que a
EAD não anulava o vínculo pedagógico — ela o ressignificava. Transformei a câmera em ponte, a tela em espaço de encontro e a palavra em presença.

A educação também me ensinou sobre limites. Ensinou que o adoecimento docente existe e precisa ser nomeado. Reconhecer isso não foi sinal de fragilidade, mas de maturidade. Aprender a cuidar de mim foi condição para continuar cuidando do outro.

Hoje, sigo acreditando que educar é um ato ético, político e profundamente humano. Seja em uma sala física ou diante de uma câmera, ensinar continua sendo, para mim, compromisso com a transformação, com a dignidade das pessoas e com a sensibilidade que escolhi preservar.

**Minha história não é sobre perdas — é sobre escolhas.**
**Escolhi cuidar.**
**Escolhi sentir.**
**Escolhi educar.**
**E sigo, todos os dias, fazendo da docência o meu caminho de vida.**



## *MÃE MULHER*

*Deisily de Quadros*

Naquele domingo frio e ensolarado, ela acordou cedo, antes do filho e do companheiro. Vestiu o roupão felpudo e, ainda sonolenta, foi até a cozinha, acompanhada do cachorro. Logo o aroma de café tomou conta do andar debaixo do sobrado. Pegou a sua xícara com o café recém passado e sentou-se no sofá, com o cachorro ao lado, abrindo o livro "Olhos d'água", de Conceição Evaristo. Retirou o marca-páginas que estava no início do conto "Ayoluwa, a alegria do nosso povo", iniciando a leitura.

Conto breve, mas tão profundo. Esqueceu-se do café até os olhos finalizarem a leitura da última frase. Respirou fundo: uau, que conto! Um canto ao esperançar, à vida em comunidade, às linhagens que antecedem e tecem o presente. Conceição é de uma força, pensou. Que alegria viver no mesmo tempo dela. Fechou o livro, estava ainda extasiada com a leitura, precisava tomar fôlego, organizar os sentimentos que afloravam em seu ser.

Voltou ao café, sorvendo o líquido já morno. Mas o coração palpitava quente e logo atiçou o pensamento: é o poder que a literatura tem. Somos múltiplas, pensou. Sou várias. Sou um resultado nada matemático daquelas que me antecederam. E daquelas com quem convivo. E essa é uma boniteza da vida: somos tecidas por outras, somos o fruto da partilha de outras generosas mulheres.

Um raio de sol começou a entrar pela janela, deixando os pelos do cachorro acobreados. Lembrou-se da mãe. E de como por ela foi tecida generosamente. Com ela aprendeu o significado de cuidado e amor. Quando criança, na Rua da Maromba, depois que o irmão ainda bebê dormia o sono da tarde, a mãe a levava junto da irmã para andar de bicicleta na rua, explorar o pequeno mundo. Foi na companhia da mãe que foi pela primeira vez à Biblioteca Pública do Paraná, e aprendeu a pesquisar os livros nas infinitas gavetinhas. Na adolescência, a casa dela era a escolhida pelas amigas para fazer os trabalhos escolares, porque os encontros terminavam sempre com os lanches gostosos da mãe, que dizia: estudem e sejam donas do próprio nariz. Quando ela começou a trabalhar e chegava em casa tarde da noite, a mãe já estava dormindo. Mas o cuidado dela estava ali, sobre a mesa, em formato de um prato de comida a esperando. Ela tornou-se mãe, a mãe tornou-se avó, e o amor e o cuidado cresceram, se estenderam. Acho que eram infinitos, ela pensou, com imensas saudades da mãe-âncora, da mãe-bússola, da mãe-equilibrista, da mãe-amiga, da mãe-mulher. Fechou os olhos e sussurrou devagar, saboreando a palavra: m-ã-e, minha m-ã-e.

O sol agora tomava conta de grande parte do sofá, chegando ao braço esquerdo dela, que permanecia com a xícara nas mãos e parecia não ter percebido que o café terminara, sendo absorvida por um passado que parecia estar logo ali no ontem.

A mãe não rompeu grandes estereótipos sociais do ser mulher, mas emanou amor e cuidado, o que a tornou uma mulher segura, forte, com imenso anseio de ocupar espaços e de ser ouvida, pronta para adentrar o mundo com delicadeza e força, sendo dona do próprio nariz. Lembrou-se dos versos de Caetano que tanto a emocionam e que, de certa forma, expressam tão bem a mão materna que a conduziu durante um tempo na vida:“Minha mãe me deu ao mundo / De maneira singular / Me dizendo uma sentença / Pra eu sempre pedir licença / Mas nunca deixar de entrar”.

Sentiu o sol aquecer o seu corpo naquela manhã fria de domingo, iluminando agora o cachorro, a sala e todo o seu ser. O sol parecia entender a alegria que estava sentindo de ter sido tecida com tanto amor e cuidado pela mãe. E por ter andado pelos caminhos escolhidos de mãos dadas por muito ou pouco tempo com outras mulheres que partilharam – ora com força, ora com doçura – a luta, a grandeza, os percalços, o esperançar de ser mulher.



# *ENTRE O CUIDAR E O APRENDER: UMA HISTÓRIA DE VIDA, EDUCAÇÃO E RESILIÊNCIA*

*Lisandra Babireski Barcia da Silva*

Permita-me contar um pouco da minha história...

Meu nome é Lisandra Babireski Barcia da Silva. Nasci em 14 de abril de 1977, na cidade de Canoinhas, em Santa Catarina. Sou filha de Ludovico e Leci Ivete, uma origem que muito me honra; meus pais são essenciais na constituição de quem sou. Sou casada com André desde 10 de janeiro de 1998 e, juntos, construímos uma família que é a base da minha vida: somos pais de três filhos, Mateus, Luiza e Miguel.

Minha história com a educação começou cedo, em 1982, quando entrei pela primeira vez em uma sala de aula. Naquele tempo, a Educação Infantil ainda se chamava Jardim e Pré-escolar, e tive o privilégio de vivenciar dois anos dessa etapa. Lembro-me com carinho das minhas primeiras professoras, Silvana e Regina. Foram elas que me ensinaram a ler e me apresentaram algo que mudou minha vida para sempre: a magia do aprender. Foi ali, aos seis anos de idade, no Pré-escolar, que conheci o mundo letrado e descobri um amor profundo pela escola — amor esse que me acompanha há cerca de 44 anos.

Mesmo antes de aprender a ler plenamente, eu já brincava de ser professora. Vestia um jaleco branco, escrevia no quadro-negro, ensinava minhas bonecas e repetia falas, gestos e posturas das professoras que tanto admirava. Era como se, intuitivamente, eu já soubesse qual caminho queria seguir. Sempre fui uma aluna aplicada, curiosa, comprometida e muito dedicada. Era apaixonada por desenhar casas (guardo minha pasta de desenhos até hoje). Meus pais ensinavam que estudar era uma responsabilidade, e eu levava isso a sério. Buscava boas notas, bons resultados e fazia o melhor que podia dentro da escola.

Mas nem todas as experiências foram leves. Na antiga 7ª série, hoje 8º ano, vivi um episódio que marcou profundamente minha relação com a matemática. Em uma aula, fui exposta diante de toda a turma de forma agressiva por uma professora, que afirmou que eu não aprendia matemática porque era “conversadeira”, assim como minha mãe, que havia sido aluna dela anos antes. Aquela fala ecoou dentro de mim por muito tempo. Gerou um sentimento de incapacidade, de menos-valia, que carreguei por toda a vida escolar. Passei a acreditar que não era capaz de aprender matemática. Eu até conseguia notas suficientes para passar, mas sempre com muito esforço e insegurança.

Apesar disso, na escola eu era conhecida como a amiga conselheira. Sempre envolvida nas atividades, participativa, disponível para ajudar colegas e professores. Cuidar do outro, escutar, orientar... isso já fazia parte de mim.

Vinda do interior de Santa Catarina, onde as oportunidades educacionais eram limitadas, enfrentei ainda jovem a experiência de sair de casa para concluir o ensino médio em Curitiba.

Entre desafios, saudade e amadurecimento precoce, vivi um ano decisivo, marcado por uma orientação vocacional que revelou, com clareza e sentido, o caminho da Psicologia como projeto de vida.

Ainda assim, cometi um grande equívoco. Inscrevi-me no vestibular da UFPR para Engenharia Civil. Sim... aquela mesma menina que carregava um bloqueio com a matemática. Como eu gostava de desenhar casas, achei que isso bastaria. O resultado foi previsível: não fui aprovada e tive um desempenho muito baixo em matemática. Essa experiência, embora dolorosa, foi decisiva. No ano seguinte, concentrei meus esforços e fui aprovada em Psicologia e em Design. Diante das condições financeiras da família, precisei escolher. E escolhi a Psicologia, que, no fundo, sempre foi meu verdadeiro desejo.

Foi em 1996, na universidade, que conheci André, o amor da minha vida. Carioca, alto, inteligente, carismático, era o famoso "carioca da faculdade". Estudante de Odontologia, sempre simpático e sociável. Começamos a namorar e, em janeiro de 1998, nos casamos, tínhamos apenas 20 anos. Não tínhamos bens, apenas um ao outro e muitos sonhos. Moramos de favor, andávamos de ônibus, pegávamos caronas, dividíamos o lanche e enfrentamos dificuldades financeiras, mas sempre nos escolhendo todos os dias.

Na Psicologia, direcionei meus estudos tanto para a área educacional quanto para a clínica. Durante a graduação, realizei estágios em diversos locais, clínicas de psicologia e hospital psiquiátrico, sendo o mais marcante no Hospital Geral de Curitiba, do Exército Brasileiro.

Foi no Exército que enfrentei um dos primeiros grandes desafios da minha vida profissional: um rigoroso processo seletivo, no qual fui aprovada. Ali iniciei uma trajetória de sete anos como psicóloga, alcançando o posto de 1º Tenente e tornando-me, à época, a primeira mulher psicóloga militar do Sul do país. Muito jovem, com 1,56 m de altura, fardada e inserida em um espaço historicamente masculino, aprendi que ocupar um lugar não é apenas estar nele, mas sustentá-lo com competência, coragem e constância. Entre olhares de desconfiança e desafios diários, construí meu caminho e reafirmei, a cada passo, que pertencimento também se conquista.

Nesse período, tive o privilégio de servir no Colégio Militar de Curitiba, onde aprendi muito como educadora e realizei diversas especializações. Em 2002, concluí minha primeira pós-graduação em Psicopedagogia, iniciando uma trajetória de quase 24 anos dedicados à Psicopedagogia e aos desafios do aprender.

Entre 2008 e 2009, cursei a pós-graduação em Tutoria do Ensino a Distância pela Facinter e atuei no núcleo de avaliação do curso de Pedagogia a distância, corrigindo trabalhos. Essa experiência despertou meu interesse pelo ensino superior. Ao longo da carreira militar, realizei também outras pós-graduações nas áreas da educação e da gestão de pessoas, pois o aprofundamento constante sempre foi necessário e essencial.

Em determinado momento, tive a oportunidade de seguir carreira no Exército, o que exigiria um ano de formação em Salvador e a possibilidade de aposentadoria como Tenente-Coronel. Mas a maternidade e a vida familiar falaram mais alto. Escolhi estar ao lado da minha família, a melhor decisão da minha vida. Ser mãe. Meus filhos e meu marido são meu chão, meu ar, minha essência.

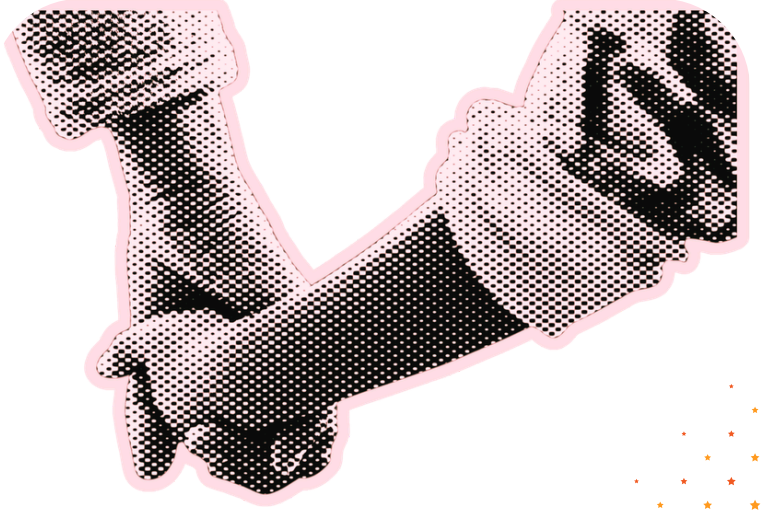
Vivi três gestações lindas. Na última, enfrentei momentos difíceis: havia dois sacos embrionários, mas apenas um evoluiu. Houve sangramentos, choro, dores e risco iminente de perda. Mas a vida venceu. Miguel chegou como um verdadeiro milagre.

Ao longo da minha vida, enfrentei perdas marcantes. Despedidas que trouxeram dor, sofrimento e um silêncio difícil de nomear. Pessoas profundamente amadas se foram, mas deixaram marcas indeléveis na minha existência. Presenças que seguem vivas em mim, nos gestos, nas lembranças, nos aprendizados e na forma como vejo o mundo. Essas perdas são parte fundamental da minha história. Moldaram quem sou, fortaleceram minha sensibilidade e ampliaram minha capacidade de sentir, cuidar e acolher. Hoje, o que permanece é a saudade: uma saudade que dói, mas que também honra os vínculos construídos e o amor vivido.

Em 2006, fui convidada a atuar como Psicóloga Escolar em uma escola da rede privada, onde permaneci até 2023. Ali, acompanhei alunos, pais e professores nos processos de ensino e aprendizagem. Em 2012, criei o Serviço de Orientação Educacional (SOE) nesta instituição, um espaço pensado para cuidar de toda a comunidade escolar. O SOE tornou-se a porta de entrada da escola, acolhendo demandas, orientando e encaminhando. Um trabalho vivo, humano e comprometido.

Ainda em 2012, senti a necessidade de me aprofundar nos estudos sobre Altas Habilidades/Superdotação. Após atender tantas crianças e adolescentes ao longo da minha trajetória profissional, essa temática deixou de ser apenas um objeto de estudo e passou a fazer parte da minha vida de forma muito próxima. A condição se apresentou dentro da minha própria casa. Meu filho mais velho passou por uma avaliação e, ao contrário da suspeita inicial da professora, que indicava TDAH, o diagnóstico revelou Altas Habilidades. Esse momento foi, para mim, mais uma virada de chave. Mais uma vez, mergulhei nos estudos, movida não apenas pelo compromisso profissional, mas também pelo desejo profundo de compreender melhor as complexidades da mente humana e de oferecer o suporte adequado ao meu filho.

Essa experiência reafirmou algo que sempre esteve presente em minha trajetória: a necessidade constante de aprender, de revisitar saberes e de ampliar o olhar para além dos rótulos, compreendendo cada sujeito em sua singularidade.



Em 2013, um diagnóstico mudou profundamente a minha história: uma doença autoimune: a doença celíaca. Não era apenas uma condição individual; meu pai, minha irmã, minha filha e eu compartilhamos essa mesma realidade. A partir desse momento, aprendi, na prática, que mudanças são necessárias e que sempre existe a possibilidade de adaptação a novos processos de vida. Não foi um caminho fácil. Sofri, enfrentei situações de bullying, discriminação e exclusão. Houve momentos de dor e de cansaço, mas não me deixei abater. Continuei e continuo firme.

As vivências dentro da educação despertaram em mim a necessidade de aprofundar ainda mais meus conhecimentos na área educacional, levando-me a cursar Pedagogia, concluída em 2017. Nesse período, realizei o ENADE e fui contemplada com uma pós-graduação em Liderança e Coaching.

Atuei sempre em relação próxima com o corpo docente, oferecendo formação, escuta, orientação e apoio. Na Psicopedagogia, trabalhei tanto na clínica quanto na escola, sempre com um olhar sensível para os processos de ensinar e aprender. Ao longo de 25 anos de carreira, orientei inúmeros jovens em suas escolhas profissionais, e nada é mais gratificante do que reencontrá-los realizados, reconhecendo a importância do cuidado recebido.

Na Psicologia Clínica, são incontáveis as histórias de vida que tive o privilégio de acompanhar. Foram muitas escutas, muitos encontros, muitas mulheres, assim como eu, que confiaram a mim suas dores, seus medos, suas angústias e suas esperanças. Em cada atendimento, ofereci e ofereço não apenas o suporte terapêutico necessário, mas, sobretudo, presença, acolhimento e respeito à singularidade de cada história.

Às vezes, perguntam-me se consigo lembrar de todos os atendimentos que realizei ao longo da carreira. Minha resposta é sempre a mesma: sim, eu lembro. Porque não foram apenas “casos”. Foram histórias de vida. Histórias que me atravessaram, tocaram minha alma e às quais tive a honra de ter acesso.

Sinto-me profundamente grata pela escolha que fiz ao seguir essa profissão. Honrada por poder, por meio do conhecimento técnico aliado à sensibilidade humana, acolher, cuidar e auxiliar quem me procura. A clínica sempre foi, para mim, um espaço de encontro entre almas, um lugar onde o cuidar vai muito além da técnica e se transforma em compromisso ético, humano e afetivo com o outro.

Em 2019, ingressei no Mestrado em Educação. Em 2020, veio a pandemia... O mundo parou, e a pesquisa tornou-se um grande desafio. Minha inquietação era clara: quem cuida de quem cuida? Quem cuida do professor? Dessa pergunta nasceu minha pesquisa sobre o estresse docente em tempos de pandemia, com a honra de contar com a contribuição do professor Saul Neves de Jesus, da Universidade do Algarve, em Portugal.

Antes desse percurso, vivi também a Síndrome de Burnout. Adoeci. Precisei diminuir o ritmo, pedir ajuda, cuidar de mim. Acredito que essa vivência tenha sido um dos maiores impulsionadores da minha pesquisa. Com tratamento e uma rede de apoio sólida, consegui me reerguer.

Em 2023, enfrentei outro desafio: uma cirurgia de quadrantectomia na mama esquerda, após a identificação de microcalcificações. Foi um período difícil, doloroso, mas não definitivo. Hoje, olho a vida com outros olhos. Muita coisa mudou dentro de mim... valorizo os pequenos detalhes, as flores, o céu, o mar, as pessoas que amo, o simples. Meu tratamento com a oncologista se encerra em janeiro de 2027, e sigo com gratidão profunda por tudo o que vivi e por tudo o que ainda está por vir.

Ao longo do caminho, houve também escolhas silenciosas, feitas longe dos títulos e dos cargos, mas profundamente alinhadas ao que sou. No voluntariado, como rotariana, mãe escoteira, catequista, integrante da Pastoral da Criança, entre outras experiências em instituições, encontrei espaços de doação, escuta e presença. Foram vivências simples, muitas vezes discretas, mas que tocaram fundo, ensinando-me sobre cuidado, pertencimento e humanidade. Nesses encontros, reafirmei, sem alarde, o compromisso de estar com o outro, de servir e de cuidar, valores que seguem entrelaçados à minha história.

Se há uma palavra que traduz este momento da minha vida, ela é resiliência. Carrego a sensação de realização pessoal e profissional e uma gratidão imensa por exercer, atualmente, a docência no ensino superior. Formar pessoas, compartilhar saberes e participar da construção de trajetórias que transformarão a sociedade dá sentido à minha caminhada e reafirma, diariamente, a escolha que fiz.

Assim, sigo por aqui. Não por acaso, mas por coerência com a minha história. Da menina do interior, que precisou sair cedo de casa e aprender a lidar com a saudade para poder estudar, à jovem que encontrou na profissão um caminho possível; da mulher que, fardada, atravessou espaços inéditos em um ambiente majoritariamente masculino, à profissional que construiu sua trajetória com coragem, sensibilidade e compromisso. Dentro de mim, permanece viva aquela menina que brincava de escolinha e que, desde cedo, sentiu — mais do que compreendeu — que entre o cuidar e o aprender existe um sentido profundo. É nesse lugar que sigo, e é nele que escolhi permanecer.



# *QUEM SOU QUANDO SOU UMA MULHER EM DESLOCAMENTO*

*Larissa Priscila Bredow Hilgemberg*

Sou muitas Larissas em uma só, só uma só Larissa em tantas.
Meu nome é Larissa. Sou a terceira de três filhas. Muito mais nova que minhas irmãs, cresci aprendendo a brincar sozinha. Talvez por isso tenha sido, desde cedo, amiga de todos — e, ao mesmo tempo, sempre um pouco só.
Gostava da solicitude. Era nela que eu criava histórias e mundos, que olhava para dentro de mim, que lia e imaginava. Enquanto outras crianças dividiam brinquedos, eu dividia personagens. Enquanto o mundo acontecia do lado de fora, eu acontecia por dentro.
Mas, desde a infância, caminhei com uma sombra ao meu lado. Uma sombra que só depois de adulta pude nomear: depressão.

Na adolescência, o gosto pela leitura continuou. Permaneci amiga de todos, meio sozinha também. Os mundos e as histórias mudaram, mas ainda moravam em mim.
Foi assim que fui fazer Letras: porque amava ler, porque amava as palavras, porque elas dançavam dentro da minha cabeça. Fiz licenciatura mesmo sem querer ser professora.
Nesse tempo, encontrei um garoto. E deixei que ele entrasse na minha história. Aos poucos, deixei que conhecesse as muitas Larissas que viviam aqui.
Aos dezessete anos, eu não queria casamento, filhos, nem a docência. Não queria tanta coisa que, hoje, também é parte de mim.
Aos vinte e quatro, casei com esse garoto. Aos vinte e oito, nasceu nossa filha, Cecília. E, com ela, nasceu também uma nova Larissa.
Mas a sombra nunca foi embora. E a solitude, muitas vezes, virava solidão compulsória.
Entre as muitas Larissas que existiam, a maioria queria conhecer o mundo, queria ir embora. Nasci em Blumenau e cresci em Curitiba, mas não me via curitibana. Aquela cidade não me continha.
A Larissa que queria ir embora se fortaleceu no início da vida adulta. Foi também nesse tempo que a Larissa professora nasceu — ou, talvez, apenas tenha dado as caras. Ela sempre esteve aqui.
Aos trinta, tornei-me a Larissa professora. Uma Larissa que ensina enquanto se pergunta se sabe.
Para aprender a ensinar, aprendi a aprender. Fiz especializações e mais quatro licenciaturas: pedagogia, história, sociologia e artes visuais. E, com elas, novas Larissas se criaram.
Com a pandemia, o trabalho tornou-se remoto e a possibilidade de novos caminhos apareceu. Mudamo-nos para Minas Gerais dois dias depois de eu velar meu pai. Ele se foi de forma muito rápida — e a mudança já estava marcada.

O desejo de ir embora esbarrou no luto: luto pelo meu pai, luto pela vida que ficou para trás.
Aos trinta e quatro, enfim, me deparei com a depressão.
A depressão é um lugar-não-lugar. Um buraco negro, como naqueles desenhos em que há um ponto preto que se expande, e você cai e nunca para de cair. Ou entra e não encontra nada além de escuro. Um buraco negro que engole estrelas, planetas, universos inteiros — e não devolve nada.
Esse lugar-não-lugar tem vida própria dentro de mim.
Tento não entrar. Dou voltas. Analiso o mapa interno para desviá-lo. Mas, por ter vida própria, ele caminha. E sempre me alcança.
Quando percebo, estou de novo lá. A queda é livre. E eu envelheço anos-luz dentro dela.
A depressão é um lugar-coisa. Come o que vê pela frente. Faz com que eu me contradiga: na solidão, afasto-me ainda mais de quem amo; no desgosto ao olhar no espelho, descuido-me ainda mais; durmo demais ou não durmo nada; como muito e desejo parar de comer; reforço o que detesto e diminuo o que amo.
Quero ser eu mesma. Mas tenho medo de mim.

Vejo a porta de saída desse lugar-não-lugar. Ela está aberta. Mas fico paralisada, só olhando, enquanto ela me diz que há outras formas de viver.
Durante o período em que a depressão esteve mais intensa, iniciei um mestrado e desisti dele. Achei-me uma mãe péssima, uma esposa ruim, uma filha e uma amiga estranhas, uma profissional impostora.
Mas também me vi mãe amorosa. Esposa parceira. Filha e amiga possíveis. Profissional massa.

As Larissas continuaram se movendo: uma dando lugar à outra, às vezes caminhando juntas, às vezes com uma delas na dianteira.
A Larissa com síndrome de impostora teve muita força nesse período — mas outras Larissas me protegeram dela.
Conheci gente parceira e incrível pelo caminho. Senti saudades imensas de quem partiu — ou de quem deixei quando parti. Perdi-me e encontrei-me todos os dias. Estudei muito. Ensinei um pouco. Fui a professora que eu queria que tivessem sido para mim.

Ainda assim, não me sentia em casa.
Aos trinta e seis, uma nova mudança: João Pessoa. E, com ela, a perspectiva de me encontrar, de melhorar, de deixar que a sombra se dissipasse com a luz do litoral.
Aos trinta e sete, percebo que algumas Larissas já foram embora. Outras dormem. Mas novas Larissas nascem todos os dias — ou são reencontradas.
A Larissa praieira, de tornozeleira e marca de sol.
A selvagem, que encontra equilíbrio na terra e na natureza e é também o rio, a chuva, a folha que cai da árvore.

A criativa, que agora cria universos também com a filha.
A menina curiosa.
A velha rabugenta.
A meio bicho: serpente, loba, ursa.
A depressão continua como sombra — mas já não caminha sozinha, pois o sol me acompanha diariamente. Às vezes, ele incomoda os olhos. Ainda assim, me lembra de algo essencial:

**só existe sombra porque existe luz.**

E talvez seja isso.
Minhas sombras não me anulam.
Elas me desenham.
Sou muitas Larissas.
E sigo, com o sol nos olhos, aprendendo a existir com todas elas.



## *ENTRE CAMINHOS E CHAMADOS*

*Ana Paula de Andrade Janz Elias*

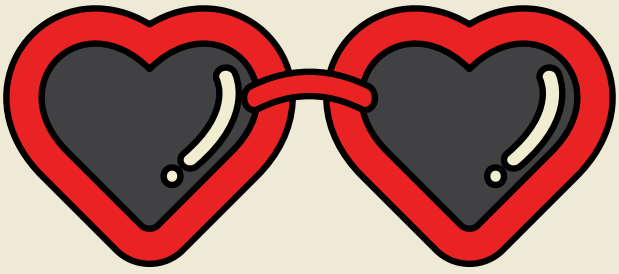
Nasci em uma casa cheia de passos apressados e vozes misturadas. Éramos quatro irmãos, e eu, a segunda filha, a única menina, aprendi cedo que não haveria muito tempo para lamentações. A vida me chamava, e eu atendia. Não era correr por desespero, mas por natureza: eu gostava de avançar. Cresci prática, com aquele senso íntimo de que objetivos foram feitos para serem buscados, não apenas sonhados.

Ainda pequena, encontrei na fé um porto silencioso. Ia sozinha à missa, escolhendo bancos que eram quase sempre maiores do que eu, mas nos quais minha alma se encaixava perfeitamente. Aos 15 anos, quando me tornei protestante, parece que a minha identidade finalmente ganhou pincel próprio. Havia algo de firme ali, algo que me moldaria por dentro. Liderança virou consequência: adolescentes primeiro, depois casais de namorados, noivos. Estes dois últimos já dividindo o caminho com meu esposo.

Felipe... ele chegou quando eu tinha 21 anos, depois de uma juventude em que namorar nunca foi prioridade. Mas o amor tem dessas ironias, quando chega do jeito certo, não precisa ser procurado. E veio bonito, veio forte, veio verdadeiro. Estamos casados há quase 19 anos, e desse amor vieram quatro filhos, um deles vivendo na eternidade, guardado por Deus, e três caminhando aqui: Penélope, a primogênita; Bernardo, o do meio; e Angelina, a caçula que ainda esbarra nos limites da adolescência. Minha família é minha base. É casa, essência, respiro. Eles me sustentam, me incentivam e me amam de um jeito que nem sei colocar em palavras. Deus foi delicado comigo quando os desenhou.

Aos 17 anos, quando muitos ainda tentam entender quem são, eu passei em um concurso para professora do Ensino Fundamental I. Mas só pude assumir aos 18, e lembro com nitidez da primeira turma, um segundo ano, cheio de olhares curiosos e cheios de mundo. Eu os amei de imediato, porque amor é assim, não pede licença para entrar.

Alguns anos depois, normalmente como professora de turmas de 5º ano, virei diretora de uma escola pública. Era jovem, mas já sabia que liderança não depende de idade, e sim de propósito. Recebi convite para trabalhar na Secretaria de Educação da cidade, mas escolhi ficar com minha primogênita. **E valeu, ah, como valeu.**



Quando passei no primeiro concurso, eu só tinha o magistério. Trabalhar e estudar viraram rotina, não sacrifício. Passei no vestibular para Licenciatura em Matemática em uma instituição pública, ainda antes de me casar. Para dar conta, larguei parte dos turnos, depois assumi três jornadas diárias: manhã, tarde e noite, cada uma em um canto, e ainda assim não havia cansaço, só alegria. Eu tinha um alvo: minha festa de casamento. E sim, foi linda.

Já formada, trabalhei em diferentes níveis de ensino, como professora de Matemática. Uma década depois da graduação, voltei a estudar. Vieram duas especializações, depois o mestrado, conquistado sem conhecer ninguém, só com esforço e fé. O mestrado abriu portas, entre elas a Uninter, onde hoje ensino no Ensino Superior. Às vezes me pego pensando na menina que cresceu na periferia e que hoje forma professores. A palavra certa? Talvez vitória. Talvez graça. Talvez propósito.

Emendei o mestrado no doutorado, porque quando a vocação chama a gente não finge que não ouviu. Hoje, doutora, posso contribuir com aquilo que mais faz sentido para mim: formar outros professores. E nesse percurso tive muita gente caminhando ao meu lado, muitas delas mulheres fortes, que me sustentaram quando necessário e me ensinaram quando eu precisei aprender mais.
No fim das contas, se alguém me perguntasse quem eu sou, eu diria sem hesitar:

**sou cristã, esposa, mãe e professora e, nessas quatro palavras cabe tudo o que eu amo, tudo o que escolhi, tudo o que Deus me deu.**



## *ENSINAR COMO PRESENÇA:*
## *QUANDO A EDUCAÇÃO TOCA O QUE SOMOS*

*Sandra Morais Ribeiro dos Santos*

Compreendo que uma trajetória acadêmica vai muito além de títulos, artigos e currículos. Ela se constrói, principalmente, na presença consciente e na humanidade vivida. Ensinar não é apenas transmitir saberes; é criar vínculos, estabelecer encontros, reconhecer o outro como legítimo interlocutor. É estar inteiro, mesmo em meio ao caos interno e externo que atravessa o ser humano contemporâneo. Por isso, quem ensina precisa, antes de tudo, aprender a ler o mundo, perceber as pessoas e acolher o que nelas pulsa.

Vivemos um tempo marcado pela urgência e pela exposição constante. Falar tornou-se fácil; escutar, raro. Muitos querem ser vistos, poucos se dispõem a realmente ouvir.




Rubem Alves já nos provocava com delicadeza e profundidade à arte da escutatória: “Escutar é complicado e sutil”. Quem ainda se dedicará à arte da escuta? Escutar os textos antigos, escutar o presente que nos interpela e, sobretudo, escutar o estudante que chega a nós numa sala, física ou virtual, carregando perguntas silenciosas, expectativas veladas e desejos que nem sempre encontram linguagem.

No cotidiano entre livros e telas, as pessoas precisam permanecer no centro. **Cuidar** de quem aprende é reconhecer que cada estudante traz consigo uma história, experiências de fé, afetos, fragilidades e uma forma singular de perceber o mundo. Quando isso é levado a sério, a sala de aula se transforma. A teologia dialoga com a vida, a filosofia encontra o cotidiano, e a educação passa a ser espaço de formação da pessoa inteira, esse ser **Imago Dei**, sempre em processo, inacabado, continuamente “em construção”. Falo do outro e de mim mesma.

Minha relação com a docência nasce muito antes da vida acadêmica. Vem da minha mãe, minha primeira professora. Ainda criança, acompanhava-a à escola com um orgulho simples e profundo: “minha mãe é a professora Elizia”. Sei que hoje ela se alegraria ao me ver aqui, se não tivesse partido tão cedo. Foi mãe solo... e eu era pequena demais para compreender sua força. Mas nunca esqueci seu amor pelo ensino e o seu pedido dito com emoção e firmeza: “Não pare de estudar. Prometa.” Ela faleceu ali, naquele quarto, em meus braços, olhando para mim. O coração de mãe e de professora silenciou naquele instante. Aos quatorze anos fiquei órfã, acolhida pelos tios, carregando um vazio difícil de nomear pela sua ausência.

Minha relação com a docência nasce muito antes da vida acadêmica. Vem da minha mãe, minha primeira professora. Ainda criança, acompanhava-a à escola com um orgulho simples e profundo: “minha mãe é a professora Elizia”. Sei que hoje ela se alegraria ao me ver aqui, se não tivesse partido tão cedo. Foi mãe solo... e eu era pequena demais para compreender sua força. Mas nunca esqueci seu amor pelo ensino e o seu pedido dito com emoção e firmeza: “Não pare de estudar. Prometa.” Ela faleceu ali, naquele quarto, em meus braços, olhando para mim. O coração de mãe e de professora silenciou naquele instante. Aos quatorze anos fiquei órfã, acolhida pelos tios, carregando um vazio difícil de nomear pela sua ausência. Apesar das dificuldades, segui estudando... curso técnico, Bacharelado em Teologia, Licenciatura em Química, Pedagogia, Filosofia.... pós-graduação, mestrado, doutorado. Saudosamente, replico aqui a frase de meu vozinho querido: “Menina... quando você vai terminar os estudos?” A resposta continua a mesma “E quando é que professor para de estudar?” Na verdade, o conhecimento não ocupa espaço, e só enriquece a alma daquele que nele se delicia.

Entretanto, conhecimento difere de sabedoria, que só vem com as experiências vividas. Essa não se aprende em livros, mas no caminhar da vida nos diversos relacionamentos que temos e construimos. Ao longo dos anos compreendi algo que ecoa com força dentro de mim: tudo na vida é provisório. Absolutamente tudo.

**E tudo é finito. Essa dura e implacável constatação nos confronta e nos chama à escolha.**

**Onde, afinal, investimos nossa vida?**
**O que realmente vale a pena nessa existência?**

**Minha resposta segue constante:**




Elas têm valor, mesmo quando não sabem disso. Jesus entregou sua vida por pessoas. Como Mestre dos mestres, Ele nos transmitiu essa lição, numa verdade simples, porém de grande profundidade. Assim, ensinar deixou de ser simplesmente uma atividade profissional ou um processo de transmissão de conhecimento. Tornou-se para mim um propósito de vida, caracterizado pelo compromisso de criar experiências transformadoras, que me motivam a criar situações formativas capazes de gerar empatia, consciência e responsabilidade em um mundo que, muitas vezes, se mostra bastante duro, inflexível e fragmentado.

Ser sensível ao outro é reconhecer que firmeza e leveza não se opõem; ao contrário, podem caminhar juntas quando há consciência, escuta e intenção educativa. A fé não elimina a razão, assim como a razão não precisa apagar a fé: ambas se fortalecem quando são conduzidas pelo diálogo, pela dignidade humana e pelo respeito à singularidade de cada pessoa. Nessa perspectiva, formar é acolher o ser humano em sua integralidade, percebendo suas histórias, necessidades, potencialidades e modos próprios de existir no mundo. A complexidade humana me fascina, porque revela que aquilo que inquieta o indivíduo também atravessa o coletivo, a sociedade e a própria educação. Por isso, escolho construir uma docência que inspire presença, empatia e responsabilidade, capaz de transformar não apenas saberes, mas também maneiras de olhar, sentir e agir. Seja em ambientes presenciais ou virtuais, o cuidado permanece o mesmo: **tratar cada pessoa como imagem de Deus, portadora de história, cultura e pensamento próprios**. Quando o conhecimento é construído em conjunto, e não imposto, a educação acontece.

Ela emerge no diálogo, mas também na escuta, no silêncio reflexivo, no espaço onde nem sempre há respostas definitivas, mas sempre há sentido. Porque aprender faz parte da vida, constrói a vida e revela o que há de mais humano em nós.

É nesse espaço de encontro, diálogo e sensibilidade ao outro que eu me reconheço como pessoa, filha, mãe, esposa, amiga, pastora e docente.



**QUANDO OS SONHOS ENCONTRAM CAMINHO:**
**A DOCENCIA QUE AMADURECEU**

*Daiane Martins Batista*

Minha história começa na infância, quando eu sonhava em ser professora. Era um sonho simples, quase silencioso — desses que não fazem barulho, mas acompanham a gente por muito tempo.
Na adolescência, porém, outras vozes começaram a se sobrepor à minha. Criada em um ambiente cristão, em uma família repleta de amor e cuidado, aprendi sobre Deus, mas também absorvi, ainda que sem palavras, a ideia de que ser mulher era ocupar um lugar menor. Eu cria, mas, ao mesmo tempo, duvidava: será que Deus me amava? Será que eu, sendo mulher, carregava em mim valor, chamado, autoridade?

Essas dúvidas não me afastaram da fé, mas me fragmentaram por dentro. E, sem perceber, passaram a orientar minhas escolhas.
No Ensino Médio, matriculei-me no Magistério. Tudo ia bem até o estágio em salas do Ensino Fundamental I. Foi ali que a idealização encontrou a realidade — e a realidade foi dura. As experiências foram traumáticas o suficiente para que eu me convencesse de que não tinha habilidade para ser professora. Não apenas para ensinar, mas para sustentar aquele lugar.

Mudei para Educação Geral e, com essa decisão, minhas certezas ruíram. O sonho da docência parecia mais uma ilusão do que uma vocação.
Quando chegou o momento da faculdade, escolhi Comunicação Social – Relações Públicas. Logo percebi que não me encaixaria ali. Ainda assim, não me permiti desistir. Eu era a primeira da minha família no Ensino Superior. Havia investimento, financiamento, expectativas — e uma jovem mulher tentando provar que era capaz. Fui até o final. E me formei.

Durante a faculdade, comecei a trabalhar em uma empresa de consultoria em Sistemas de Gestão da Qualidade. Entrei como estagiária, pois ainda estava em processo de formação e aprendia, aos poucos, a me reconhecer como profissional; naquele momento, o título de consultora parecia grande demais. Nesse período, eu me casei — que alegria: o sonho do casamento se realizando — e muitas mudanças ocorreram.
Permaneci na empresa de consultoria por quase dez anos, entre idas e vindas. Um tempo precioso. Fui alocada em diversas organizações, operacionalizando sistemas, organizando processos, aprendendo a fazer funcionar. Comecei como estagiária e terminei como consultora. Ainda assim, muitas vezes, precisei reafirmar meu lugar.

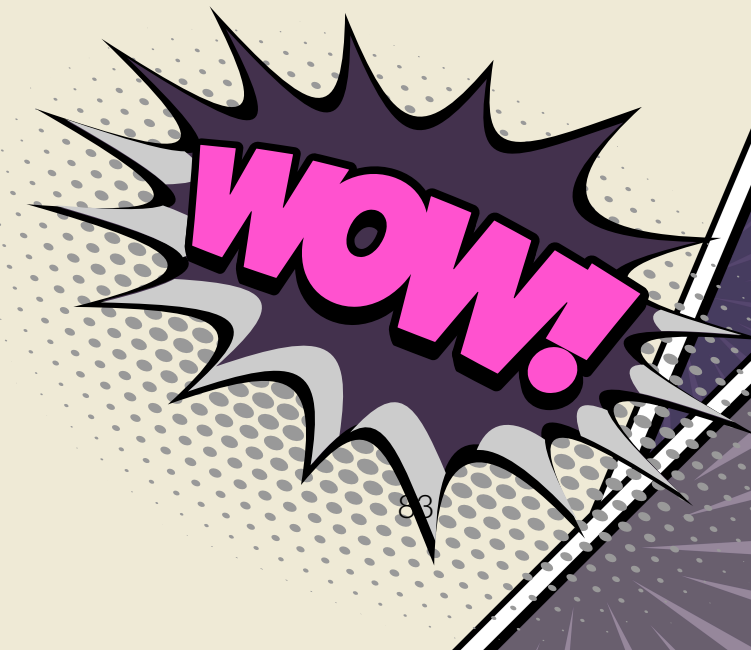
Quando a graduação terminou, o financiamento ainda precisava ser pago. Demorei seis anos para iniciar uma pós-graduação. Quando consegui, escolhi Gestão da Qualidade. Vivi, então, um equilíbrio delicado: durante o dia, atuava como Assessora da Qualidade em uma indústria; à noite, como professora em um curso de tecnólogo.

Foi ali, com aquele público adulto, trabalhador e cansado, que algo se transformou. Reencontrei-me com a docência — não com a idealização da infância, mas com um entendimento precioso: eu não tinha habilidade para ensinar crianças, mas tinha para o ensino, para o diálogo, para a reflexão, para a construção de sentido.

Pensei em seguir para um mestrado em Administração. Mas engravidei. E, pela primeira vez, escolhi não disputar espaço. Escolhi viver a maternidade abundantemente.
Após o nascimento do meu filho, a inquietação retornou. Eu precisava de uma licenciatura. No entanto, outra oportunidade se abriu: os estudos em Teologia. Como já atuava no ministério, fiz essa escolha. Nesse caminho, algo profundo começou a se curar.
Foi um processo — da juventude à vida adulta — de reencontro com o ser mulher: mulher amada por Deus, criada à Sua imagem e semelhança, portadora de dons, habilidades e vocação, filha amada do Pai Celestial.

O tempo passou. Cinco, seis anos. Eu e meu marido respondemos a um chamado: o pastoreio. Ainda assim, o sonho da docência não desapareceu. Ele apenas amadureceu, e passei a atuar de forma mais intensa na área do ensino na igreja.
Quando iniciei a licenciatura, compreendi: não era retorno. Era reconciliação. A menina que sonhava em ser professora não estava errada. O tempo lhe ensinaria que os sonhos não pedem permissão — apenas encontram caminho.
Durante o período da licenciatura, consegui conciliar o trabalho na área da Qualidade em uma escola privada — da Educação Infantil ao Ensino Fundamental II — uma escola cristã. Trabalhava seis horas por dia, enquanto meu filho estudava ali. Pela primeira vez, a vida não se organizava à revelia de mim: era possível conciliar.
Foi um tempo raro. Um daqueles períodos em que as partes deixam de disputar espaço e começam a dialogar.





Eu realizava auditorias, promovia treinamentos, organizava processos. Mas fazia tudo isso em um ambiente que ensinava os valores que eu comungava. A Qualidade deixou de ser apenas técnica e passou a ser ética. Os processos respeitavam as pessoas. A gestão aprendia a escutar a infância.

**Passei a vivenciar a educação. Fé, trabalho e docência não se anulavam — confirmavam-se.**

Participava da formação continuada de mulheres e homens, professoras e professores. E, nesse exercício cotidiano, compreendi que a autoridade pedagógica não se impõe: constrói-se. Ela nasce da coerência, do conhecimento e do cuidado.

**A escola passou a ser o lugar onde minhas diferentes dimensões deixaram de competir e começaram a se integrar.**
**Minha docência deixou de ser busca e passou a ser escolha.**
**Não improviso, mas construção.**
**Não repetição, mas reparação — histórica e espiritual.**

Ao finalizar a licenciatura, outras portas se abriram: primeiro com adultos, depois com jovens e, na sequência, retornei à docência com adultos. Vieram novos caminhos, entre eles o Mestrado em Educação, que ampliou meus horizontes e consolidou minha atuação. A docência, enfim, passou a ocupar um lugar definitivo em minha vida.

A Teologia retornou à minha história não apenas como ministério, mas como linguagem. Ensinar adultos, formar líderes, dialogar com experiências de vida tão distintas revelou algo essencial: minha docência não se limitava a conteúdos, mas à leitura de trajetórias. Foi nesse cruzamento — entre educação e fé — que compreendi meu lugar no Ensino Superior. Eu não ensinava apesar da minha história. Eu ensinava a partir dela.

Hoje, ao olhar para trás, reconheço: cada interrupção foi também preparação. Cada desvio, um alargamento. A mulher que um dia duvidou do próprio valor tornou-se professora não apenas por formação acadêmica, mas por reconciliação interna.
Ser Daiane, hoje, envolve ser filha, irmã, esposa, mãe, professora, pastora — um ser integral, com múltiplos papéis que partem de uma mesma essência, tecida por dons, habilidades, certezas, fé e amor.
Ensinar, para mim, é isso: criar espaços onde outros possam reconhecer quem são — sem precisarem negar aquilo que os constitui.

Sigo com a convicção de que não posso parar. Devo continuar me aperfeiçoando e doando aquilo que Deus me concedeu ao nascer e ao longo de toda a trajetória.




## A Mulher que aprendeu a não se adiar

*Beatriz Maria Zoppo*

Maria aprendeu cedo que a vida não pedia licença , ela simplesmente chegava, ocupava espaço e, às vezes, deixava marcas que só o tempo saberia traduzir.
Era a quinta entre sete irmãos. A casa era pequena para tantos sonhos, mas grande o suficiente para abrigar esperanças. Havia sempre o som das panelas, o cheiro de comida simples e o movimento constante da mãe, que parecia nunca parar. O pai saía cedo, carregando nos ombros a responsabilidade de sustentar não apenas corpos, mas futuros.
Estudem. É a única coisa que ninguém pode tirar de vocês.
Maria guardou essa frase no lugar mais silencioso de si.
Mas havia outras mensagens, ditas quase como carinho, mas que delimitavam horizontes.
O magistério é bom, filha... dá para cuidar da casa, da família...
E Maria, ainda tão jovem, acreditou que aquele era o desenho possível da sua vida. Ela não conhecia outros.
Seguiu. Como tantas seguem.
Amou, sonhou, fez planos simples: uma casa, uma rotina, uma vida que coubesse dentro do que lhe ensinaram a desejar. Trabalhou, começou caminhos que não terminaram, interrompeu sonhos que nem sabia nomear. Havia sempre algo que ficava para depois.
Até que ela decidiu não adiar mais um dos maiores desejos do seu coração.

**Ser mãe.**
**Não foi impulso. Não foi acaso.**
**Foi escolha.**
**Foi espera.**

Foi construção silenciosa de um sonho que ela alimentava há anos, como quem cuida de uma chama pequena, mas persistente. Maria pensava na maternidade com uma espécie de reverência. Não queria apenas ter um filho, queria viver a experiência de maternar com presença, com entrega, com amor consciente.

**Planejou. Imaginou. Sentiu.**

E, quando sua filha finalmente chegou, aos 30 anos, foi como se o mundo inteiro coubesse naquele pequeno corpo.
Maria chorou! Não de medo, mas de reconhecimento.
Era como se, naquele instante, todas as partes dela se encontrassem.

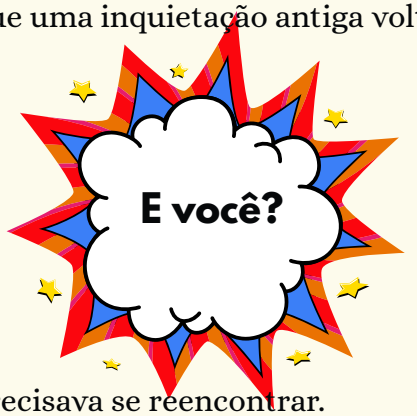
A maternidade a atravessou de um jeito profundo. Nos olhos da filha, ela se viu mais forte. Nos gestos pequenos, descobriu um amor que não exigia explicação. Nas noites mal dormidas, encontrou uma coragem que não sabia que existia.
E, mesmo cansada, mesmo insegura às vezes, havia uma certeza que a sustentava: Eu escolhi estar aqui.

Ser mãe não a apagou.

Ser mãe a revelou.

Mas a vida, com sua forma inesperada de ensinar, trouxe um novo desafio.
Aos 31 anos, a separação.
E, de repente, Maria se viu sozinha.
Sozinha, mas não vazia.

Havia uma filha que a olhava como quem vê um porto seguro. E havia, dentro dela, uma força que ainda estava aprendendo a existir.
Foram dias difíceis. Noites longas. Silêncios que doíam.
Mas também foram dias de reconstrução.
Foi no meio dessa travessia que uma inquietação antiga voltou a sussurrar:




Maria percebeu, então, que precisava se reencontrar.
Não apenas como mãe.
Mas como mulher.
Como alguém que ainda tinha sonhos guardados.
Com a filha pequena, o trabalho exigindo presença e o cansaço tentando convencê-la a parar, ela fez uma escolha que mudaria tudo, ainda que, naquele momento, parecesse pequena.
Matriculou-se em Pedagogia em um dos únicos dias que tinha para descanso: aos sábados.
E foi ali, entre cadernos, textos e pensamentos que começavam a se organizar, que Maria voltou a respirar por dentro.
Cada aula era mais do que conteúdo, era reencontro.
Cada página lida era um pedaço dela que voltava.
Ela não estava apenas estudando.
Ela estava se reconstruindo.
E, aos poucos, algo bonito aconteceu.

Maria se apaixonou ainda mais pela docência. Pelo aprender. Pelo ensinar.

Era como se, finalmente, ela tivesse encontrado um lugar onde podia ser inteira: mãe, mulher, profissional, sonhadora. Mas, como toda paixão verdadeira, Maria ainda não estava contente ela queria mais.
Buscou por especializações. Vieram as perguntas. Vieram as inquietações que não a deixavam mais em paz.

E Maria que antes aceitava os caminhos dados, começou a abrir os seus próprios.
O mestrado não foi fácil.
O doutorado, menos ainda.
Mas, a cada passo, havia uma certeza que a acompanhava: Eu não vim até aqui para parar. E não parou. Hoje, quando Maria entra em uma sala de aula, ela não leva apenas teorias.

**Ela leva sua história.**
**Leva a menina que acreditou no que lhe disseram.**
**Leva a mulher que ousou questionar.**
**Leva a mãe que escolheu amar com profundidade.**

Leva a prova viva de que o protagonismo feminino não nasce pronto, ele é tecido, dia após dia, nas escolhas que ninguém vê, nas renúncias silenciosas, nos recomeços corajosos.

E, às vezes, começa assim:
Quando uma mulher, mesmo cansada, decide não desistir de si.
Quando ela entende que pode ser muitas, sem deixar de ser ela.
Quando ela percebe que seus sonhos também merecem existir.
E que nunca, nunca é tarde para voltar a buscá-los.



## As mulheres que habitei
## Todas ainda moram em mim

*Kellin Cristina Melchior Inocencio*

Há um tempo fui criança...
Há um tempo fui criança da vó, Polaca, Kellinha; depois me tornei Kel, amor, profe... e agora, quando me lembram de quem eu sou, é como se várias versões de mim se encontrassem no mesmo canto da casa. O nome que mais ecoa entre as paredes é "mamãe".
Acho que sou todas essas de uma só vez, muitas vezes nem percebendo que deixei uma para ser outra, como se eu tivesse atravessado minha própria vida sem olhar direito no espelho.

***Minha primeira mulher***

Cresci num lar onde o homem provia, a mulher obedecia e muitas vezes sofria, mas ouvia, em tom de reprimenda, que reclamava sem motivo. Minha mãe, cuidadosa e amorosa, transformava uma casa simples em um lugar que brilhava de tão limpo, com filhas educadas, bem vestidas, roupas simples, mas limpas e bem cuidadas, como se cada botão alinhado fosse um sinal de que ela não tinha deixado nada escapar.
Em meio a tantos afazeres, eu ouvia, quase toda semana, geralmente quando minha mãe enfrentava um tanque cheio de camisas e calças sociais para lavar, repetir em tom de promessa: "Estuda, minha filha, estuda para você não depender de homem." Era mais do que um conselho; era um projeto de liberdade que, sem eu perceber, foi entrando em mim.

Hoje entendo o quanto a vida dela não foi fácil. Mesmo assim, ela fazia tanto pela família que, sem querer, me ensinava que amor também se constrói com café quente na mesa e com cuidados cotidianos. Aquele "você vai ser alguém", dito entre um suspiro e um esfregar de roupa, atravessou o tempo e se tornou parte de quem sou.

Assim, fui aprendendo que existem mães que não
cabem só dentro de casa, mas dentro de toda a história
de quem vem depois.



## A ausência que ficou

Um dia, a casa ficou menor. Meu pai foi embora, foi viver com uma de suas aventuras — entre tantas — e levou consigo muitos sonhos que eu ainda nem tinha tido coragem de nomear, e trouxe para mim medos, tristezas, inseguranças e um juramento mudo de nunca me casar. Não queria repetir essa história. Casamento era sinônimo de dor. Ainda hoje sei que esses anos não foram fáceis de carregar, mas, mesmo em meio a tanto, não apago as memórias boas: ele foi um bom provedor, um homem que, por mais distante que se torne na memória, ainda deixa marcas.

Ficamos só nós três, mãe, irmã e eu, nessa nova configuração de amor que não cabia mais em frases prontas. E foi nesse círculo reduzido que entendi que minha mãe era meu mundo de mulher: meu espelho, minha bússola, a força que eu não imaginava ter dentro de mim. Talvez seja por isso que eu levei a sério, lá daquela idade de cinco ou seis anos, o que ela repetia entre uma tarefa e outra: “Estuda, minha filha.”

## O projeto de liberdade

Sempre fomos simples e sem muitos recursos financeiros, mas nunca pequenas. Estudei em escola pública durante toda a minha vida, da infância até os anos finais do ensino médio. Aprendi a ler, a escrever, a sonhar dentro de uma escola comum, do tipo que existe em qualquer bairro, com carteiras raspadas e quadros apagados.

Mesmo assim, eu me esforçava, era estudiosa, e a mente, dócil, agitada e rápida, vinha em meu socorro. Fui aquela que encarava o caderno como se ele fosse um contrato sagrado entre mim e o futuro. Tinha muito medo de não dar conta dos estudos, mas talvez tenha sido esse medo que me direcionou. Eram os meus estudos, ali, o único objetivo de vida que eu me permitia nomear como verdadeiro projeto de liberdade — aquele mesmo projeto que minha mãe sempre repetia, quase como um mantra.

Cheguei à faculdade, à pós-graduação, ao mestrado, ao doutorado, e hoje, em meus pensamentos e nas planilhas de vida que organizo, ensaio um pós-doutorado. Em meio a esse percurso, o casamento chegou, não como um desfecho, mas como um novo capítulo. E foi também nesse caminho que, sem que eu tivesse planejado, uma gravidez surgiu inesperada — por dois motivos: não estava planejada e, por uma condição que torna a fertilidade quase uma brincadeira cruel do corpo, eu não achava que seria possível.
Mas, para Deus, foi. E, para mim, foi um desafio que quase me devorou.

**Viver a própria história**

Eu me casei. Mas, na véspera, quando me olhei no espelho depois da prova do vestido e da maquiagem, os olhos cheios de expectativa, chorei muito e me perguntei se era isso mesmo, afinal de contas: eu estava quebrando o juramento que fizera a mim mesma de nunca me casar.

Foi um desafio o dia seguinte, pois, dali em diante, minha vida seguiria um caminho que eu nunca tinha planejado. Rezei pedindo discernimento, pedi a Deus que, por favor, não se repetisse a história da minha infância, que não me prendesse ao mesmo ciclo de silêncio e obediência.

Talvez por isso o começo tenha sido tão difícil. Aos poucos, com calma, amadurecimento, as coisas foram se ajustando; talvez eu tenha me permitido, pela primeira vez, viver a minha própria história, sem fantasiar que ela seria exatamente igual nem ao que eu tinha temido, nem ao que eu tinha prometido abandonar.

**Entre o milagre e a tempestade**

Dez anos se passaram. A gestação foi um cruzamento entre milagre e tempestade. Foi superação, foi aceitação, foi a dor de se sentir quebrada em mil pedaços para, em seguida, ser refeita com um tipo de força que eu nem imaginava existir. Diante de mim, surgia uma vida nova, e eu percebia que minha vida de antes não era tão significativa assim.

E, no meio de tudo isso, veio o diagnóstico que fez o chão desaparecer debaixo dos meus pés: eu estava gestando uma criança com alta probabilidade de chegar ao mundo com deficiência. Entre tantas possibilidades, todas me assustavam. Não porque temesse o que eu teria de enfrentar, mas por antecipar a dor de vê-lo sofrendo, sobretudo em uma sociedade que não aceita o diferente, que não sabe olhar sem julgar. Isso me esmagava por dentro.

Aquele gestar não foi luminoso, não foi esse momento de alegria exagerada que as revistas descrevem. Foi, sobretudo, um tempo de superação. Muita fé se movimentou na família, no coração, e eu, em meio a tudo, parecia apenas existir contando os dias para que aquilo terminasse.



**O primeiro segredo**

O parto foi um silêncio pesado, um medo contido, uma dor que eu não sabia se conseguiria suportar. Foram lágrimas, mas, quando o tiraram do meu corpo e o levantaram, eu apenas olhei para ele e disse, como se fosse o primeiro e o último segredo, como se o mundo parasse: “Seja bem-vindo, meu filho amado!” Ganhei novos contornos, novos pensamentos, novas formas de amar.

E, quando tudo acabou, veio o milagre: meu filho nasceu saudável, sem nenhuma intercorrência física ou neurológica, no percentual menor de possibilidades, aquele que todo mundo diz que não acontece.

Confesso que, às vezes, me pergunto se mereço tanto. Deus, que pode me achar uma boa pessoa, foi generoso demais. Não sei se o universo me deu tanto em troca de algo, ou se simplesmente resolveu me lembrar que, mesmo nos momentos mais sombrios, existe um fio de luz. Mas, naquele momento, eu só sei que vi meu filho pela primeira vez e entendi que, com ele, aprenderia a amar de verdade, no sentido infinito e para sempre.

**O que recebi, o que devolvo**

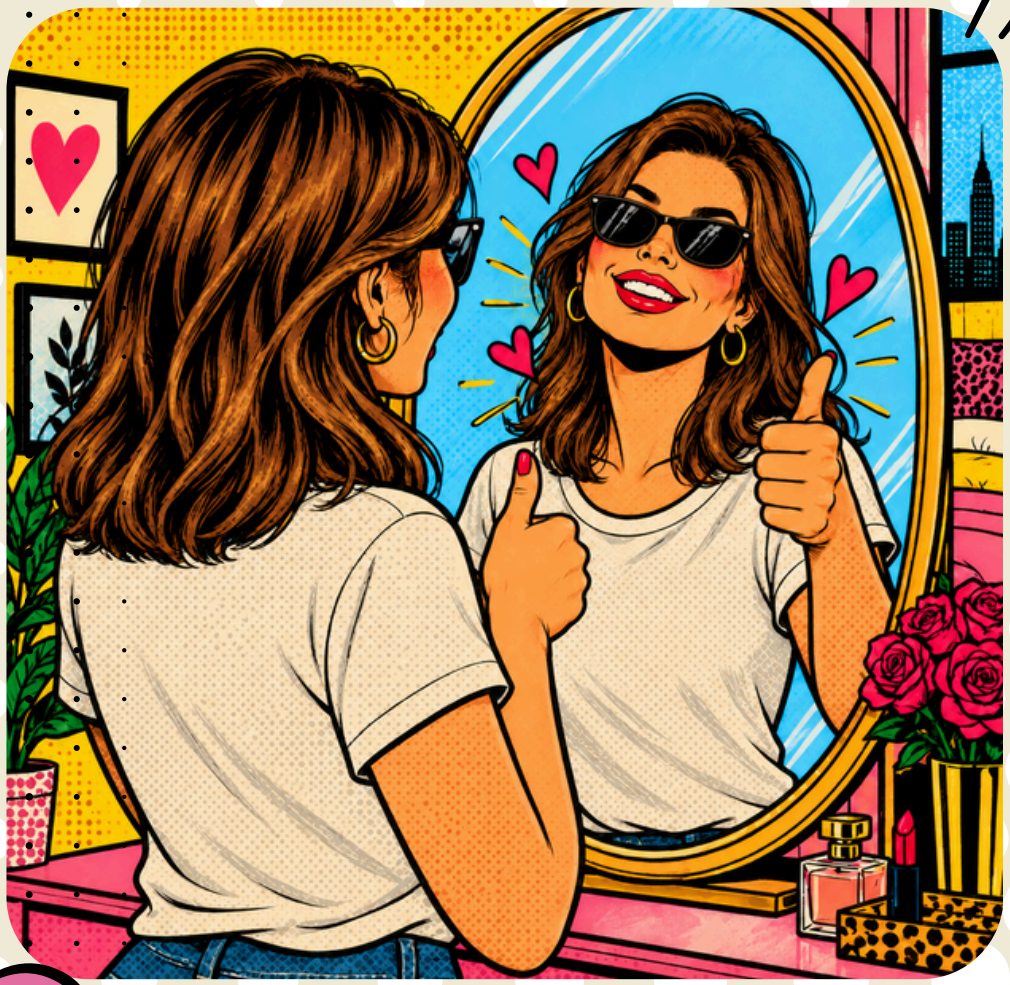
Hoje ele tem oito anos e é o maior amor que me move. É inteligente, esperto e comunicativo, uma mente ágil, acelerada. Parece uma vida inteira perto do quanto aprendi ao seu lado. Com ele, entendi que ser mãe é reaprender a vida em cada olhar, a cada preocupação, a cada alegria, a cada momento de leveza ou de dor. Meus sonhos, agora, sempre o incluem: quero vê-lo crescer, ser um homem do bem, decente, estudado, muito estudado, alguém que saiba olhar e agir com o outro com respeito, um homem leal e de bom coração.
Procuro dar a ele o que minha mãe não pôde me dar na mesma medida: uma escola melhor, um curso de línguas, viagens, esportes, um universo de oportunidades. Mas, acima de tudo, faço por ele o que ela fez por mim: ensino valores, passo força, mostro uma forma especial de ver a vida, de encarar os desafios, de fazer o que precisa ser feito, de ser persistente e de respeitar as pessoas. Ela me ensinou, eu o ensino, e ambos me inspiram.
Das muitas Kellins que já fui, duas me agradam mais: a profissional e a mãe. Não deixo de ser mulher, de ter meus desejos, anseios e sonhos. Não deixo de ser filha, companheira, tia, irmã, amiga... mas ser profissional e mãe faz com que meus olhos brilhem de um jeito diferente.



**Nunca completa, mas inteira**

Hoje, não sei se acho que chegarei muito além do que sou, embora almeje. Afinal, já sou mãe, já me descobri como mulher, já me encontrei com culpa e com cuidado, já estudei. Sinto que tenho muito mais a agradecer do que a pedir. O meu caminho tem espinhos que me fizeram aprender a caminhar com os pés firmes, a cabeça erguida, o peito aberto. Mas também tem flores lindas, admiráveis e perfumadas.

Essa soma — dor e benção, trabalho e afeto, insegurança e força — me faz olhar no espelho e me ver como uma mulher agradável, forte, leal, admirável, e talvez, só talvez, em alguns momentos, especial. E, no fim, é nessa Kellin que me reconheço: a que nasceu dona do próprio nariz, amadureceu entre espinhos, floresceu ao lado de uma criança e, mesmo com tantas versões de si mesma, ainda segue se tornando, sem nunca se sentir completa, mas, inteira.



# A HISTÓRIA QUE APRENDI A CONSTRUIR

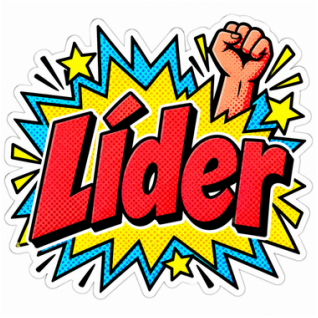
*Dinamara Pereira Machado*

Há muitas formas de contar uma trajetória profissional. Algumas histórias enfatizam cargos, resultados e conquistas. Outras preferem destacar obstáculos superados e dificuldades enfrentadas. Quando penso na minha própria caminhada, porém, percebo que ela pode ser compreendida a partir de três palavras que, durante muito tempo, foram tratadas como se pertencessem a universos distintos:










Nem sempre essas três dimensões caminharam juntas na história das instituições educacionais.

As mulheres foram frequentemente reconhecidas por sua capacidade de trabalho, por sua dedicação ao ensino, pelo cuidado com estudantes e equipes. Foram elogiadas pela sensibilidade, pela organização e pela capacidade de sustentar projetos.

O reconhecimento de sua produção intelectual e de sua capacidade de liderança, entretanto, muitas vezes seguiu um percurso mais lento.

Durante muito tempo, as mulheres estiveram presentes nas salas de aula, mas nem sempre nos espaços onde as decisões eram tomadas.

Essa constatação não nasce de ressentimento. Nasce da observação.

Ao longo da minha trajetória, fui compreendendo que ocupar posições de liderança significava também afirmar algo maior do que uma conquista individual. Significava demonstrar que era possível transitar entre a produção de conhecimento, a formação de pessoas e a responsabilidade institucional sem abandonar nenhuma dessas dimensões.

Nunca me interessou a liderança pela liderança.

Nunca fui mobilizada pela ideia de ocupar cargos ou acumular funções.

O que me moveu foi a Educação.

Foi a possibilidade de construir espaços mais potentes de aprendizagem.

Foi a oportunidade de ampliar caminhos para estudantes, professores e equipes.

A gestão surgiu como consequência dessa escolha.

Antes de me tornar diretora, coordenadora ou gestora, eu era professora.

E antes de ser professora, fui estudante.

Talvez seja por isso que a liderança nunca tenha se separado, em minha trajetória, do compromisso com o conhecimento.
Aprendi cedo que estudar não amplia apenas aquilo que sabemos.
Amplia também aquilo pelo qual nos tornamos responsáveis.
Quanto mais compreendemos a realidade, mais difícil se torna ignorar suas contradições.
A formação acadêmica exerceu um papel decisivo nesse processo.
Cada graduação, o mestrado, o doutorado e os pós-doutorados não representaram uma acumulação de títulos. Representaram etapas de uma construção intelectual contínua.
Em algum momento compreendi que a formação não consiste em colecionar respostas.
Consiste em aprender a formular perguntas melhores.
Perguntas mais profundas.
Perguntas mais úteis.
Perguntas capazes de produzir transformação.
Foi assim que autores e autoras deixaram de ser apenas referências bibliográficas e passaram a integrar minha maneira de olhar o mundo.




Gramsci ensinou-me a desconfiar da indiferença. Paulo Freire ensinou-me a reconhecer o diálogo como condição da aprendizagem. Simone de Beauvoir ajudou-me a compreender que os lugares ocupados pelas mulheres não são determinados pela natureza, mas produzidos historicamente. Peter Senge ensinou-me a observar relações onde antes eu enxergava apenas fragmentos. Nenhum deles me ofereceu respostas prontas. Mas todos ampliaram minha capacidade de interpretar a realidade e, consequentemente, minha capacidade de agir sobre ela.

**Ela não é uma coleção de diplomas.**
**É uma forma de olhar.**
**Uma forma de perguntar.**
**Uma forma de duvidar.**
**Uma forma de decidir.**




Talvez por isso eu tenha levado para a liderança uma característica que sempre me acompanhou na docência: a necessidade de compreender antes de agir.

Muitas vezes se espera que líderes sejam pessoas que oferecem respostas rápidas.

Ao longo dos anos, aprendi algo diferente.

As melhores decisões raramente nascem da pressa.

Elas nascem da escuta.

Da análise.

Da capacidade de reunir informações diversas e construir sentido coletivo.

A liderança que procurei desenvolver nunca esteve baseada na centralização.

Sempre esteve baseada na aprendizagem.

Aprendi que uma organização educacional cresce quando o conhecimento circula.

Quando boas práticas deixam de pertencer a um indivíduo e passam a integrar o patrimônio coletivo de uma equipe.

Quando pessoas descobrem que podem contribuir.

Quando professores se reconhecem como autores.

Quando estudantes encontram oportunidades para desenvolver suas potencialidades.

Quando lideranças formam novas lideranças.

Foi nesse percurso que passei a refletir com maior profundidade sobre o significado de ser mulher em espaços de decisão.

Em muitos ambientes, mulheres são **valorizadas** por sua capacidade de **realização**.

Nem sempre são **reconhecidas** por sua capacidade de **formulação**.

Existe uma diferença importante entre executar projetos e definir seus rumos.
Existe uma diferença entre participar das decisões e construir as decisões.
Ao longo da minha trajetória, percebi que ocupar posições de liderança significava também afirmar minha condição de intelectual.
Não bastava administrar processos.
Era necessário produzir ideias.
Construir argumentos.
Defender projetos educacionais.
Sustentar escolhas fundamentadas.
Participar da formulação dos caminhos institucionais.
Essa talvez tenha sido uma das aprendizagens mais importantes da minha vida profissional.
Liderar não significa apenas organizar pessoas.
Significa produzir sentido.
Significa ajudar uma comunidade a compreender para onde está caminhando e por que está caminhando naquela direção.
Em muitos momentos, precisei chegar mais preparada.
Precisava estudar mais.
Ler mais.
Fundamentar melhor minhas posições.
Não porque me faltasse competência.
Mas porque compreendia que a legitimidade da liderança se constrói diariamente.
Aprendi, então, que autoridade não nasce do cargo.
Nasce da coerência.
Nasce da capacidade de alinhar discurso, conhecimento e prática.
Nasce da confiança construída ao longo do tempo.
Essa compreensão transformou profundamente minha relação com a liderança.

Passei a enxergá-la menos como posição e mais como responsabilidade.
Como professora, eu respondia pelas minhas aulas.
Como líder educacional, passei a responder por projetos, equipes, estudantes, indicadores, decisões e futuros possíveis.
Foi nesse deslocamento que compreendi que autoridade não é privilégio.
Autoridade é responsabilidade ampliada.
Quanto maior a influência, maior a obrigação ética de compreender os impactos das próprias decisões.
Por isso, nunca me interessei por formas de liderança baseadas no controle.
Continuo acreditando que as organizações produzem seus melhores resultados quando as pessoas encontram espaço para aprender, contribuir e criar.
Uma liderança que concentra tudo ao seu redor fragiliza a instituição.
Uma liderança que desenvolve pessoas fortalece o futuro.
Com o passar dos anos, também fui compreendendo que minha presença em posições de liderança possuía um significado que ultrapassava minha trajetória individual.
Cada professora estimulada a assumir novos desafios.
Cada pesquisadora incentivada a publicar.
Cada coordenadora encorajada a ocupar espaços de decisão.
Cada estudante que descobria sua própria potência intelectual.
Tudo isso fazia parte de algo maior.
Liderar passou a significar abrir caminhos.
Não caminhos para mim.
Caminhos para outras pessoas.
Especialmente para outras mulheres.
Não desejo ser lembrada como uma exceção.
Exceções costumam ser celebradas justamente porque continuam raras.
Meu compromisso sempre foi contribuir para que mulheres intelectuais, professoras, pesquisadoras e gestoras ocupem esses espaços com naturalidade, competência e legitimidade.
O verdadeiro avanço não acontece quando uma mulher chega a um lugar de liderança.
Acontece quando sua chegada ajuda a ampliar as possibilidades para muitas outras.
Hoje compreendo a liderança feminina menos como uma característica pessoal e mais como uma responsabilidade histórica.
Uma responsabilidade com aquelas que vieram antes.
Com aquelas que caminham ao nosso lado.
E com aquelas que ainda virão.



Se existe um legado que desejo construir, ele não está apenas nos cursos que ajudamos a desenvolver, nos projetos que coordenamos ou nos resultados que alcançamos. Está, sobretudo, nas pessoas.
Nas professoras que fortaleceram sua confiança intelectual.
Nas pesquisadoras que encontraram espaço para produzir conhecimento.
Nas estudantes que descobriram novas possibilidades para suas trajetórias.
Nas lideranças que aprenderam a exercer autoridade sem abandonar a humanidade.
Foi então que compreendi algo essencial.
Liderar não é chegar primeiro.
Liderar é ampliar o número de pessoas que podem chegar.
E talvez seja exatamente nesse ponto que mulher, intelectual e líder educacional deixam de ser dimensões separadas.
Porque foi como mulher que aprendi o valor da persistência.
Foi como intelectual que aprendi a pensar criticamente o mundo.
E foi como líder educacional que compreendi que conhecimento só alcança sua plenitude quando se transforma em oportunidade para os outros.
Essa é a forma pela qual desejo contar essa parte da minha história.

Com a trajetória de uma mulher que encontrou no conhecimento sua forma de autonomia e na Educação sua forma de intervenção no mundo.
Uma intelectual que aprendeu a transformar reflexão em ação.
E uma líder educacional que descobriu que seu papel mais importante não era ocupar espaços, mas ajudar outras pessoas a reconhecer que esses espaços também lhes pertencem.



# PERMANÊNCIA E SUPERAÇÃO

*Renata Burgo Fedato*

Minha vida não cabe em um texto, certeza que a sua também não.
Nem mesmo os sofrimentos, as alegrias ou as superações.
Ainda assim, escrever pode ser uma forma de perdão — ou de auto-perdão.
Pode ser amor e autoamor.

Reconhecimento e autorreconhecimento.
Por isso, escrevo este texto como terapia.
Proponho-me a desvelar algumas partes da minha história sem me preocupar com o seu juízo. Sim, o seu, que me lê agora.
Concorda comigo que, muitas vezes, eu e você **fomos e somos juízes** de muitas vidas?
De muitas pessoas?

Julgamos. E fomos e somos julgados.

Esse é um ato herdado historicamente pela humanidade.
Mas quem é, afinal, o verdadeiro detentor da sabedoria?
É impossível não recorrer a Jesus de Nazaré quando, em um de seus ensinamentos, afirma: "Atire a primeira pedra aquele que não tem pecados."

Tudo bem se você não acredita em Jesus.
Ainda assim, sabe que essa máxima é irrefutável, não é?

**Então, desarme-se.**
Coloque sua pedra no chão.
Leia a minha história sem armas, sem preconceitos, sem julgamentos.
Caminhe comigo de mãos dadas nesta aventura de narrar uma vida, como se estivéssemos juntas — eu e você — mergulhadas na certeza de que a vida só é melhor quando abrimos o coração para sentir a dor do outro.
E para compartilhar o sentimento mais puro que existe: o amor. Não peço que você me ame. Afinal, também não amo você.

Mas talvez possamos, nesta relação silenciosa que nasce com a leitura deste texto, despertar algo maior: o respeito e a empatia por tudo o que aqui será declarado, vivido e ressignificado.

**Adolescência: o corpo como campo de batalha**

Minha adolescência não foi fácil.
Não foi, como muitos costumam dizer, uma fase de descobertas leves e divertidas.
Aos doze anos, quando meu corpo começava a se desenvolver para me tornar mulher, vivi algo que não compreendia: um crescimento desordenado das mamas.
Aos treze, já convivendo com a depressão, tive seios visivelmente diferentes, precisei me adaptar da forma que foi possível.
Preenchimentos de espuma de travesseiros era feito apenas em uma das mamas, pois a outra já era grande o suficiente. Não se tratava de estética. Tratava-se de tentar equilibrar um corpo que estava errado.
Não era vaidade.
Era sobrevivência.
Meu pai e minha mãe sofreram muito com tudo isso.
No mesmo período, meu pai comprou uma sorveteria e faliu em menos de dois anos.
A casa atravessava uma crise financeira, e eu atravessava uma crise silenciosa com o meu próprio corpo.
Comia muito para sumir com minhas dificuldades.
Aos poucos, cheguei aos 70 quilos.
A comida era consolo, escudo e anestesia.
No desespero, meus pais me levaram a uma cirurgiã plástica para avaliar se algo poderia ser feito. Mas meu corpo ainda estava em desenvolvimento.
Não havia cirurgia possível.
A médica disse uma frase que ecoou por anos dentro de mim:
"Precisamos esperar o corpo parar de crescer."
Eu tinha treze anos. Parar de crescer parecia impossível.

A cada 4 meses, fazíamos exames de raio-x para verificar se o crescimento ósseo havia se estabilizado.
Enquanto isso, eu aprendia a desaparecer.
Vestia camisetas polo do meu pai — grandes, largas, com tecido mais grosso.

Elas ajudavam a disfarçar as irregularidades dos preenchimentos de espuma escondidos em apenas um lado do meu peito.
Assim, muito cedo, aprendi que o corpo feminino pode ser um campo de batalha.
E que, antes mesmo de aprender a ser mulher, eu precisei aprender a me proteger.
Tarsila do Amaral me representava em sua obra Antropofagia. **Aos mestres da arte que me desculpem**, mas minha interpretação era: sou aquela mulher maior, e num processo antropofágico, gostaria de ser a outra, sentada, magra, quase sem peitos, na realidade, queria sumir, ser consumida, engolida.

**A cirurgia, a dignidade e o amor**

Aos dezesseis anos, os exames confirmaram que meu corpo havia concluído o desenvolvimento.
Poderíamos, enfim, fazer a cirurgia.
Que alegria.

Talvez, finalmente, eu pudesse me desenvolver como uma menina.
Talvez pudesse gostar do meu corpo.
Mas logo veio outra "bomba":não tínhamos dinheiro para a cirurgia.
Foi então que meus pais tiveram uma ideia.
Minha mãe possuía um freezer vertical, aqueles eletrodomésticos que fazíamos consórcio, e meu pai decidiu fazer uma rifa para arrecadar o valor necessário.
Assim, minha história foi para os ouvidos de muitas pessoas. Morávamos no interior, numa cidade muito pequena, onde todos se conhecem!

Não sei o que pensaram.
Nem como pensaram.
Mas hoje imagino o quanto deve ter sido doloroso, para um pai e uma mãe, expor a própria dor para cuidar de uma filha.
Ao final dos meus dezesseis anos, havíamos conseguido parte do valor.
E, com as bênçãos de Deus, algo profundamente humano:
a cirurgiã e o anestesista cobraram apenas os materiais, pois os medicamentos, a hospedagem na clínica e o próprio trabalho deles, foi doado a mim.

Doaram técnica.
Doaram excelência.
Doaram tempo.
Doaram amor.
Aos dezessete anos, ganhei o meu primeiro sutiã.
Lindo.
Meu.
Pela primeira vez, pude usar blusas com alcinhas.
Pequenos gestos para muitos, imensos para quem passou anos tentando esconder o próprio corpo.

Aquela cirurgia não foi apenas um procedimento médico, que para muitos era estético.
Foi a devolução da minha dignidade enquanto mulher.



**Doença, luto e metamorfose**

Quando pensei que a vida me permitiria respirar, um novo desafio surgiu:
o diagnóstico de uma doença grave e sem cura, a tal da Esclerose Múltipla (EM). Reforço aos leitores, não é a Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA) mas a Múltipla. São nomes que carregam monstros, mas minha solidariedade aos que possuem a ELA.
A notícia não veio apenas como informação médica.
Veio como um terremoto silencioso que virou de pernas para o ar o meu mundo e o da minha família. A frase dita foi: fique tranquila que a melhor doença autoimune que você pode ter é a Esclerose Múltipla. Vieram os exames, os nomes difíceis, consultas, internamentos, suspeitas de AIDS, de Leucemia (os resultados dos exames eram parecidos) etc.
Vieram também os olhares, as frases e as atitudes daqueles que não sabem como fazer e ajudar, porque nem mesmo nós sabemos o que fazer, pensar, sentir, comentar.
Mais uma vez, a sensação de querer explodir, sair do próprio corpo.
Teve olhares de pena, compreensível.
De curiosidade, compreensível.
De julgamento, também compreensível. Ninguém sabe o que fazer!
Mas eu não era a minha doença. E fui me acomodando a ela! Porém, não permitia a ***ninguém*** conversar sobre a doença comigo. Não queria, era uma forma de rejeição, quem sabe ela sumisse, rs.
Quando já estava indo bem, veio o monstro chamado COVID-19.
E a única coisa que eu e minha família sabíamos era: proteja-se, pois não existem estudos da reação da Covid com a Esclerose Múltipla. E assim fui, sem ver meu pai, mãe, irmã, sobrinhos ...
Em meio a esse processo, sem ver meu pai pela Covid-19, em 2021, a maior **dor** do UNIVERSO chegou: meu pai desencarnou.
Sua morte foi inesperada. Rápida. Devastadora.
Não houve tempo para despedidas, afinal foi em apenas 15 minutos (infartou), e não o tínhamos mais aqui.
Houve silêncio. Houve espanto. Houve uma dor imensa que atravessou toda a família.

Perder meu pai foi como perder o chão. O homem que rifou o que tinha para proteger a filha. O homem que ensinou, com gestos simples, o significado do cuidado.
Foi após sua partida que tomei uma decisão difícil, porém necessária: deixar o país em busca da saúde, remédio, fisioterapia, tratamentos e bem-estar mental.
Não foi mudar por mudar, foi se encorajar para mudar, por mil fatores.
Mudar de país não é apenas atravessar fronteiras geográficas. É reconstruir a identidade longe dos afetos, dos referenciais e das memórias.
Levei comigo a adolescente julgada pelo corpo, a mulher que convivia e convive com a doença crônica, e a filha que precisou aprender a viver sem o pai.
Mas sempre afirmo como forma de proteção: Nada ficou para trás. Tudo veio comigo.



**Docência, pesquisa e humanidade**

Essas experiências não são capítulos isolados da minha história.
Elas se entrelaçam.
Foi desse percurso que nasceu a minha trajetória profissional.
Escolhi a educação não por acaso, mas por consciência.
Compreendi, muito cedo, o peso que um olhar pode ter sobre uma vida.
O mestrado me ajudou a organizar academicamente inquietações que nasceram da existência.
O doutorado aprofundou não apenas o pensamento, mas a responsabilidade ética de ser, estar, ensinar e aprender com o mundo.
Na docência no ensino superior, especialmente na modalidade EaD, encontrei um espaço profundamente coerente com quem me tornei.
A educação a distância não é ausência de presença.
É presença mediada.
Na sala virtual, encontro estudantes que também carregam dores invisíveis, lutos silenciosos, jornadas múltiplas e histórias que não cabem em formulários e em tutorias.
Minha prática docente é atravessada por tudo isso.
Ensino, mas escuto.
Avalio, mas não reduzo.
Oriento, mas não julgo.
Não acredito em uma educação neutra.
Acredito em uma educação humana.

Escrever minha história foi um gesto de autocuidado e memória aos anjos que passaram ou que permanecem em minha história. Anjos que preencheram, e muitos ainda preenchem minha vida com presença e afeto — alguns vieram como amigos, outros como ***"chefas"***, outros ainda com quatro patinhas que alegram meus dias, e todos deixaram marcas em mim.
Hoje, aos 41 anos, olho para a adolescente que improvisava preenchimentos de espuma para caber no mundo e sinto ternura.
Ela não sabia, mas já estava aprendendo a existir e resistir.
Olho para a mulher que recebeu um diagnóstico sem cura de uma doença neurológica e sinto respeito.
Ela aprendeu que para além de sustentar o corpo que pesa e se desequilibra, viver é sustentar o presente.
Olho para a filha que perdeu o pai e sinto saudade. Uma saudade que doi, mas que ensina a amar com mais sentido e presença.
Não cheguei até aqui pronta, na realidade nem sei como cheguei.
Mas cheguei em pedaços que me constroem e orgulhosa do que te conto.

Se você chegou até o fim deste texto talvez também carregue dores que ninguém vê.

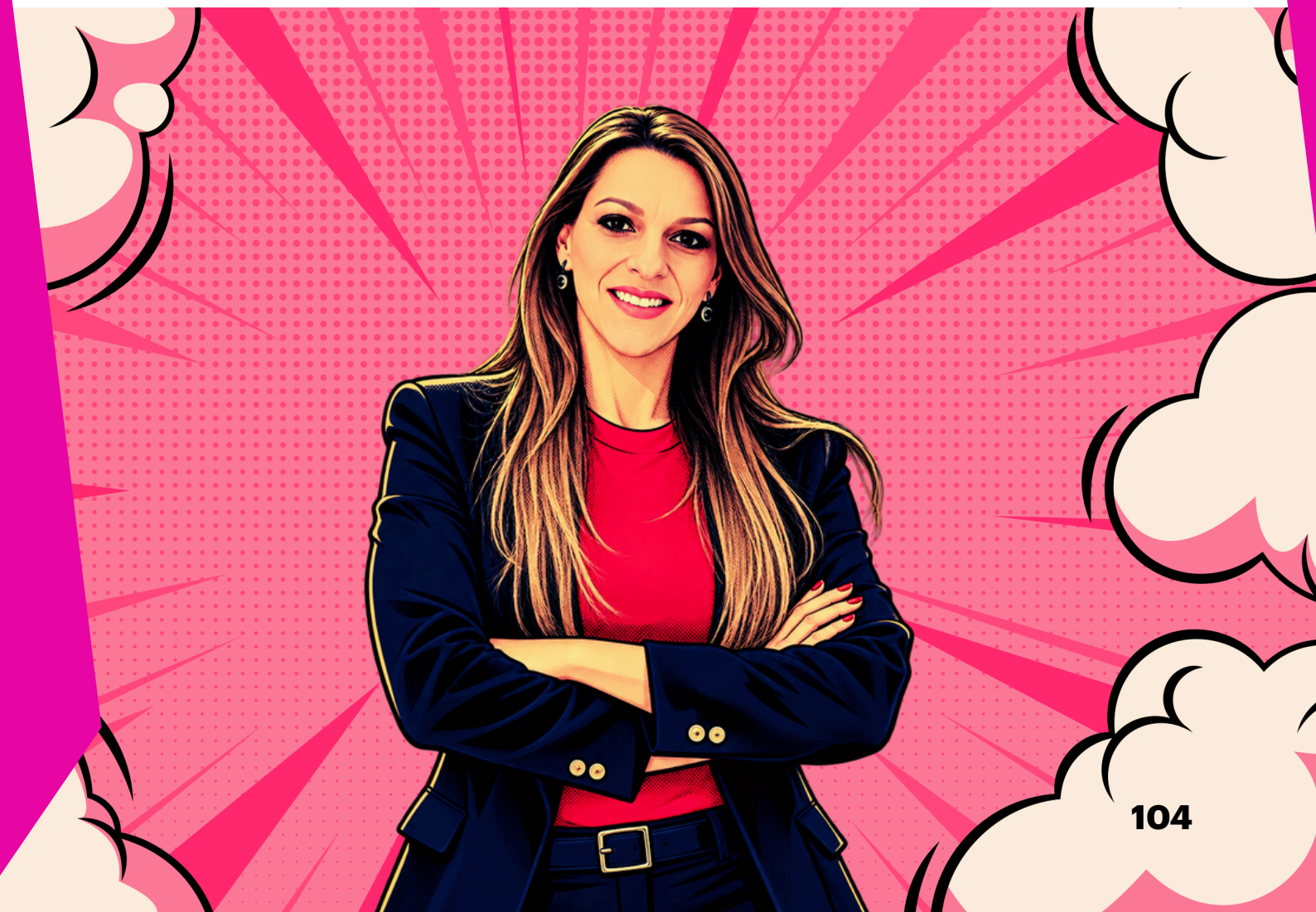
Que esta história sirva como convite para abaixar as pedras, suavizar os olhares e lembrar que **toda vida é mais complexa do que aquilo que se mostra.**

Esta não é uma história de superação heroica. É uma história de permanência.
Permanecer sensível e Humana, para mim, isso já é mais do que suficiente.

Como começamos a história de mãos dadas, não vamos soltá-las, o que acha?
Mas antes prometa-me: ainda virão silêncios e lutas em que o enfrentamento será necessário.

E é certo que estaremos
PREPARADAS, FORTALECIDAS, RESSIGNIFICADAS, ok?

**Julgamentos virão, isso é um fato!**
**Mas sejamos menos severas umas com as outras,**
**pois de severidade já basta a minha e a sua história de vida!**



Dinamara Pereira Machado
Renata Burgo

Organizadoras

# O que não está no Lattes: relatos de amor e trabalho

ESCOLHA CERTA
Editora